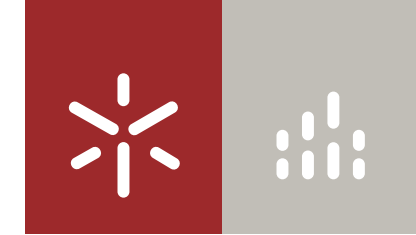


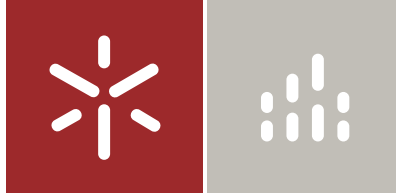


Rui Pedro Ferreira

Fábrica das Histórias
A narrativa como ferramenta para a
reconversão de espaços abandonados.
O exemplo da fábrica têxtil Belcor.

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Rui Pedro Ferreira

Fábrica das Histórias
A narrativa como ferramenta para a
reconversão de espaços abandonados.
O exemplo da fábrica têxtil Belcor.

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Arquiteta Marta Labastida Juan

DECLARAÇÃO

Nome: Rui Pedro de Sousa Guimarães Ferreira

Endereço electrónico: rui_ferreira_3@hotmail.com

Telefone: 919681238

Número do Bilhete de Identidade: 14614439

Título dissertação /tese: Fábrica das Histórias. A narrativa como ferramenta para a reconversão de espaços abandonados.

O exemplo da fábrica têxtil Belcor.

Orientador(es): Marta Labastida

Ano de conclusão: 2017/2018

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Mestrado Integrado em Arquitectura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: Rui Pedro de Sousa Guimarães Ferreira

Agradecimentos

Porque uma história não vive sem personagens, agradeço:

à Câmara Municipal de Felgueiras, pela disponibilidade e fornecimento de todo o material necessário;

a todos os autores e entrevistados que, direta ou indiretamente, contribuíram com múltiplas histórias, contos e relatos sobre o edifício, o território e a sua comunidade;

aos colegas e amigos que me ajudaram, não só ao longo do curso como no decorrer na investigação;

à professora Marta, por todo o acompanhamento ao longo do trabalho, e sobretudo por mostrar que não é preciso muito para ser muito;

à família, pelo apoio fundamental nesta caminhada e em todas as fases decisivas;

a ti Ba, por seres a personagem principal.

A todos o meu obrigado!

Resumo

Um dos principais problemas do território urbano contemporâneo é a sua descontinuidade marcada pela presença de terrenos vagos e edifícios abandonados, resultado de respostas económicas e programáticas desadequadas geradas essencialmente pela crise financeira do início do (presente) século. Este fenómeno ganhou preponderância especialmente nas cidades de matriz industrial, como no caso em análise (a cidade de Felgueiras) consequência das grandes dimensões destes lugares, que criam problemas de difícil resolução na malha urbana.

Face a este cenário de abandono surgem, na generalidade dos casos, ações descontextualizadas que apenas visam a exploração e rentabilização destes espaços, ignorando muitas das suas características potenciadoras de oportunidades. Estes, apesar de transportarem uma carga negativa, são espaços singulares que formam parte da memória coletiva e identidade da população, e o seu estado latente, o vazio dos seus espaços, são a sua maior potencialidade.

Ao contrário das medidas convencionais, em que este vazio seria visto como uma tábua rasa para a aplicação de determinado programa, o objetivo é, através de um caso de estudo (a fábrica Belcor), a proposta de um olhar aproximado e uma análise a este "espaço entre" no processo de abandono, não procurando encontrar a solução, mas formas alternativas de atuar no espaço.

O desafio de projetar no "entretanto", que apesar de oportunidade futura se revela condicionado pelo passado. A tentativa de diminuir distâncias entre o espaço devoluto e a cidade. Uma posição entre a história do lugar e a ficção, entre o real e o imaginado.

Desta forma, a narrativa é utilizada como ferramenta de análise, permitindo relacionar histórias pertencentes a diferentes tempos, sejam memórias do passado ou necessidades do presente, de modo a encontrar pontos de relação que fomentem ações futuras. Posto isto, além de diferenciadoras as ações revelam-se assentes na identidade do lugar e nas suas necessidades, sendo a fábrica não só um lugar de representação de histórias como também a máquina onde estas são produzidas.

Abstract

One of the main problems of the contemporary urban territory is the fragmentation caused by the presence of vacant lands and abandoned buildings. This is the result of inadequate economic policies, mainly those implemented during the financial crisis of the beginning of this century. This can be seen especially in industrial cities, such as in the case analysed (city of Felgueiras), as a result of the large scale of these places, that generate serious problems in the urban grid.

An answer to this problem comes, in most cases, in the form of decontextualized actions focused only in exploitation and monetization of the spaces. It is also the result of ignoring many of its potential opportunity-leading characteristics. Despite the negative image associated with these places, they are part of the collective memory and identity of the population, and this latency and the empty space are its greatest potential.

Normally, this emptiness would be seen as an opportunity to set up a building program. The intention here is different. Using the case study of Belcor factory, I want to propose a different perspective and a analysis of this "space between" in the ruin process, not looking for a solution, but for alternative forms of how to use the space.

The challenge of drawing in the "meanwhile", despite being a future opportunity, is also conditioned by the past. The attempt to reduce the distance between the shattered space and within the city. A position between the history of the place and the fiction, between the real and the imagined.

Thus, the narrative is used as a analysis tool, connecting stories of different times, such as memories from the past and present needs, in order to find connection points to encourage future actions. This being said, apart from being distinctive, these actions are based on the identity and needs of the place and the factory is not only a representation of these stories but also the machine where they are created.

Índice

5.....	INTRODUÇÃO (PARTE I) : HISTÓRIAS COMO NARRATIVA
--------	---

Capítulo I. CITAÇÃO

16.....	A rota até <i>terrain vague</i> . I.I.
22.....	As cidades (in)visíveis. I.II.
28.....	Identidade de palimpsesto. I.III.

Capítulo II. BIOGRAFIA

36.....	Sandokan e o imaginário rural. II.I.
42.....	Felgueiras, um comboio e a 1ª Guerra Mundial. II.II.
50.....	A inesperada (r)evolução. II.III.

Capítulo III. CENÁRIO

60.....	Com os pés na Guerra das Estrelas. III.I.
66.....	A paragem dos motores. III.II.
72.....	Uma cidade amórfica. III.III.

Capítulo IV. FICÇÃO

80.....	Campanha (proj)atual. IV.I.
86.....	Visões da população. IV.II.
90.....	Um futuro com os olhos no passado. IV.III.

INTRODUÇÃO (PARTE II) : HISTÓRIAS COMO PROJETO	97
--	----

Capítulo V. (CIT)AÇÕES INTRODUTÓRIAS

V.I. No <i>terrain vague</i>	108
V.II. A ruína visível.....	112
V.III. A escrita do palimpsesto.....	116

Capítulo VI. MARCAS DE UMA BIOGRAFIA

VI.I. A permanência do imaginário rural.....	122
VI.II. A passagem do comboio.....	126
VI.III. Vestígios da (r)evolução.....	130

Capítulo VII. CENÁRIO COMO REFLEXÃO

VII.I. Uma nova guerra.....	136
VII.II. A estrutura como motor.....	140
VII.III. Panorama amórfico.....	144

Capítulo VIII. A FICÇÃO PROJETADA

VIII.I. (Proj)ação autárquica.....	150
VIII.II. Propostas da população.....	154
VIII.III. Um futuro como memória.....	158

REFLEXÕES.....	163
ATLAS DE IMAGENS.....	169
BIBLIOGRAFIA.....	199
ÍNDICE DE IMAGENS.....	209
ANEXOS	215

INTRODUÇÃO (Parte I): Histórias como Narrativa



Figura I A Fábrica

*"A experiência da urbanidade contemporânea está marcada pela presença do abandono, do vazio e do arruinamento."*¹

São inúmeros os espaços abandonados que preenchem as paisagens quotidianas, fazendo as ruínas, os edifícios abandonados ou os terrenos vagos parte integrante das cidades contemporâneas.

Nos finais do século XX o modelo de desenvolvimento urbano em Portugal fundamentou-se, sobretudo, numa economia dependente do setor da construção que favoreceu a especulação imobiliária, alterando consideravelmente o paradigma de expansão urbana vivido até então. No entanto, com a crise financeira que atingiu o país nos finais da primeira década do século XXI, que se fez sentir em todos os setores, mas principalmente no imobiliário, o desaceleramento e consequente paragem dos processos construtivos despoletou rapidamente o aparecimento de novos vazios urbanos que marcam hoje grande parte da paisagem urbana. Resultado desta crise, também outros sectores viram a sua deslocalização e/ou encerramento de atividades, como é o caso das indústrias, equipamentos militares ou mesmo os cinemas locais, acrescentando aos novos vazios, outros espaços desocupados e possivelmente futuras ruínas.

O conjunto de todos estes espaços fazem parte das novas ruínas, que se acrescentam às existentes, as ruínas históricas, muitas vezes monumentalizadas. Apesar desta fragmentação ser mais facilmente identificada nas áreas periféricas, também nas grandes áreas metropolitanas e zonas centrais é observada a presença do vazio, onde é possível observar o confronto com a regeneração urbana. Como resultado, encontramos um tecido com uma nova condição de porosidade, uma porosidade onde o ocupado e o abandono, o artificial e o natural, o novo e a ruína se apresentam lado a lado com relações próximas e/ou expectantes, identificando-se o vazio como um novo espaço de ambiguidade.

O vazio tornou-se assim parte integrante da urbanidade contemporânea, da cidade perfurada e a sua análise tem sido objeto de estudo nas últimas décadas.

*"(...) A cidade em ruínas é uma das distopias mais poderosas da modernidade tardia (...)"*², sendo os estudos relacionados com o tema cada vez mais significativos, com especial foco não só no campo da arquitetura, mas assumindo uma presença incontornável na cultura visual contemporânea, nomeadamente na fotografia e no cinema contemporâneo.

Na maior parte dos casos, estes espaços acarretam uma carga simbólica negativa, estando diretamente associados a uma imagem temerosa e sinistra. Ou por outro lado a uma condição temporal reversível em prol da sua ocupação ou desaparecimento. Face a isto, as medidas de planeamento urbano passam sobretudo pela eliminação do vazio, com a revitalização dos centros históricos ou a reabilitação de complexos industriais obsoletos, na tentativa de recuperar a cidade compacta. Trata-se fundamentalmente de

¹ Abstract | Resumo do *Projeto NoVOID. Ruin and vacant lands in portuguese cities*. Consultado em: <http://novoid2016.wixsite.com/novoid/blank-1>. a 27 de Maio de 2018.

² Ibidem.

reurbanizar o vazio, ignorando os seus processos de arruinamento e o seu potencial, assim como as respetivas consequências na transformação da paisagem atual.

O principal objetivo desta investigação é a aproximação a este processo de abandono, assim como perceber a forma como este sugere as mais diversas possibilidades/oportunidades pela sua presença no ambiente urbano, questão esquecida em grande parte das ações descontextualizadas, cuja preocupação se centra meramente na reversão da situação.

Partindo de um caso de estudo concreto, a Fábrica Belcor, localizada na cidade de Felgueiras, procuram-se formas alternativas de abordar quer a sua condição de abandono atual, quer uma visão positiva que evidencie o potencial dos seus espaços e processos implícitos, como meio de desenvolvimento urbanístico.

Os espaços que caracterizam este tipo de edifícios têm um passado que nunca é completo, conhecemos partes, ouvimos histórias, recriamos uma possível história. Ao mesmo tempo, imaginamos facilmente possíveis transformações ou novas histórias que podem estar a acontecer. Estes espaços caracterizam-se como sendo locais de liberdade, onde o homem contemporâneo encontra a libertação do quotidiano. São locais que promovem a ficção, onde diferentes interpretações das histórias desafiam as verdades absolutas. Espaços em espera, transitórios, sendo esta a condição que lhes garante as mais diversas possibilidades inexistentes noutras situações. Espaços transitórios, provisórios que desde o presente nos permitem interpretar o passado e estão prontos, seja qual for o futuro.

As medidas que procuram reverter a situação, condicionadas a ações muitas vezes extremas, para além de ignorarem todos os processos de transformação dos locais, acabam por prolongar o seu estado latente devido aos longos prazos de construção, o que fundamenta ainda mais a necessidade de criação de um pensamento alternativo em relação a esta atuação no "Entretanto".

A ideia inicial, e talvez mais óbvia, seria a análise ao objeto de estudo e posterior reconversão, com a introdução de um programa que, supostamente, responderia a algumas das necessidades atuais da cidade em análise, nomeadamente a construção de um museu do calçado tendo em conta a influência do setor no território.

No entanto, esta condição transitória associada e/ou característica destes espaços abandonados tornou-se fundamental, servindo a proposta como ponto de ligação entre o passado e um eventual uso futuro, na procura de os reativar com a cidade contemporânea, através da exploração das potencialidades encontradas no próprio lugar. Não se trata de encontrar uma regra e/ou uma forma de atuar que resolva todos os problemas existentes neste tipo de espaços, mas uma alternativa de o fazer, tendo em consideração questões relacionadas com o contexto (de lugar, de tempo e sociedade).

É a tentativa de lançar ideias que permitam a reflexão sobre o próprio edifício e o seu estado atual, o território e a comunidade, permitindo que desta forma possam surgir alternativas que de uma outra seriam ignoradas.

*“A relação entre a ausência de uso, de atividade, e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender toda a potência evocativa que os terrain vague das cidades têm na percepção da mesma nos últimos anos.”*³

Um edifício nunca é só um edifício, e a sua história não se pode centrar numa só personagem. Sob a camada do construído (servindo a ideia de camada como representação da quantidade de informação histórica (cronológica ou temporal, física e social)) encontram-se muitas outras que podem, e sobretudo devem servir de ferramentas para a prática da arquitetura.

É a característica libertadora e transitória do espaço vazio e abandonado que se assume como a sua maior virtude. Devido ao seu carácter latente, revelam-se espaços vinculados a símbolos do passado, formando parte da memória coletiva/ identidade das populações. Tanto a sua história, como a história do território e a sua população formam parte integrante de uma narrativa que não deve ser esquecida. Simultaneamente, são espaços que possibilitam ações futuras, estando na transição e consequente relação entre tempos, a ideia base para a criação deste projeto.

O objetivo prende-se em entender como podem estas narrativas, ocultas a um primeiro olhar, criar possibilidades na tentativa de repensar um futuro para estes espaços.

É através da ficção, com a introdução de histórias/narrativas recolhidas e a sua posterior representação, que se centra a ação, assumindo a permanência do abandono como premissa, mudando completamente os princípios em relação às ações convencionais. Não se revelando uma solução nem uma forma única de atuar, a abordagem torna-se uma alternativa possível de intervenção, baseado na ficção, em oposição aos modelos expansionistas que parecem comandar as cidades atuais. Trata-se de explorar a porosidade entre diferentes escalas e tempos como potencial na possibilidade de estabelecer relações e atividades urbanas.

Estas histórias ficcionadas, que na maioria dos casos se baseiam em referências de autores (sejam estes reconhecidos ou anónimos, entrevistados ao longo da investigação ou residentes no concelho) tornam-se argumentos de projeto na tentativa de procurar ações contextualizadas, que procurem estabelecer uma forte relação entre o passado e a memória coletiva dos cidadãos e as ações futuras.

Nesse sentido, a investigação divide-se em duas partes distintas. Numa primeira, As histórias como narrativa, de carácter teórico, procura-se contextualizar alguns princípios conceituais e acompanhar cronologicamente o processo de crescimento urbano da cidade, a indústria e o seu posterior abandono. Na segunda parte, Histórias como projeto, de carácter interventivo,

³ SOLÀ-MORALES, Ignasi (2002). *Terrain vague. Territórios*, p.181. Barcelona. Editorial Gustavo Gili

são realizadas uma série de ações, diretamente relacionadas com as histórias anteriores, no sentido de procurar opções que não se desvinculem da própria identidade da população e da cidade, um dos principais problemas existentes na atualidade.

Este formato permite, por um lado organizar o trabalho de forma a que inicialmente seja feita toda a análise ao edifício e à sua envolvente, para posteriormente serem aplicadas as devidas ações. Por outro lado, um dos principais problemas deste tipo de território é a escassez de referências bibliográficas que fundamentem a análise, pelo que o presente formato permite não só sintetizar a informação existente, como selecionar as histórias que melhor se adequam para a construção de um argumento de projeto.

Todas as histórias surgem acompanhadas por uma representação original realizada pelo autor com base, maioritariamente, em documentos relacionados com o lugar, na tentativa não só de ilustrar as histórias como de procurar estabelecer uma relação com o desenvolvimento que se segue.

Em termos de organização, na primeira parte inicia-se a abordagem através da introdução de um conjunto de referências (capítulo I. Citação) que apesar de se encontrarem relacionados com a realidade do local se assumem como transversais a alguns dos principais temas atuais da arquitetura e urbanismo.

Inicialmente, o *terrain vague* e uma introdução às principais ideias desenvolvidas pelo arquiteto Ignasi de Sòla-Morales sobre as potencialidades deste tipo de espaços. Posteriormente, com um olhar mais específico sobre o caso de estudo, surge uma análise particular sobre o abandono e os edifícios devolutos presentes nas cidades atuais, fundamentalmente industriais, e por fim como consequência das questões anteriores o problema da identidade nas cidades contemporâneas, resultado de um palimpsesto de ações muitas vezes descontextualizadas.

A partir destas ideias chave apresentam-se os diversos tempos diretamente relacionados com o lugar/cidade, seguindo a sua análise não só uma sequência cronológica como uma aproximação em termos de escala, desde o território até ao edifício, onde posteriormente se concretizam as ações referentes à segunda parte da investigação.

No capítulo II. Biografia, numa primeira aproximação ao lugar, são apresentados os principais processos de transformação do território nas últimas décadas que determinam a morfologia e as principais atividades sociais e económicas que este assume nos dias de hoje. Também neste capítulo surge o aparecimento da fábrica Belcor, assim como grande parte do seu período de produção.

Procede-se o capítulo III. Cenário, à escala da cidade, o que não significa que não se considerem questões relativas a outras escalas, onde é analisado o estado atual do município, quer em termos urbanísticos como demográficos e do construído, mais especificamente da fábrica, que entretanto encerrou atividades e se encontra em estado de abandono.

Por último, no capítulo IV. Ficção, centrado na escala do construído, é feita uma análise sobre o futuro da cidade e algumas das principais propostas existentes, quer para a regeneração urbana como para a reconversão da fábrica Belcor, tanto por parte da autarquia como da própria população.

Sendo uma investigação que incide principalmente sobre a narrativa de um território e a sua comunidade, a presença e colaboração da mesma tornou-se fundamental, seja através das histórias e textos de autores, maioritariamente locais, que serviram de referência ou entrevistas (que se apresentam em anexo) permitindo uma maior aproximação à realidade em estudo.

Desta forma, através de um processo singular, procura-se alternativas que falem do lugar, que contem os problemas de um espaço em abandono, que imaginem transformações, que reúnam personagens, que permitam fazer deste conjunto de narrativas que definem o território, a própria Fábrica das Histórias.

HISTÓRIAS COMO NARRATIVA

CRONOLOGIA

CAPÍTULO I. CITAÇÃO

referências

meados séc. XIX
(c.1850)

A rota até terrain vague

Principais ideias sobre os terrenos vagos nas cidades contemporâneas.

As cidades (in)visíveis

Dualidade de atitudes dos cidadãos perante a ruína.

Identidade de palimpsesto

Formação da identidade urbana através da sobreposição de histórias do passado, presente e futuro

Sandokan e o imaginário

O aparecimento de Felice Sandokan, núcleo populacional, a



Figura II Cronologia Parte I

CAPÍTULO II. BIOGRAFIA

séc. XX

(c.1914)

meados séc. XX

(c.1950)

cenário rural

Felgueiras como
área ruralizada.

Felgueiras, um comboio
e a 1ª Guerra Mundial

Primeiros sinais de
desenvolvimento no concelho.

A inesperada (r)evolução

Período de desenvolvimento
industrial a grande escala.



CAPÍTULO III. CENÁRIO

finais séc. XX

(c.1990)

início séc. XXI

(c.2006)

séc. XXI

(c.2018)

Com os pés na Guerra das Estrelas

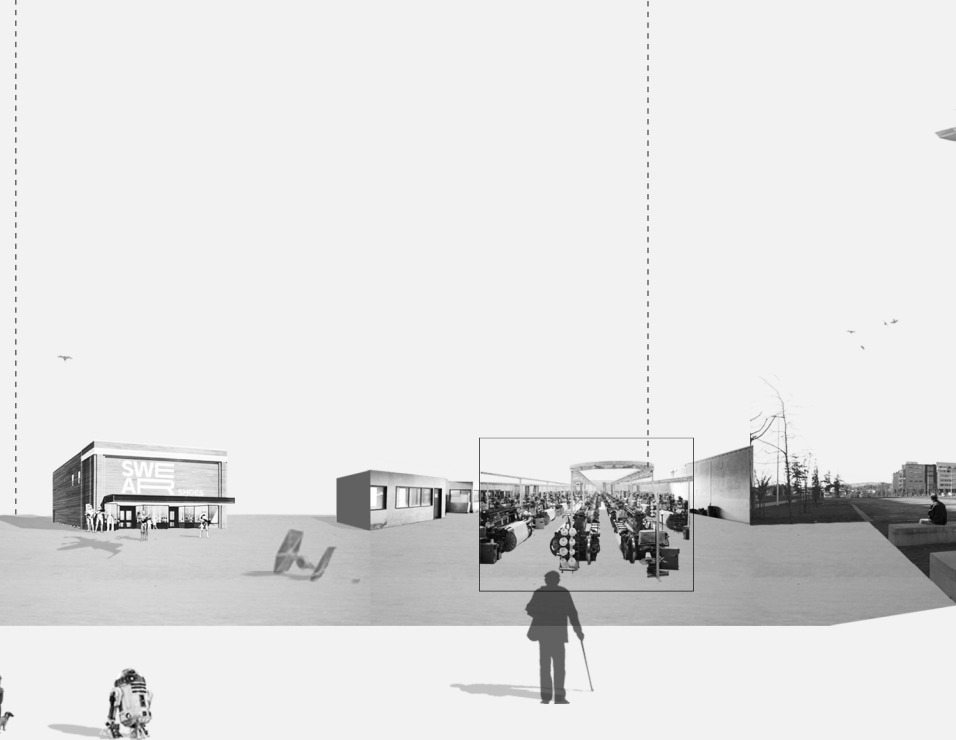
Expansão do setor de calçado na região e, sobretudo, internacionalmente.

A paragem dos motores

Fecho e posterior abandono de algumas fábricas, como a Belcor.

Uma cidade amórfica

Estado atual de estagnação da cidade e da população.



CAPÍTULO IV. FICÇÃO

futuro

Campanha (proj) atual

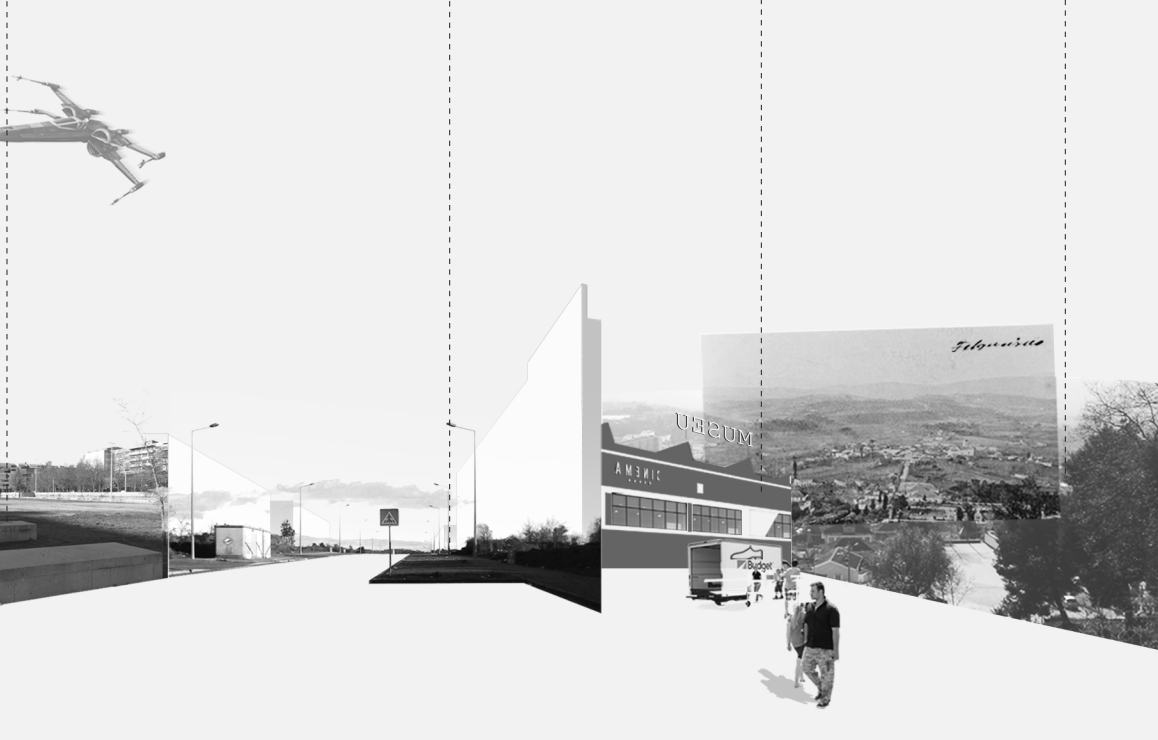
Principais ideias de desenvolvimento por parte da autarquia.

Visões da população

Possibilidade de dar voz à população em relação ao futuro da cidade.

Futuro com os olhos no passado

Um olhar para trás na hora de se pensar no desenvolvimento.



Capítulo I. CITAÇÃO

CITAÇÃO_ Conteúdo de carácter introdutório que apresenta, a partir de referências seleccionadas, os principais temas abordados.



Figura III A Rota até Terrain Vague

I.I. A ROTA ATÉ TERRAIN VAGUE

"Eu tinha um encontro com o Antonio Tabucchi em Lisboa, e pedi indicações de como chegar do aeroporto ao centro da cidade. Ele disse-me claramente: pede ao taxista para ir pelo Paço do Bifo, a Avenida Infante D. Henrique, Praça do Comércio.... Isto é, a parte menos atrativa de Lisboa.

A estrada pelo Paço do Bifo era um dos itinerários favoritos de Fernando Pessoa. Um lugar nos arredores da cidade onde o poeta se encontrava regularmente com uma das suas amantes. Mesmo nessa época, seria provavelmente um dos lugares mais feios, mas certamente não tanto como nos dias de hoje.

É uma das áreas mais sórdidas da cidade: a sujidade e sensação de abandono numa área que parece a sucata de uma zona industrial estão misturados com esta imagem de solidão e tristeza que apenas Lisboa é capaz de transmitir, numa paisagem sem outra imagem a não ser um monte de lixo e ferro velho.

A Infante D. Henrique é como uma grande avenida para a fase primitiva da industrialização. Uma sucessão de oficinas, comerciantes de sucata, armazéns e pequenas fábricas arruinadas, revela um verdadeiro paradigma de destroços difícil de encontrar hoje em dia em qualquer outro lugar na Europa.

Saramago ficou ainda mais indignado quando lhe contei sobre a rota que Tabucchi me sugeriu. Apenas um estrangeiro pode aceitar tão ironicamente uma cidade para dar indicações pela sua rota mais vergonhosa. Saramago achou de muito mau gosto.

A parte mais feia é sempre a melhor forma de entrar em qualquer cidade. Isso prepara-nos para depois vermos tudo o resto. A beleza e a hediondez fazem parte da mesma família: existe sempre uma beleza associada a uma certa hediondez.

Em Lisboa, este princípio pode ser comprovado até ao último detalhe: os elementos que o confirmam são a sujidade, o desmazelo e a melancolia comuns a todas as paisagens, sejam elas bonitas ou sinistras.

(...)

Porque escolhia Pessoa este lugar sórdido para os seus passeios amorosos? Tabucchi responde: Pessoa era um homem que compreendia as emoções mais fortes através da hediondez. Ele nunca cultivou o conceito de estética na sua forma conformista, apesar de viver em tempos altamente atribuídos ao fetichismo. Tentava sempre afastar estereótipos, cultivando a beleza da tradição pós simbólica.

A estética da periferia nunca poderá ser uma estética dócil. O urbanismo da periferia nunca poderá ser um urbanismo conformista.
"4

Josep Ramoneda

Existe um determinado fascínio pelos lugares vazios nas cidades que desperta o interesse de cada um de nós, causado pelo mistério do desconhecido. Fernando Pessoa, viu-o como possibilidade de libertação criativa e moral, outros vêem-no como um espaço de oportunidades, onde a condição expectante se sobrepõe às regras do quotidiano, permitindo-nos imaginar o inconcebível.

Algumas destas questões foram levantadas na década de 90 do século passado, quando um dos principais temas de análise sobre as cidades e o território era o estudo da periferia. Quando era a lógica do *"descontínuo que criava o campo da inovação para a sensibilidade e a sofisticação dos arquitetos"*.⁵ Esta questão era muito semelhante ao que vemos hoje nos terrenos vagos. Enquanto que na época as cidades se encontravam em claro desenvolvimento e densificação, sendo a periferia o local vazio e de abertura, hoje esses espaços surgem no interior da própria malha urbana consolidada.

*"A distância vazia entre as coisas é o tema que devemos abordar, e este protagonismo do espaço vazio é a alternativa periférica à continuidade unificante que é a cidade."*⁶

Mais esclarecedora e objetiva, surge a definição destes espaços como *terrain vague* por Ignasi de Solà-Morales, sendo uma área de limites indefinidos marcados pela ausência de uso, de atividade, *"no entanto também free, available, unengaged (...)", espaços com "(...) o sentido de liberdade, de expectativa (...)"*⁷ perante as possibilidades que este permite para a transformação do território.

Uma porção de terra em condição expectante (e nós expectantes para com ela) potencialmente aproveitável, mas já com uma definição própria à qual somos alheios. Apesar de alheios, temos perfeita consciência que essa condição existe, o pensamento que nos faz acreditar que algo ou alguém resolverá aquele espaço, preenchendo o vazio que vemos, mas ignoramos há anos.

São várias as marcas deste tipo de territórios nas nossas cidades atualmente, sejam áreas abandonadas pela atividade industrial, consequência do encerramento ou abandono de edifícios, espaços residuais nas margens dos rios, espaços sobrando na construção de infraestruturas viárias ou até mesmo espaços sem proprietário, que se encontram vazios de atividade e, no fundo, todos estes espaços carregam a imagem de que a cidade já não se encontra ali.

São definitivamente, *"(...) lugares estranhos ao sistema urbano, exteriores mentais no interior físico da cidade que aparecem como contraimagem da mesma."*⁸ Mas apesar desta estranheza pela desconhecido, muitos destes locais carregam, da forma simbólica, símbolos de *"(...) coletividade e solidariedade, habilidades perdidas, modos de comportamento (...) e formas históricas e contemporâneas de iniciativa social."*⁹

E acaba por ser este mesmo carácter social, que de uma forma inconsciente ou não, mantém a atividade existente nestes espaços, como *"(...) as brincadeiras das crianças, os jogos, andar de*

5 SOLÀ-MORALES, Manuel. (2008). *De cosas urbanas*, p.195. Barcelona. Editorial Gustavo Gili.

6 Ibidem, p.199.

7 SOLÀ-MORALES, Ignasi (2002). Op.cit., p.186-187.

8 Ibidem, p.188.

9 EDENSOR, Tim. (1995). *Industrial ruins: Space, aesthetics and materiality*, p.166-167. Oxford.

*bicicleta, pescar, conhecer amigos (...)*¹⁰, procurar nestes espaços a liberdade e abertura não existentes na cidade compacta, alcançando a partir do lúdico *"(...) a apreciação pessoal do valor patrimonial (...)"*¹¹

Muitas destas atitudes de apropriação dos locais provam uma ação por parte da população que prefere *"(...) a possibilidade de divertimento e recreação não regulamentada, a presença de vegetação e vida selvagem à continuidade de edifícios (...)"*¹² que define a paisagem urbana do nosso século.

Do fenómeno da globalização e do crescimento exponencial que as cidades sofreram nos últimos anos, não existindo qualquer planeamento capaz de controlar o seu aparecimento, resultam estes espaços resistentes ao tempo face ao repentino desenvolvimento da forma urbana. Esta ideia de resistência surge pela ocorrência de uma rutura na continuidade dos elementos urbanos, seja esta *"(...) política, cultural ou arquitetónica, apenas ocorre onde existe uma ordem estabelecida (...)"*¹³

Se recuarmos ao século XIX, surgiu *"(...) o desafio de fazer jardins públicos nas grandes cidades capitais (...)"*¹⁴, que foi uma das formas encontradas para combater a crescente edificação introduzindo a natureza nas cidades, servindo como resistência à nova cidade industrial. Nos dias de hoje, esta questão não se alterou significativamente pois tentamos cada vez mais criar espaços de liberdade e abertura na cidade pós-industrial (mesmo que estes possam já existir).

Temos que *"(...) preservar, gestionar, reciclar os terrain vague (...)"*, não podemos simplesmente aplicar as ideias modernistas e reordena-los, *"(...) cancelando os valores que o seu vazio e a sua ausência tinham (...)"*¹⁵ Assim, e considerando que o *"terrain vague"* representa a fuga e uma oportunidade, de alternativa, de distância para a contemplação. *Leva-me a crer que este é, tem de ser, parte integrante da cidade.*¹⁶

Estes espaços possibilitam *"(...) saídas potenciais para encontros inesperados, eventos informais e atividades alternativas fora dos nossos espaços urbanos (...)"*¹⁷ Aqui o homem contemporâneo tem a capacidade, um pouco como Fernando Pessoa, de olhar a cidade sem o controlo da era moderna. Aqui *"(...) opta na experiência pela negação, procura a respiração em oposição ao controlo, pratica o nomadismo perante a sedentarização, reencontra a reflexão perante o esmagamento da velocidade."*¹⁸

A maior característica do homem moderno é a estranheza perante

10 KIVELL, Philip, & HATFIELD, Sarah. (1998). *Derelict land: Some positive perspectives*. Em BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela. (2013) p.9.

11 Ibidem, p.9.

12 BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela (co-editor). (2013). *Terrain vague. Interstices at the edge of the pale*, p.9. Londres.

13 WOOS, Lebbeus. *Thoughts on Architecture of Resistance*. p. 1.

14 SOLÁ-MORALES, Ignasi. Op. Cit., p. 104.

15 Ibidem, p. 104.

16 SÁ E MELO, Luis Pedro. *Terrain vague. Notas de investigação para uma identidade* em https://www.artecapital.net/arq_des-14-terrain-vague-notas-de-investigacao-para-uma-identidade.

17 FRANCK, Karen, & STEVENS, Quentin. (2007). *Loose space: Possibility and diversity in public life*. London. Em BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela. (2013) p.3.

18 ALMEIDA, Sebastião e SALDANHA, Márcia. (2014). Ruína como resistência. Um lugar estranho num promontório de desejos. *ARQA Ruínas Habitadas*, 112, pp. 108. Lisboa.



Figura IV WENDERS, Wim. (2006). *Der Himmel über Berlin* [video: 00:43:10]. München : Focus Verlag.

si mesmo, a impossibilidade de se encontrar e de assumir a sua própria identidade devido a um controlo normativo a que está sujeito diariamente. A liberdade intrínseca a estes espaços, e a sua própria indefinição possibilita que através deles possamos olhar para a cidade e a sua evolução, permitindo-nos também *"(...) examinar a nós mesmos, e o nosso dia a dia fora dos circuitos frenéticos (...)"*¹⁹ Talvez por essa razão estes lugares sejam muitas vezes alvo de ações de rebeldia, fuga às regras do quotidiano moderno.

*"Por semanas andamos por toda a cidade à procura de um local para o circo, e isso levou-me ao lugar mais vazio de todos. Na cidade centrífuga, este era o local mais calmo. Uma grande tranquilidade reinava no quarteirão, e subitamente ratos e coelhos apareciam, e até mesmo o nosso elefante se podia mover lá. Crianças brincavam, havia aqueles caminhos batidos, e era possível ver a cidade ao fundo como um livro de histórias aberto."*²⁰

São, portanto, os sítios onde podemos ver tudo, com a cidade como fundo. *"Reservatórios de uma cidade compartilhada fragmentada, iluminando o processo imperfeito de memória que constantemente tentar recordar e reconstruir o passado."*²¹ No entanto é necessário introduzir a população nestes espaços, para que estes não sejam uma mera passagem mas sim o cenário onde imaginamos as narrativas do presente e do passado, que se materializarão no projeto das histórias da cidade futura.

19 BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela Op. Cit., p.1.

20 WENDERS, WIM e KOLLHOFF, Hans. *La ciutat*, p.66.

21 BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela Op. Cit., p.1.

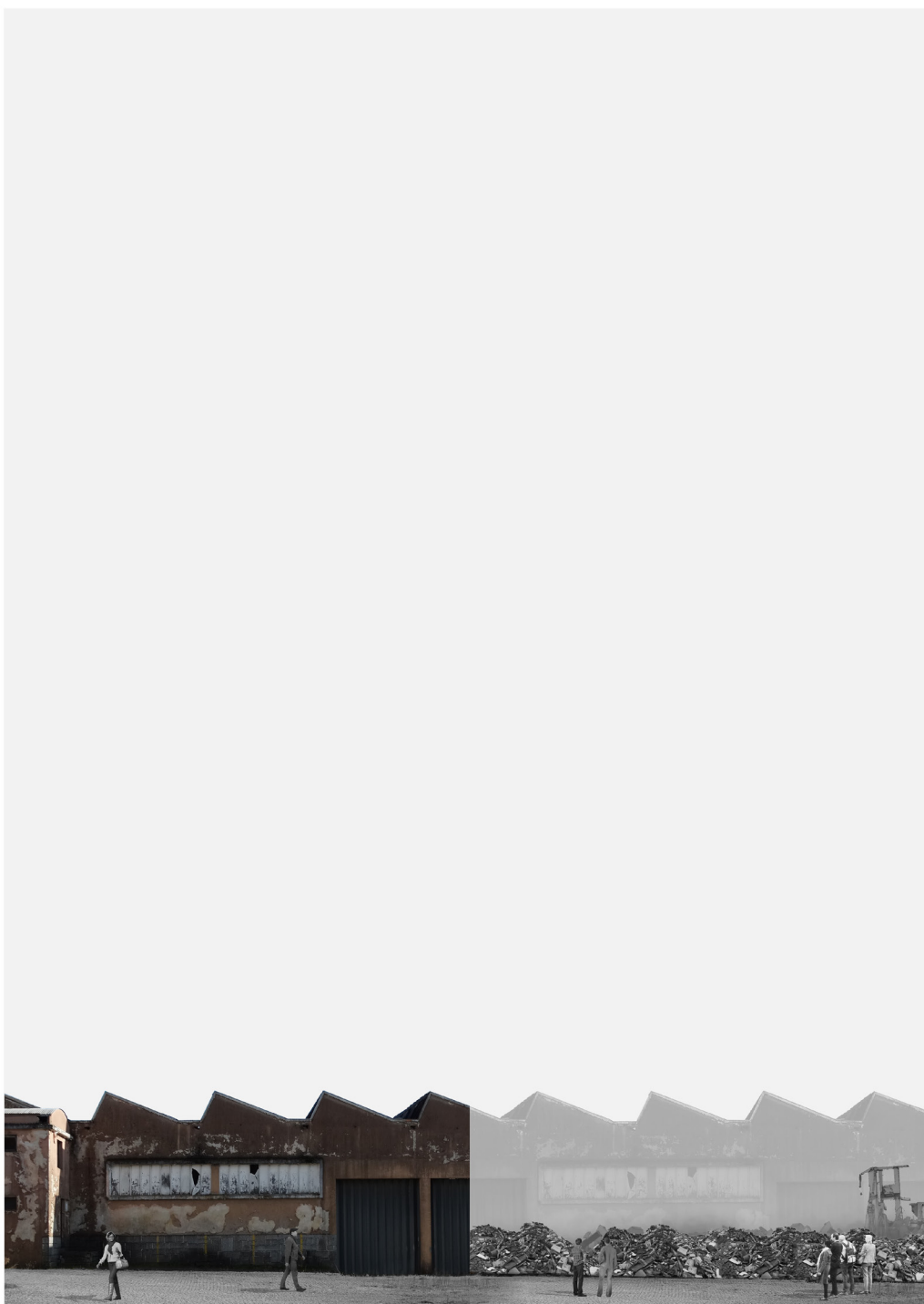


Figura V *As cidades (in)visíveis*

I.II. AS CIDADES (IN)VISÍVEIS

"Depois de marchar por sete dias através das matas, quem vai a Bauci não percebe que já chegou. As finas andas que se elevam do solo a grande distância uma da outra e que se perdem acima das nuvens sustentam a cidade. Sobe-se por escadas. Os habitantes raramente são vistos em terra: têm todo o necessário lá em cima e preferem não descer. Nenhuma parte da cidade toca o solo exceto as longas pernas de flamingo nas quais ela se apoia, e nos dias luminosos, uma sombra diáfana e angulosa reflete-se na folhagem.

Há três hipóteses a respeito dos habitantes de Bauci: que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contato; que a amam da forma que era antes de existirem e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência."²²

Italo Calvino

²² CALVINO, Italo. (2002). *As Cidades Invisíveis*, p.47. Lisboa: Teorema [12º Ed.]. Tradução. José Colaço Barreiros.

Na história anterior vemos descrita a cidade de Bauci, uma das muitas cidades relatadas por Marco Polo, um dos maiores viajantes de todos os tempos, ao imperador Kublai Kahn, nas histórias imaginadas de Italo Calvino.

Esta capacidade criativa do autor tem algumas semelhanças com questões da realidade, mais especificamente os espaços de abandono referidos no capítulo anterior. Estes apresentam-se como locais que apesar de estar dentro da cidade parecem estar bastante distantes. Ilhas onde os habitantes raramente são vistos, sendo na maior parte das vezes espaços que refletem a sombra da própria cidade.

*"Na versão simpática, a ruína é coisa estimada que sobreviveu à destruição total. Na versão heróica, é o memorial de ideais passados presentes. Na versão hollywood, são mistérios, tesouros e aventuras. Na versão turística, uma coisa linda para fotografar e iluminar à noite. Na versão melancólica, um luto sem perda definida porque de múltiplas perdas..., para Flaubert, a poesia de qualquer paisagem."*²³ Esta ambiguidade de significados reflete-se também na percepção destes espaços e em muitas das suas tentativas de resolução.

Há duas hipóteses em relação aos habitantes da sua envolvente. Por um lado, odeiam estes espaços, sendo estes invisíveis aos seus olhos (e um exemplo é que outros, os sem abrigo, se aproveitam dessa invisibilidade para sobreviver). *"Moram onde ninguém habita – sob e dentro dos viadutos, nas calçadas, nos cemitérios, nas ruínas – da sua invisibilidade, depende a sua sobrevivência; moram onde nós não moramos: nas sombras e no entre."*²⁴

Outra hipótese é que, em grande parte dos casos, existe um vínculo com estes locais que não nos permite imaginar outros cenários para além do existente, como por exemplo a sua demolição. Apesar da indiferença em relação a estas ruínas que permanecem aos nossos olhos por vários anos, provocando muitas vezes problemas na malha urbana, quando estas desaparecem sentimos a perda. A perda de algo que nunca tivemos, mas era nosso, fazia parte da nossa memória coletiva e do nosso imaginário urbano. Mesmo não olhando, sabíamos que estava lá, ainda que nunca tivéssemos prestado a devida atenção.

Esta ambiguidade reflete-se de igual forma nas (in)ações por parte dos responsáveis por estes espaços. Se por um lado partilham a apatia e indiferença dos habitantes, por outro completamente antagónico, por vezes destroem todo o passado e história intrínseca aos lugares, na defesa de que *"(...) antes de construir precisamos destruir alguma coisa. Quando demolimos confirmamos que somos "modernos", que desejamos um futuro melhor e apagamos o passado."*²⁵

A ação, por mínima que seja, deve ser valorizada neste tipo de espaços, no entanto a maior parte das ações nas áreas urbanas, que visam o futuro e desenvolvimento *"(...) parece que não podem fazer outra coisa, a não ser introduzir transformações*

23 DOMINGUES, Álvaro. (2014). Ruinofilia. *ARQA Ruínas Habitadas*, 112, p.112-113. Lisboa.

24 RABINOVICH, Elaine Pedreira. (1992) "A casa dos sem casa". *Psicologia, ciência e profissão*. Ano 12. n. 3 e 4. São Paulo, USP.

25 ROCHA, Eduardo. (2008). Os lugares do abandono em *Arquitextos*.

*radicais, alterando o estranhamento pela regra, a todo o custo, e transformando a magia incontaminada do vazio pelo realismo sem eficácia.*²⁶

*"Não se trata de conservar signos do passado, nem de "reabilitar", no sentido clássico, ao gosto burguês, trata-se de criar na arquitetura: o sentido e a essência, a partir de uma matéria bruta."*²⁷

Apesar de um número cada vez maior de ruínas, com os mais diversos usos a invadirem as nossas cidades, "(...) contribuindo para uma das distopias mais fortes da modernidade tardia, em que novas formas de ruínas não-históricas ou ruínas modernas vieram juntar-se às antigas ruínas (...)"²⁸, como cinemas encerrados, empreendimentos imobiliários inacabados ou fábricas abandonadas, é sobre estas últimas que irá recair o desenvolvimento da presente investigação.

Este tipo de edifícios são um dos principais problemas de muitas cidades europeias, e em Portugal isso não é exceção, sobretudo no norte do país. O século XX, e o atual, são reconhecidos pelos avanços tecnológicos significativos que proporcionaram uma construção em massa e em grande escala, provocada não só pelo aumento da população como pelo impulsionamento da atividade económica, sobretudo no setor industrial.

Porém, devido a fatores económicos e de deslocalização da produção para países da Europa de Leste e Ásia, onde o custo da mão de obra é consideravelmente mais baixo, muitos destes locais fecharam portas no final do século, sendo "(...)a fábrica um objeto destinado a cair, ou a permanecer como uma ruína da modernidade".²⁹

Como denominava, já em 1966, o geógrafo francês Jean Labasse, estes espaços desocupados, que em tempos terão sido ocupados pela atividade industrial, são "*friches industrielles*"³⁰. Espaços que criam terrenos em espera, que ocupam áreas consideráveis dos centros urbanos, muito pela dimensão extensa característica deste tipo de construção, sobretudo se considerarmos que muitos deles são fruto de grandes investimentos numa altura de prosperidade para o país, em que cada conjunto industrial funcionava como uma pequena cidade autónoma com creche, cantina, carpintaria entre outras áreas técnicas.

Contudo é necessário tomar medidas perante este cenário de abandono, pois se por um lado estes vestígios constituem um recurso para a possível reabilitação, por outro provocam um problema de difícil resolução na malha urbana e consequentemente na memória coletiva da população, que se agrava progressivamente.

26 SOLÁ-MORALES, Ignasi. Op. Cit., p. 130.

27 BAUDRILLARD, Jean e NOUVEL, Jean. (2000). *The Singular Objects of Architecture*, p. 42. Minnesota.

28 Projeto NoVOID. Resumo. Acesso em: <http://novoid2016.wixsite.com/novoid/blank-1>

29 FIGUEIRA, Jorge, MILHEIRO, Ana Vaz (2005) *O fim da fábrica, o início da ruína, Arquitetura da Indústria, 1925-1965*; Fundação DOCOMOMO ibérico, p. 92.

30 Expressão de Jean Labasse, geógrafo francês, que designa instalações industriais e comerciais abandonadas.

*"Em Portugal, as preocupações relativas ao mundo industrial surgiram em cerca de 1980."*³¹ No entanto, apesar de alguns exemplos de reconversão na tentativa de fazer renascer estes espaços com diversos usos, a falta de incentivo económico e social agregada à dificuldade de direccionar investimentos numa estratégia geral, só *"(...) veio dificultar as iniciativas de conservação como forma de prevenção, com o objetivo de evitar o declínio constante de edifícios e impedir o aceleramento do estado de ruína (...)."*³²

A dificuldade de preservação deste tipo de edifícios, deve-se maioritariamente a uma valorização tardia, e que apenas visa obras de maior carácter arquitetónico, não existindo preocupação para com uma estratégia geral de valorização do património industrial existente.

É necessário agir, na tentativa de preservar o estado atual dos edifícios, quando a situação ainda o permite. No entanto não podemos *"(...) conservar apenas pelo valor industrial (senão) corremos o risco, no melhor dos casos, de ter um espaço com a função de museu (...)."*³³ Estes espaços convidam *"(...) a agir durante e para além da "espera" pois nestes períodos de lenta oxidação podem-se também reinventar novas possibilidades (...)."*³⁴

*"A potencialidade das novas espacialidades e materialidades das ruínas e dos seus fragmentos requerem a compreensão profunda das condições presentes (...)"*³⁵ e caso isso seja respeitado, uma simples intervenção da cultura visual (fotografia, cinematografia, instalações artísticas, entre outros) certamente levantará algumas das sombras que escondem as mais valias destes espaços, permitindo assim, através da revelação do invisível a possibilidade de análise das suas potencialidades e possivelmente tarde a sua transformação.

Com isso poderá reduzir-se a distância das andas que separam os habitantes da terra, permitindo que *"(...) folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga (...)"*³⁶, de uma forma faseada e em evolução contínua, estes espaços passem de ausência a presença ativa no ambiente urbano.

31 ALMEIDA, Beatriz. (2016). *Ruínas industriais nos centros urbanos*. p.20. Dissertação em Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP. Porto. Portugal.

32 citado por: SIZA, Álvaro. (2002). Recuperação e Manutenção, em *A intervenção no património. Práticas de conservação e reabilitação*, p.20. FEUP. Porto. Portugal.

33 MENDONÇA, Adalton da Motta (2001). Vazios e ruínas industriais: Ensaio sobre friches urbaines. *Arquitextos*, Brasil: Vitruvius Revista on-line. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>

34 MOREIRA, Inês. (2014). Após a fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais. *ARQA Ruínas Habitadas*, 112, pp.121.

35 Ibidem, p. 121.

36 Referência ao texto de CALVINO, Italo. As cidades e os olhos. Bauci. *As cidades invisíveis*, p.47.



Figura VI *Identidade de palimpsesto*

I.III. IDENTIDADE DE PALIMPSESTO

"(...) a imagem de si mesmo parte-se numa coleção de instantâneos... Em vez de construir a sua identidade, gradual e pacientemente, como se constrói uma casa – mediante a adição de tetos, soalhos, quartos ou corredores – uma série de "novos começos", que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas, mas facilmente demolidas, pintadas umas sobre as outras: uma identidade de palimpsesto.

*Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, senão mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer mais do que de aprender, é a condição de contínua adaptação, em que sempre novas coisas e pessoas entram e saem sem muita ou qualquer finalidade no campo de visão da inalterada câmara da atenção, e em que a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada a fim de receber novas imagens, e alardeando uma garantia para toda a vida exclusivamente graças a essa admirável perícia de uma incessante auto-obliteração (...)."*³⁷

Zygmunt Bauman

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. (1998). *Globalization: The human consequences*. p.36 e 37. Columbia University Press (apud Lua Nova. Revista de Cultura e Política. (1999). Nº47. Equidade Cosmopolita).

A problemática do abandono analisada no capítulo anterior, juntamente com uma primeira percepção da cidade (caso de estudo), resultante da aprendizagem como cidadão residente, guia-nos para um outro tema pertinente nos dias de hoje, a falta de identidade local por parte dos cidadãos e o seu reflexo no desenvolvimento das cidades contemporâneas.

A citação anterior procura tocar em algumas das questões fundamentais relativas à criação da identidade não só das populações e cidades como do próprio indivíduo. Cada vez mais, existem preocupações no sentido de restabelecer a identidade das regiões, num processo de envolvimento da sociedade, procurando não só as histórias já muito divulgadas, mas também os principais costumes e tradições da população, numa busca pelas diversas camadas de um palimpsesto, construído ao longo de todos os anos desde a criação das cidades.

Atualmente, torna-se pertinente este tipo de análise em relação à base geradora da identidade das populações, num período de homogeneidade dos princípios definidores da comunidade. Com a globalização e a consolidação do Movimento Moderno no século XX, deu-se uma vontade transversal de evolução e prosperidade repentina nas cidades, ignorando o seu passado, e todos os princípios de continuidade que as caracterizavam até então.

Em contrapartida, rapidamente surgiram as primeiras críticas em relação a esta tábua rasa imposta sobre as cidades, "(...) *iniciadas nos últimos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM's), (que) configuraram uma primeira tentativa de reformulação de determinados ideais urbanos*"³⁸. Quer na introdução de Ernesto Rogers sobre as *pré-existências ambientais* quer em Norberg-Schulz nas suas considerações de *genius-loci*, o contexto e as circunstâncias existentes tornaram-se aspetos fundamentais no pensamento sobre as cidades.

Esta ideia contextualista procura as suas bases nas pré-existências, no passado e na memória coletiva da população, em conformidade com as condições presentes do lugar, opondo-se aos ideais da modernidade, "(...) *a ideia de projeto urbano, derivado da junção entre a obra de arquitetura e o estudo da cidade.*"³⁹

No entanto, rapidamente surgiu também uma ideia de crise neste movimento contextualista, decorrente da observação de contradições entre a sua teoria e as aplicações práticas. Os argumentos utilizados para o combate ao urbanismo resultante do movimento moderno, como a história e o contexto, rapidamente se tornaram intransigentes, resultando assim numa interpretação estática de um mundo em constante desenvolvimento.

Por sua vez, os critérios de valorização e classificação, sobre o que é ou não contexto e memória levaram à fragilidade do movimento. "*Quais seriam os critérios adotados para conservar uns edifícios e derrubar outros? Em primeiro lugar, predominam anacrônicos fatores de valorização simbólica: entende-se que um estádio forma*

³⁸ BRONSTEIN, Lais. (2012). *Crise do urbanismo contextualista*. Pós, V.19, N°32, p.161. São Paulo. Brasil.

³⁹ Ibidem, p.162.

parte da memória coletiva, entretanto este papel não se outorga à arquitetura e ao patrimônio industrial."⁴⁰

Apesar de tudo, vivemos hoje num período de abrandamento e maior reflexão sobre estas questões e em relação às medidas que foram tomadas anteriormente, tanto num âmbito geral, como, e fundamentalmente, no mundo da arquitetura. Exemplo disso é a eleição de Balkrishna Doshi como último vencedor do Pritzker (2018), prémio internacional de arquitetura, justificando o júri a escolha pela capacidade com que o arquiteto "(...) *uniu pré-fabricação e conhecimentos locais, desenvolvendo um vocabulário em harmonia com a história, cultura, tradições locais e os tempos de mudança de seu país de origem*".⁴¹

Ainda assim, perduram hoje marcas desta turbulenta série de ações e pensamentos urbanistas experimentais e desmedidos resultado das más decisões do passado. A prova disso são as ruínas (referidas no capítulo anterior) presentes nas malhas urbanas das cidades, sobretudo ruínas industriais ligadas ao modelo de desenvolvimento seguido por grande parte das cidades europeias.

Estes enormes vazios, são resultado de um desinteresse de preservação por parte das entidades responsáveis, que provocam hoje, não só dificuldades de resolução a nível urbanístico como um reflexo negativo na memória das populações. Seja nos seus antigos operários, que observam o local onde outrora dedicaram grande parte do seu esforço culminar num encerramento precoce de atividades e posterior esquecimento, ou mesmo nos cidadãos que lidam diariamente com a representação real da crise e do abandono.

Esta visão negativa presente na cidade, associada aos sucessivos avanços universais na vida das populações, referidas anteriormente, gera hoje, uma falta de identidade que se torna transversal a todo o território, não só nacional como a uma escala global. E, salvo exceções, as tentativas de restabelecer as tradições e costume das populações acabam por se tornar distorcidas da realidade não transmitindo a verdadeira memória coletiva que sempre garantiu o orgulho das populações pelo seu território.

Hoje, ainda é possível distinguirmos algumas das principais características identificadoras dos territórios, no entanto a nível regional o desvanecer das culturas começa a manifestar-se. Grande parte das tradições dos nossos antepassados não fazem parte do nosso quotidiano muito provavelmente não restando nada mais do que uma simples cultura universal para os nossos sucessores.

*"É preciso despertar o orgulho das populações pela sua identidade".*⁴², já referia em 2011 a diretora da Rota do Românico, projeto turístico-cultural, com monumentos espalhados por toda a região do Tâmega e Sousa, incluindo o concelho de Felgueiras.

40 MONTANER, Josep Maria. (1990). *El Modelo Barcelona*. Geometria nº10, p.16-18.

41 Discurso justificativo do júri do prémio Pritzker 2018, consultado em <https://www.archdaily.com.br/br/890146/balkrishna-doshi-vence-o-premio-pritzker-2018> a 13 de Abril de 2018.

42 MACHADO, Rosário. Entrevista a diretora da Rota do Românico no Jornal *O progresso de Paredes*. (Setembro de 2011)

*"Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são cobertos os telhados, mas já sei que seria o mesmo que não te dizer nada. Não é disto que é feita a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado (...)".*⁴³

Apesar de Calvino realçar a presença do valor humano das populações no espaço, sendo essencialmente os habitantes que caracterizam e proporcionam os acontecimentos presentes na nossa memória, a procura da verdadeira identidade urbana deverá existir numa tentativa de coesão entre isso e os elementos compositivos definidores da cidade.

A cidade é feita também ela de elementos arquitetónicos, e a arquitetura, e fundamentalmente as ações sobre a mesma, influenciam diretamente a população e o seu comportamento, como foi possível identificar pelas ações no último século, sendo assim esta relação parte integrante e fundamental para a manifestação da identidade das cidades.

Posto isto, e encontrando-se neste momento grande parte das populações numa crise de identidade, a tentativa corrente de tentar converter as cidades em metrópoles (só porque os avanços do século assim o permitem), não contribuirá para a resolução do problema, sobretudo em meios de menor dimensão maioritariamente ruralizados.

*"A maior parte da arquitetura hoje é mera submissão. Não apenas aquela arquitetura chamada comercial, que, com absoluta falta de imaginação, perpetua os estereótipos aceites pelas forças estabelecidas. Igualmente submissa é aquela arquitetura que nunca propõe romper, ridicularizar ou testar as regras do jogo."*⁴⁴

É necessário recorrer a este palimpsesto que forma a identidade das cidades, e procurar sob esta última camada homogênea do modernismo, recuperar os valores do passado e reintegra-los nos desenvolvimentos presentes. Trata-se de procurar alternativas na busca da recuperação da identidade urbana, diferenciadoras das utilizadas até então, onde a arquitetura terá um papel fundamental.

43 CALVINO, Italo. Op. cit., p.12.

44 SOLÀ-MORALES, Ignasi. (1994). *Colonization, Violence, Resistance*. Em: DAVIDSON, Cynthia. Anyway, p.122-123. MIT. Cambridge. Estados Unidos.

Capítulo II. BIOGRAFIA

BIOGRAFIA_ Narrativa sobre um conjunto de pessoas, uma cidade e um tempo que em grande parte já não existe.
Histórias que pertencem ao passado.



Figura VII *Sandokan e o imaginário rural*

II.1. SANDOKAN
E O IMAGINÁRIO
RURAL

"O antigo berço do famoso psiquiatra Dr. Magalhães Lemos, a casa e a Quinta do Curral tiveram durante os anos mágicos da infância, a dimensão de um pequeno país para o círculo restrito de miúdos que as frequentavam.

À semelhança de Portugal, também naquele espaço conviviam em harmonia bucólica as mais díspares paisagens. O monte anexo aos terrenos cultivados era um verdadeiro tesouro orográfico, pleno de uma flora diversificada, composta, não só pelos corriqueiros pinheiros bravos e eucaliptos, mas também por raros sobreiros e vetustos carvalhos onde íamos capturar com alegria sonora, as vacas-louras do nosso contentamento. (...)

Outras vezes o monte transformava-se, graças à força criadora da imaginação infantil, quer na selva exótica onde tinham lugar as aventuras do tigre da Malásia, Sandokan, quer nas colinas rochosas do Far West onde Kit Carson lutava contra os Apaches, quer ainda na brumosa floresta de Sherwood, abrigo de Robin dos Bosques e os seus simpáticos comparsas (...). Era, enfim, o espaço mágico palpitante de mistério e desconhecido, longe dos adultos e das suas incompreensíveis regras, (...)

Em convívio natural com esta terra hollywoodescamente selvagem encontrava-se a quinta propriamente dita: uma sucessão de campos de cultivo em diferentes níveis de terreno, bordejados por ramadas ou vinhas de enforcado. Havia também um pomar, um laranjal, um olival e um pequeno, mas fulgurante jardim perto da casa do senhorio. (...)

Os restantes compartimentos consistiam em pocilgas, coelheiras e arrumações de alfaias agrícolas. Do lado esquerdo da casa, no exterior havia uma gigantesca capoeira, povoada por galinhas, galos, perús, patos, garnizés e capões, todos sob a guarda de Tejo, um majestoso cão lobeiro (...)

No monte, nos campos e em redor da Quinta do Curral aprendi os ciclos da mãe natureza, observei as plantas e os bichos, participei nas fainas agrícolas e bebi da sabedoria popular genuína.

Que experiência indelével a de ter vivido em comunhão com a terra e com a natureza...saber o gosto de uma maçã orvalhada, recém colhida da macieira, respirar o cheiro de um campo acabado de lavrar (...)

(...) gostava também de ajudar, na medida do meu tamanho, nas tarefas agrícolas: mexer o milho na eira e recolhê-lo ao fim do dia com o rodo; malhar o feijão naquela toada viril e quase marcial ao ritmo de sonoras expirações; ir ao penso para o gado em cima do carro de bois, agarrado ao fueiro e embalado pela chiadeira plangente dos pesados rodados; levar o gado ao pasto, orgulhoso de tão pequeno, conduzir sem medo os mastodônticos animais(...)"⁴⁵

José António Soares da Silva

45 SILVA, José António. (2000). *Felgueiras. Rostos do Tempo. Subsídios para a história urbana e curiosidades do concelho de Felgueiras*, p.10-13. Felgueiras. Edição Câmara Municipal de Felgueiras.

Reimaginar os tempos em que os vastos campos agrícolas substituíam a densidade do construído, em que a calma e tranquilidade que possibilitava o despertar da nossa imaginação, em nada se comparava à aceleração constante existente nas cidades dos dias de hoje, tempos em que não existia a pressão do homem moderno, mas onde as transformações levaram à modernidade.

*"Os territórios de hoje são o resultado da simbiose entre a natureza e os homens que a habitam. Assim se conta a história da indústria de Felgueiras que se exhibe num palco geográfico, entretanto propício ao desenvolvimento económico, no qual desfilam atores e ações que o tempo se encarregou de inscrever numa paisagem diversificada (...)"*⁴⁶

A cidade de Felgueiras funciona como ponto de articulação entre territórios, o que permitiu ao longo dos tempos desenvolver-se com base na sua localização privilegiada. Pertencente ao distrito do Porto, no seu limite com o distrito de Braga, transição entre o Litoral e o Interior e ainda na fronteira Entre Douro e Minho.

Limitada a norte pelo município de Fafe, a nordeste por Celorico de Basto, a sudeste por Amarante, a sudoeste por Lousada e a noroeste por Vizela e Guimarães.

Situada na parte superior da Antiga Terra de Sousa, agora Vale do Sousa, área jurisdicional em torno do rio de mesmo nome. Governada pela nobre família dos Souseiros, e sendo estes instituidores e padroeiros do Mosteiro de Pombeiro (edifício histórico do concelho) *"(...) é legítimo concluir que a Terra de Sousa não só abrangia Felgueiras, mas ainda e principalmente que Felgueiras foi o centro cívico, militar e político desta divisão territorial (...)"*⁴⁷.

Zona aplanada sobre vales de altimetrias médias (cotas próximas dos 300 metros), onde ainda hoje se desenvolve a rede hidrográfica do Sousa, que constitui uma várzea de cotas mais baixas.

Na periferia desta zona central verifica-se a existência de alguns relevos, que limitam o concelho a Oeste e Sudoeste e ao longo de quase todo o plano Este, criando um *"(...) vasto anfiteatro natural, emoldurado de cristas e cabeços (...) desdobrando-se em terraços cavados e drenados (...)"*⁴⁸ Este cenário natural reflete-se na origem do próprio nome do concelho, do termo *felgaria* que significa terreno coberto de fetos, que quando secos são avermelhados (*rubeans*), daí resulta a toponímia *Felgaria Rubeans*.⁴⁹

Estas condições aliadas à necessidade de assentamento dos povos de eras remotas, permitiu o surgimento dos primeiros vestígios civilizacionais na região. Exemplo disso são os vestígios incontestáveis da civilização romana, que *"(...) poderá dever-se à escolha desta região do Vale do Sousa e do Vizela como lugar*

⁴⁶ PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. (2015). Indústria de Felgueiras: história e configurações. *Felgueiras: 500 anos de concelho*. (dados e perspectivas), p.140. Felgueiras. Edição Câmara Municipal de Felgueiras.

⁴⁷ FERNANDES, M. Antonino. (1989). *Felgueiras de ontem e de hoje*, p.39. Felgueiras: Edição da Câmara Municipal de Felgueiras.

⁴⁸ Ibidem, p.18.

⁴⁹ Portugaliae Monumenta Histórica, Diplomata et Chartae. doc. N°76, p. 46, e Vimarani Monumenta Histórica, p. 9.

estratégico, por onde passava uma via romana de Braga a Caladuno, de grande importância económica para o povo de Roma.”⁵⁰

Apesar da relevância destes primeiros assentamentos para a criação de uma zona predominantemente povoada, foram os desenvolvimentos mais tardios, relacionados com a agricultura e o artesanato, os principais responsáveis pelos primeiros indícios de desenvolvimento e crescimento territorial, “(...) *pelo que a energia hidráulica terá constituído um dos fatores de ação artesanal nesta área.*”⁵¹

Esta era a realidade em grande parte do território nacional sobretudo na região do Entre Douro e Minho, em meados do século XIX. As regiões voltavam-se para si mesmas, em espaços geográficos muito fechados e reduzidos, num período de total autossuficiência, sendo a produção artesanal e a agricultura, com utilização dos artefactos locais, um modo de cobrir as próprias necessidades básicas familiares.

Nos tempos de abrandamento da produção, surgiam outras actividades artesanais para complemento do orçamento familiar. Dessas actividades, como a tecelagem, a carpintaria, a ferragem ou o fabrico do calçado, surgiram alguns dos primeiros indícios que mais tarde, com o desenvolvimento industrial, viriam a ser os eixos de desenvolvimento do concelho.

*“Antes da indústria em grande escala, houvera em tempos antigos indústria domiciliária (...), salientando-se a artesanal do calçado, que teve mestres industriais com vários empregados de confeção manual (...), as mulheres procuravam ajudar no orçamento familiar com trabalhos femininos, a fazer bainhas, no bordo manual (...) enquanto que os homens andavam “ao jornal” (ao dia) na lida agrária.”*⁵²

Felgueiras sempre refletiu uma determinada herança desta era agrícola, encontrando-se hoje os povoamentos e actividades económicas dispersos pela paisagem, e não aglomerados numa zona central, não proporcionando um nível apreciável de massa populacional. Assim as áreas sociais encontram-se difusas pelo território, ocupando os interstícios das áreas agrícolas e florestais.

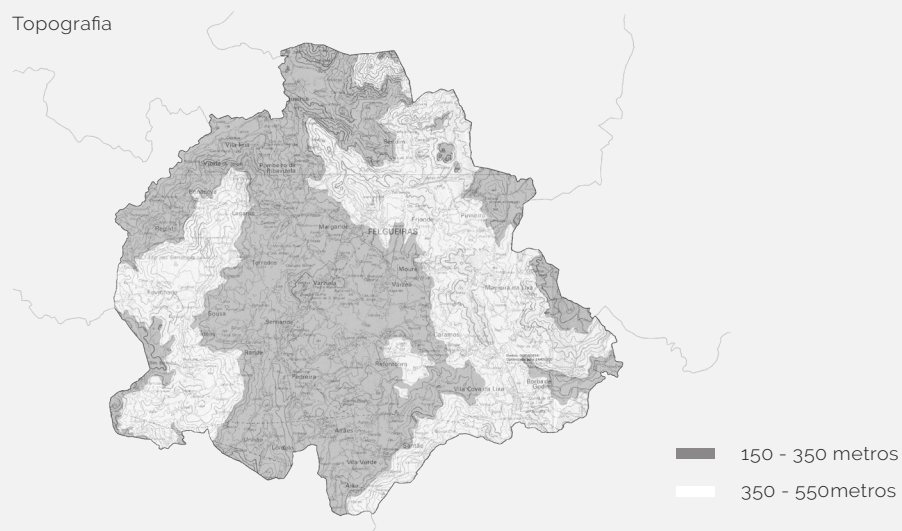
Por essa razão a cidade assume-se ainda hoje como um meio de forte desenvolvimento rural, tendo o setor primário 19% do peso na balança económica do concelho.

⁵⁰ FERNANDES, M. Antonino. Op. Cit., p.35.

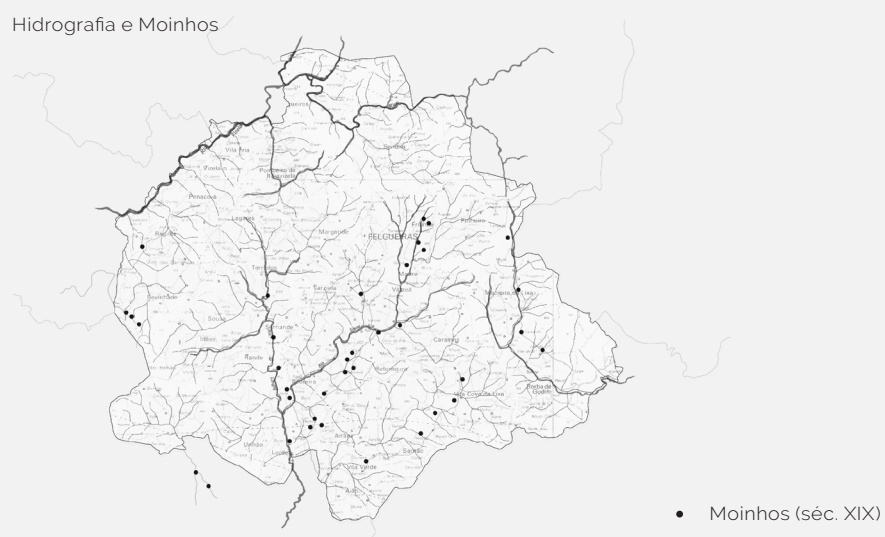
⁵¹ PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. Op. Cit., p.146.

⁵² PINTO, Armando. (1997). *Memorial Histórico de Rande e Alfozes de Felgueiras*, p.562. Edição Seminário de Felgueiras.

Topografia



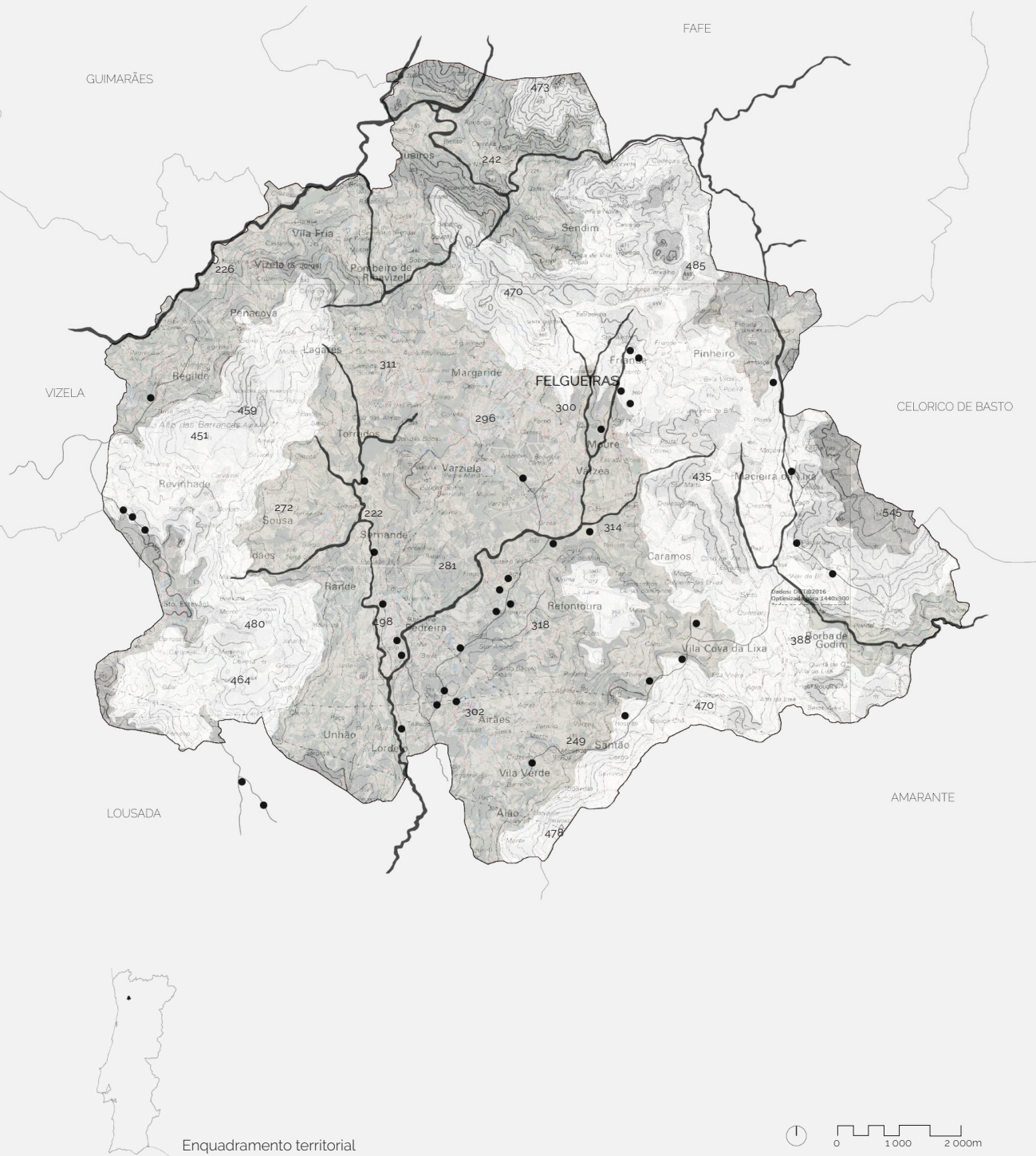
Hidrografia e Moinhos



Demografia



Figura VIII Esquemas de estratificação concelho de Felgueiras



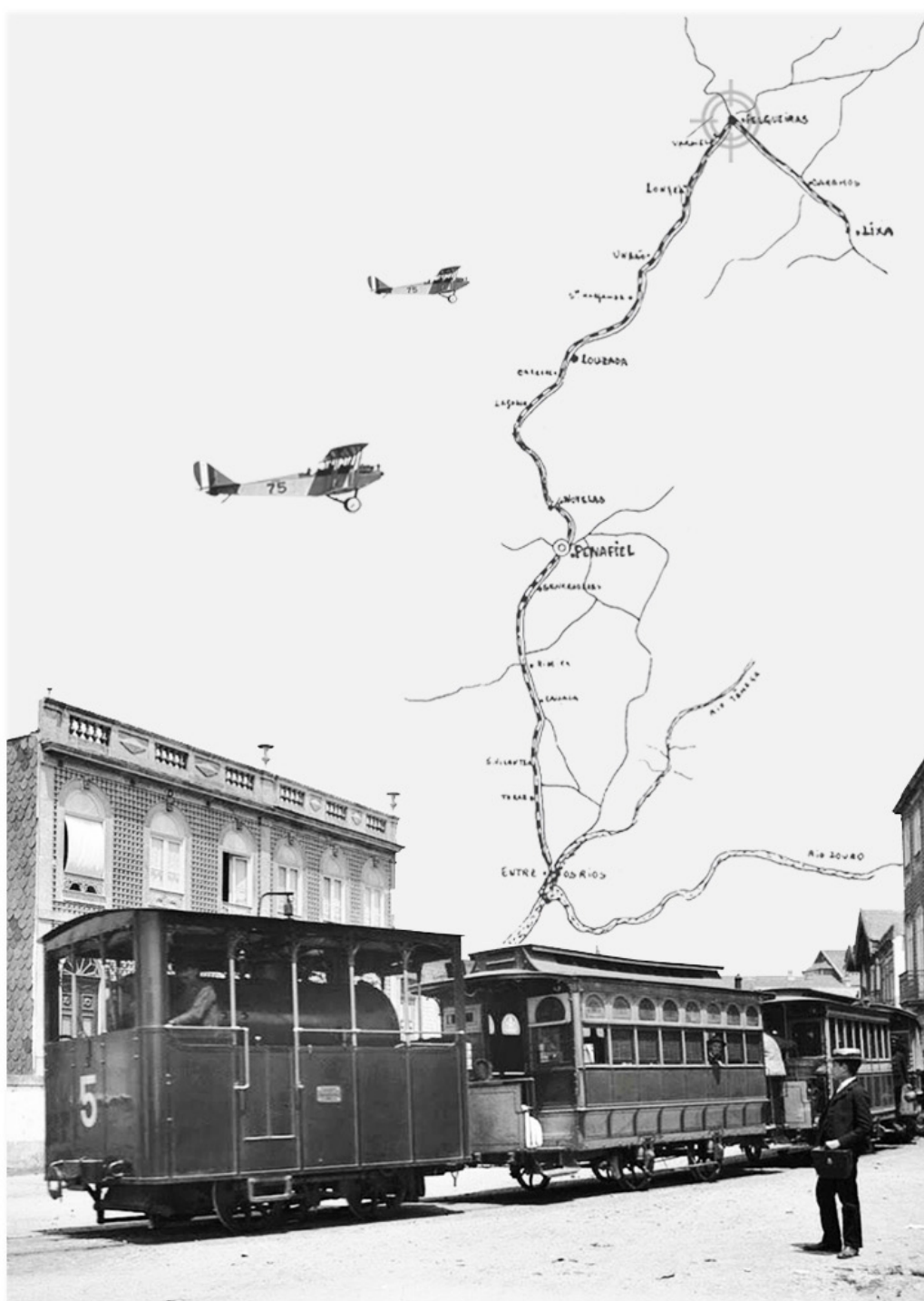


Figura X Felgueiras, um comboio e a Primeira Guerra Mundial

II.II. FELGUEIRAS, UM COMBOIO E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

"Em 1908, um homem dava o sinal de arranque de movimentação e entusiasmo, de acção e dinamismo que não há memória. Ao lançar a ideia do Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa, passando por Lousada e Felgueiras. Esse homem era o Dr. Cerqueira Magro. (...) Representando esta linha um grande melhoramento para as 4 povoações supramencionadas, assim como para o território, comércio e indústria dos respectivos concelhos (...)

A 27 de Abril de 1908, realiza-se uma reunião em Felgueiras (...) para apoiar a iniciativa do Dr. Cerqueira Magro. (...) O jornal de Lousada refere que, no concelho, "o entusiasmo produzido pela iniciativa do distinto clínico portuense foi tal, que em breves dias foi subscrito quase metade do capital necessário" (...). Foi o maior empreendimento realizado neste século de iniciativa e adesão popular, em concelhos do Vale do Sousa. (...)

Em 17 de Junho de 1910 realizou-se o concurso para a construção, sendo a companhia constituída no dia 11 de setembro do mesmo ano com a designação de "companhia do caminho de ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios, sociedade anonyma de responsabilidade limitada". Esta linha tinha um facto inédito em Portugal – à época – a primeira associação voluntária de municípios (Felgueiras, Lousada e Penafiel) que conseguiu construir uma linha férrea sem auxílio estatal. Tal desiderato foi conseguido com a criação da companhia, cujo capital foi integralmente subscrito por acionistas privados da região (...).

Em Junho de 1914 o comboio chegava a Felgueiras e realizava-se a sua inauguração (...) chegava a máquina "Felgueiras" que era mais potente que as que possuía a Companhia e tinha um "silvo diferente e mais suave ao ouvido" (...).

Dada a crise que a 1ª Grande Guerra veio criar, a companhia começava por atravessar um período difícil. (...) O custo de vida subia assustadoramente e os empregados reivindicavam aumentos (...) registaram-se novos acidentes (...) e em 1920 o serviço de transportes de passageiros e mercadorias foi substituído por carros auto-onibus e camions. (...) A companhia estava a chegar ao fim, não dando solução aos problemas. (...)

Em 1931, "pelo Ministério do Comércio foi ordenado o levantamento do rails do caminho de ferro, e a reparação do leito da estrada onde eles estão assentes" (...) muitos dos rails da linha servem ainda hoje de bancas de ramada, os pregos das travessas seguram pressões dessas ramadas, e algumas travessas de linha até ficaram enterradas no leito da estrada (...).

Foi o fim de um belo sonho (...)."⁵³

José Fernando Coelho Ferreira

53 FERREIRA, José Fernando Coelho. (1993). *O Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios*. Penafiel. 2ª Edição.

A linha de comboio que em tempos passou na cidade de Felgueiras, foi uma das primeiras tentativas de alavanco industrial, símbolo da vontade de uma população de evoluir no tempo, num meio que persistia predominantemente rural, em que as comunidades se voltavam para as áreas necessárias à sua sobrevivência, como a agricultura e o artesanato.

Essa vontade estava diretamente associada à influência dos desenvolvimentos sentidos quer em contexto nacional como internacional. Apesar de na Europa a Revolução Industrial já se ter verificado e consolidado (finais do século XVIII, inícios do século XIX), a sua expressão apenas surge em contexto nacional alguns anos mais tarde. *"Do ponto de vista económico – e, mais especificamente industrial –, o Norte não esteve à margem do processo de industrialização que, na altura, percorria diversos países da Europa e da América."*⁵⁵

Inicialmente os locais onde se verificou um maior impacto foram os centros urbanos mais desenvolvidos, como o Porto ou até mesmo Guimarães (um dos maiores centros industriais do Norte de Portugal). *"Sublinhe-se que, em 1884, dois eventos em Guimarães, concelho vizinho de Felgueiras, constituíram sinal de esperança na organização de centros de produção e abertura a mercados: A exposição industrial de Guimarães (...). Em 14 de Abril de 1884, o primeiro comboio de exploração comercial chegava à estação de Vila Flor (...)"*⁵⁶

Muito provavelmente, pela proximidade e influência, a população felgueirense sentiu esse ímpeto associado ao progresso, e naquela época o símbolo de melhoria e prosperidade era a indústria e mecanização. Contudo, uma das razões para o fracasso da linha de ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios talvez tenha sido essa mesma proximidade existente entre as duas cidades. Devido a um crescimento e conseqüente desenvolvimento mais acentuado de concelhos como Guimarães, as populações e o poder económico concentravam-se precisamente aí, sendo necessário que este traçado ferroviário tivesse ligação a um destes polos, evitando assim o seu desmantelamento prematuro.

Apesar da desilusão se refletir na população, visto que *"(...) não foi muito depressa vendido ou arrumado todo o material. Talvez porque às pessoas lhe causava repulsa o sonho ter este desfecho, ser assim decretado..."*⁵⁷ rapidamente surgiram sinais de progresso, que acabariam por estar relacionadas com a breve passagem do comboio pela região. Este incremento deu-se com a criação de indústrias de pequena escala dissimuladas pela paisagem podendo mesmo afirmar-se que *"(...) chegou o tempo das oficinas e com isso (...) foi-se dando uma viragem no modo de vida das populações."*⁵⁸

Apesar da pouca informação que o confirme, algumas das indústrias que hoje se afirmam como potenciadoras de desenvolvimento e expansão para o município podem muito provavelmente terem

55 MENDES, José. AMARO, António. RODRIGUES, Manuel. (2001). *A indústria transformadora na região norte: efeitos da integração europeia, 1986-1995*. Gestão e Desenvolvimento p.7.

56 PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. Op. Cit., p.148.

57 FERREIRA, José Fernando Coelho. Op. Cit., p.87.

58 PINTO, Armando. Op. Cit., p.563.

surgido nesta época, como é o caso do Pão de Ló de Margaride, onde *"(...)o fabrico do pão de ló ou pão leve, em Margaride, data de há mais de dois séculos, tendo alvará do Rei Dom Carlos de 22 de Abril de 1893, a nomeá-lo como fornecedora da Casa Real."*⁵⁹

De igual forma, também nesta altura a instalação da luz pública de carboneto em alguns locais do município permitiu o desenvolvimento da condição social pública, dando possibilidade às pessoas de assumirem a rua como um local de reunião e discussão, ao invés de se fecharem em círculos restritos, maioritariamente familiares. Muito provavelmente em muitas destas reuniões populares surgiram algumas das associações e parcerias que levaram à criação das mais diversas indústrias nos anos seguintes, que em muito contribuíram para a afirmação do território e da comunidade num contexto nacional.

Ainda assim nem sempre o desenvolvimento do setor industrial foi constatável ou se considerou relevante para o desenvolvimento do município, seja este económico, político e inclusivamente social, sendo referido na época que *"(...) a economia do Concelho depende exclusivamente da agricultura, principal fonte de receita, embora exista, dispersa pelas várias freguesias, uma reduzida indústria de semi-artesanato que pouco ou nada conta na economia do Município."*⁶⁰

Porém com o passar dos anos verificou-se um outro entendimento da realidade, pois este padrão de dinâmica industrial tornou-se extremamente importante para o que se adivinharia como o futuro da cidade de Felgueiras, *"(...) uma atividade dignificante que, décadas depois, num processo de inversão de papéis, viria a colocar a agricultura como segmento complementar aos rendimentos auferidos no trabalho industrial."*⁶¹

Podemos assim concluir que, apesar da sua breve e atribulada passagem pelo concelho, que praticamente se desconhece atualmente, o comboio e toda a sua dinâmica contribuíram para um desenvolvimento não só industrial, como social e económico, tendo sido muito possivelmente o principal ponto de viragem entre o contexto rural e o início de uma actividade fabril que permanece presente nos dias de hoje como marco identitário da cidade.

59 Descrição presente no site do Pão de Ló de Magaride, acessado em <http://www.paodelodemargaride.pt/html5/>

60 Antepiano de Urbanização de Felgueiras, 1945, p.3

61 PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. Op. Cit., p.149.

"A's 10 h poz-se em marcha a maquina tirando a carruagem-salão, engalanada com bandeiras nacionais e muitas flores, (...)

A recepção foi imponente e entusiástica.

Quando o comboio se aproximava de Unhão, ouviu-se o estrelejar dos foguetes, e a banda da Lixa executava diversos trechos de musica, vendo-se ali grande numero de pessoas e muitas senhoras que à chegada do comboio levantaram muitos vivas e lançaram flôres.

(...) o comboio poz-se em marcha chegando á Longra ás 11,30. Aqui tivemos a impressão de que estávamos n'um arraial pois esta povoação achava-se embandeirada, muitas tendas e restaurantes ambulantes, trens e automóveis que d'esta vila tinham ido para ali, muitas senhoras e cavalheiros e grande quantidade de povo".⁵⁴

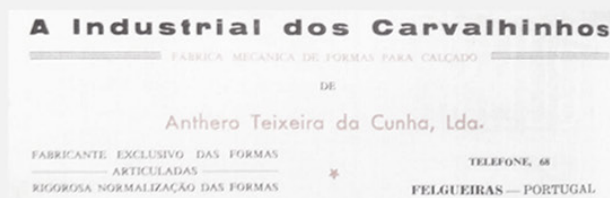


Figura XI Inauguração de um troço da linha férrea no concelho.

⁵⁴ O Jornal de Felgueiras, nº142, 16 de Maio de 1914.



Figura XII Postal da época ,do interior da Fábrica de Pão de Ló de Margaride



1_Indústria dos Carvalhinhos

Também conhecida como Fábrica da Bouça, encerrou atividades em 2007, encontrando-se hoje o edifício em ruínas.



2_Têxtil da Cegonha

Encerrou nos finais do século XX, já não existindo marcas do edifício.



3_Belcor Lda.

Edifício em análise, encerrou atividades em 2006, encontrando-se hoje o edifício em ruínas.



4_Fábrica Continental

Encerrou atividades na última década do século XX, encontrando-se hoje o edifício em ruínas.



5_Marina

Empresa ainda hoje em funcionamento, sendo um dos principais produtores de calçado no concelho.

Figura XIII Indústrias transformadoras que surgiram na época e permaneceram até ao nosso século.

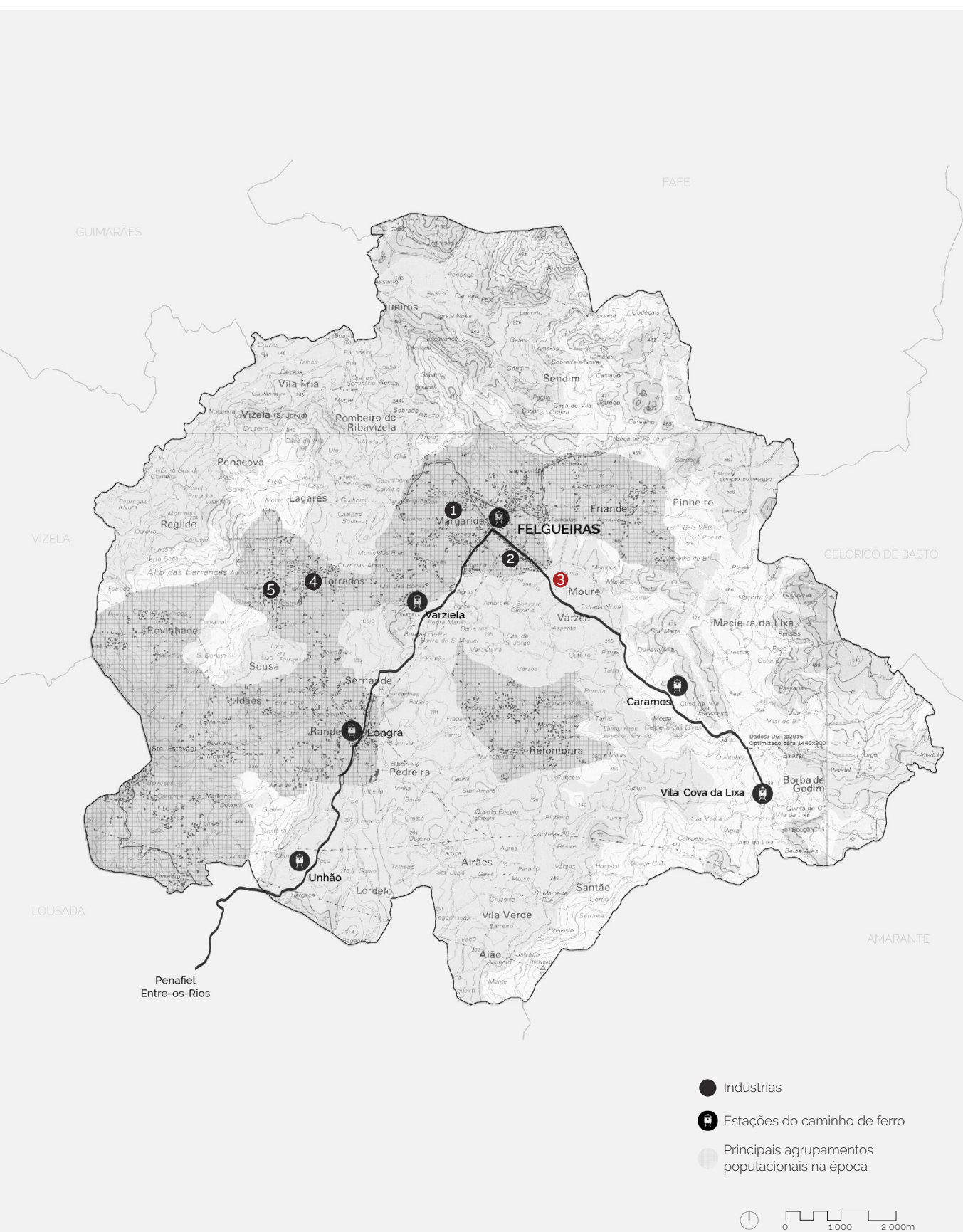


Figura XIV Planta do concelho com inscrição da linha de comboio



Figura XV *A inesperada (r)evolução*

II.III. A INESPERADA
(R)EVOLUÇÃO

"Felgueiras, Maio de 1936

- Boa tarde menina!

-Boa tarde meu senhor! – era a Rosalina quem respondia.

-Então menina... Já passou das duas horas da tarde e ainda aí está (...).

Àquela hora da tarde, a jovem, de dezasseis anos de idade, lavava os tabuleiros que tinha utilizado para a sua "exposição" de peixe, junto ao tanque ali existente – o tanque da Corredoura – muito semelhante, dizem os antigos, ao tanque das Colherzinhas, que ainda perdura no tempo, no largo Alexandre Herculano (...).

-Quantos anos tem? – Arnaldo procurou em saber.

-Dezasseis! – respondeu ela muito prontamente.

Foi então que Arnaldo a contemplou bem no fundo dos seus olhos; desejou afagar-lhe os cabelos meio castanhos, meio loiros; (...) tentando tocar, numa alegada casualidade, as suas mãos de peixeira, o que não conseguiu, devido à distância premeditada por Rosalina.

-O que faz o senhor? – procurou também ela saber qualquer coisa.

-Veja bem: tenho 22 anos e já sou caixeiro-viajante(...). Nasci no Porto e lá moro. Passo por Felgueiras sempre que é necessário, para fornecer os clientes que cá tenho (...).

-Rosalina, quer casar comigo? Vamos para longe daqui (...) você é muito bonita. Confesso: gosto de si! (...).

Arnaldo naquele dia quis dar por terminada a conversa, fazendo antever um segundo encontro (...). Pense melhor no que lhe disse, que de hoje a oito dias, torno a passar por aqui e tornamos a falar no assunto (...).

Arnaldo passados muitos anos, tinha já noventa e tal de idade, de visita ao concelho, faz questão de procurar o tanque da Corredoura, desaparecido no tempo (...).

-Ó avô, o que vejo é apenas um prédio à minha frente, diga lá onde está esse tanque.

-Olha João!...aqui, há muitos anos, no lugar deste edifício enorme, conheci uma rapariga. Na despedida ofereci-lhe um lenço que pouco antes trouxera ao peito. Prometi voltar, para vir falar com ela e para tratarmos de um assunto muito importante para nós, mas nunca mais voltei...nunca mais!

-Faltou ao compromisso – murmurou o neto.

-Não. Fui preso, como sabes, e exilado no Brasil. Conhecera-a dias antes do golpe de estado (...)."⁶²

José Carlos Magalhães Pereira

De forma metafórica, a história anterior revela-se bastante assertiva no que toca à descrição da cidade de Felgueiras na transição do início para o final do século XX. As paisagens transformaram-se, os vazios deram lugar a grandes edifícios que densificavam a malha urbana, numa das maiores fases de desenvolvimento da cidade, quer a nível regional como nacional.

Felgueiras como *“progressivo centro industrial do Norte do País”* onde *“vale a pena percorrer devagar estas veredas e admirar as maravilhas (...) a natureza (...), as modernas realizações no campo da indústria e da agricultura (...) as progressivas indústrias de fiação, tecelagem de algodão e seda, camisas, calçado, móveis de ferro, ferramentas e outros”*.⁶³

Esta transformação era sentida em todo o território nacional, visto que *“nestas três décadas e meia (1960-1995), a modernização” da sociedade portuguesa foi profunda. Foi, sobretudo, muito rápida*⁶⁴ E, se por um lado a Primeira Grande Guerra contribuiu para destruir alguns dos sonhos da modernidade (como a linha de caminho de ferro) por outro a Segunda Guerra Mundial criou oportunidades para esse desenvolvimento. Devido à necessidade de se autoabastecer, o país conseguiu penetrar nos mercados estrangeiros, proliferando unidades clandestinas face ao regulamento industrial em vigor.

Como vimos anteriormente, ao olhar para o traçado de desenvolvimento e expansão territorial do concelho na época, é perceptível que a breve passagem da linha de ferro não tenha sido um sonho desaparecido no tempo. O seu traçado original foi praticamente mantido para a construção das estradas nacionais 207 e 101, estradas estas que serviram como meio de acesso entre os diversos núcleos populacionais e consequentes atividades industriais, proporcionando o seu pronto desenvolvimento.

*“É interessante notar o impacto da rede viária na evolução da ocupação do solo de Felgueiras o que, de resto, é comum em áreas geográficas que se territorializaram em espaços intersticiais de redes de centros populacionais e/ou eixos de circulação hierarquicamente superiores.”*⁶⁵, não se localizando, ao contrário do que seria expectável, próxima das suas redes fluviais.

É então nesta fase que surgem algumas das maiores empresas alguma vez em atividade no município. Característicos do norte do país, estes polos industriais de grandes dimensões, revelavam-se praticamente autossuficientes, possuindo não só os pavilhões de confeção/ fabrico como serralharias, cantinas, carpintarias e até mesmo creches para os que não tinham outras possibilidades, funcionando como uma pequena cidade no interior da mesma.

Devido a esta crescente capacidade impulsionadora, alguns operários felgueirenses viram-lhes atribuído o galardão de mérito industrial, pela Associação Industrial Portuense. Um dos exemplos, foi a criação da *“sirene da fábrica”*, característica que perdurou até aos dias de hoje na maioria das indústrias, fazendo parte da memória coletiva do concelho.

63 PEREIRA, Santos. (1965). *Terras da Nossa Terra*, p.41. Porto.

64 MENDES, José. AMARO, António. RODRIGUES, Manuel. Op. Cit., p.164.

65 PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. Op. Cit., p.142.

É então neste período que surge a notícia que fazia manche-te na capa do Jornal de Felgueiras, a 16 de Janeiro de 1954. *"Vai ser montada no sítio chamado antigamente Pinhal da Rebela uma nova fábrica de tecidos, para o que já está adquirido o terreno necessário, começando brevemente a sua construção."*⁶⁶

Tratava-se da fábrica "(...) Belcor Lda (...) já com escritórios no Porto, portador de cinco números de telefone, além do da fábrica (o 171), dedicava-se à produção de fios-condensados, cardados, penteados, gasados e mercerizados e tecidos-panos de lençol, popelines, lonas, gabardines, cambraias e outras fantasias de algodão e terylene."⁶⁷

Fundada pelos sócios Luís Correia de Sousa Areias e Belmiro Ferreira, implantava-se, como grande parte das indústrias que surgiram nesta época, junto à estrada nacional 101, onde em tempos passou o caminho de ferro, de modo a usufruir de uma posição privilegiada em termos de acessibilidade e relação com o núcleo central do município, estando "(...) a dois passos de Margaride e quase no coração de Felgueiras (...)".⁶⁸

Para além disso, o facto desta não se encontrar precisamente no núcleo urbano do município, permitia fazer a conexão entre o mesmo e as zonas rurais periféricas, onde rastreava a numerosa mão de obra necessária para corresponder às exigências de fabrico deste tipo de indústria.

Como referido, a fábrica surge em 1954, inicialmente de pequenas dimensões, apenas com dois volumes de um único piso, divididos entre salão de tecelagem e volume da administração. Rapidamente se sentiu a necessidade de aumentar as instalações existentes, devido à forte resposta do mercado, procedendo-se em 1956 ao aumento do salão de tecelagem e criação de um pequeno armazém (armazém da Rama), juntamente com muros de vedação em torno de todo o construído.

Com o volume de encomendas em constante aumento, os anos seguintes foram marcados por inúmeras intervenções de ampliação do complexo fabril, num sinal de pleno desenvolvimento do setor. Este factor contribuiria diretamente para o crescimento do município quer por questões de protagonismo industrial face aos concelhos contíguos quer com a geração de cada vez mais postos de trabalho, afirmando-se cada vez mais a população felgueirense pela passagem da condição de artesão para operário.

Em 1959 observavam-se alterações no topo norte do edifício, que se iriam manter até aos dias de hoje. Ao volume administrativo previamente existente é acrescentado um piso, passando todas as dependências para o piso superior. Ao nível do rés-do-chão é acrescentado um salão de fabrico, com recurso a novas técnicas de produção como engomadeira, urdideira e tinturaria, assim como armazéns para posterior reserva do produto, prova da competitividade do conjunto tentando incluir constantemente as novas técnicas vigentes.

66 SAMPAIO, Manuel. (16 de Janeiro de 1954). *Indústrias*. O Jornal de Felgueiras. N.º 2.167. Felgueiras.

67 PEREIRA, Santos. Op. Cit., p.41.

68 FERNANDES, M. Antonino. Op. Cit., p.116.

Apesar de não serem mencionadas no alvará de construção, facto recorrente nesta época, surgem ainda mais duas dependências, uma pequena portaria e um novo volume no setor nascente do edifício. Passados dois anos, em 1961, são acrescentados dois novos volumes, um novo salão e uma gaseadeira, fazendo a ligação entre todos o edificado existente.

No ano de 1969, regista-se apenas a construção de uma portaria com marcação do ponto, verificando-se ainda a existência de vários volumes que não se encontram registados na documentação da Câmara Municipal em anos anteriores.

Na década de 70, são feitas algumas alterações, mas de pequena escala, no que se prevê um período de estagnação e menor volume de encomendas. Em 1974 é acrescentado um piso a um volume existente, albergando a cabine para filtros de poeiras de algodão. Um ano depois, é ampliada a guarita do porteiro, sendo agora capacitada de serviços telefónicos. Já no final da década, em 1978, projeta-se uma cobertura entre o armazém da rama e a fiação grossa, procedendo-se à ampliação deste último com um parque de bicicletas e uma arrecadação.

Nos anos 80, são feitas algumas das maiores intervenções no complexo industrial, pelo que se presume ser o maior período de desenvolvimento da fábrica Belcor, depois de um momento de instabilidade sofrido na anteriormente. Em 1980 identifica-se a construção de um novo volume independente, que dá continuidade volumétrica a um outro existente. Este dispõe-se em dois pisos, encontrando-se na cave o armazém e as dependências dos funcionários (instalações sanitárias e vestiários) enquanto que no piso superior se encontra toda a produção (matéria prima, fabrico e expedição) assim como a zona administrativa.

Não sendo este suficiente, em 1982 conclui-se a zona nascente do complexo, com a construção de um volume de grandes dimensões, associado ao fabrico, com as seguintes dependências: salão de tecelagem, armazém da goma e da fécula e de fios, urdideira, bobinadeiras, caldeira, instalações sanitárias e torres elétricas. A zona central correspondia a questões administrativas possuindo dois pisos.

Apesar de não existirem registos de alterações no conjunto após esta data, verifica-se a existência de um novo volume ligado a este último, que pela sua constituição se presume ser um espaço de armazenamento. A década de 90, regista-se como o maior período de declínio da fábrica, sendo *"(...) o desempenho do grupo ao longo dos últimos anos 1989-1992, bastante fraco" devido a perda de competitividade, política comercial desajustada e dificuldades ao nível organizativo.*⁶⁹

*"(...) em Julho de 1993 (é feito) o processo especial de recuperação da empresa (...)"*⁷⁰ que acaba por ser recusado devido a dívidas por regularizar, o que se revela decisivo para o inevitável encerramento, que se sucedeu em 2006.

69 SANTOS, Ana Borja, chefe de gabinete. (25 de Maio de 1995). Diário de Assembleia da República, II-Série B, nº31, p.21.

70 Ibidem, p.22.

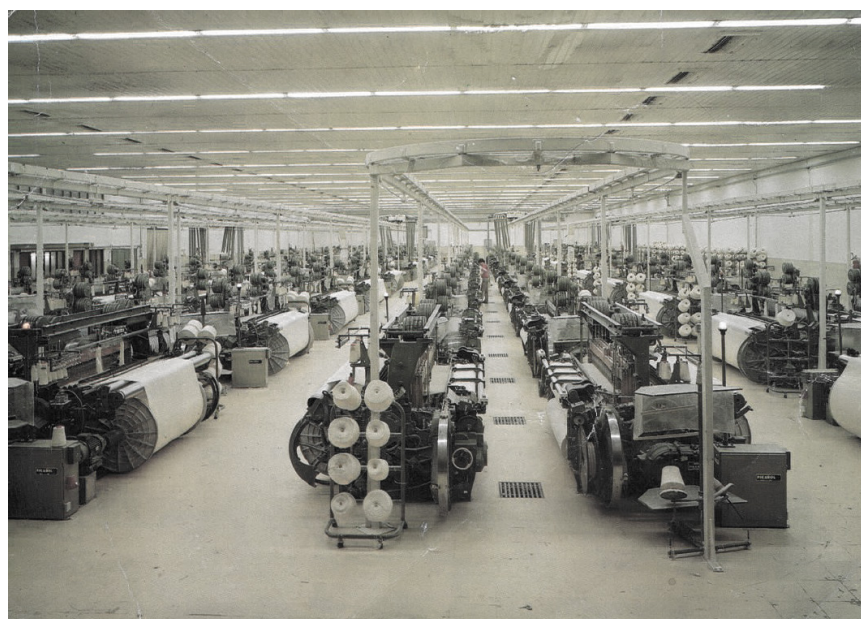


Figura XVI Fábrica Belcor em funcionamento.

BELCOR LDA.

CRONOLOGIA

1954

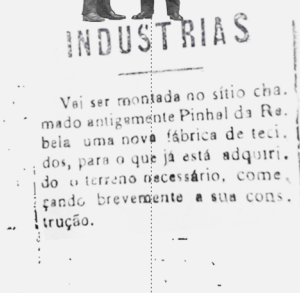
Construção de dois volumes de um piso

1956

Ampliações e construção de um novo volume

1959

Construção de dois novos volumes



1. Zona Administrativa

- _Gerência
- _Escritórios
- _Sala de Espera
- _Armazém de artigos
- _Armazém de mercadorias

2. Salão de Tecelagem

- _Salão
- _Sanitários

3. Ampliações

- _Aumento do salão de tecelagem
- _Armazém da Rama

4. Topo Norte

- _Acrescento de um piso ao volume da zona administrativa.
- _Salão de teares, engomadeira, unturaria, armazéns de fio e te caldeira.
- _Vestitários

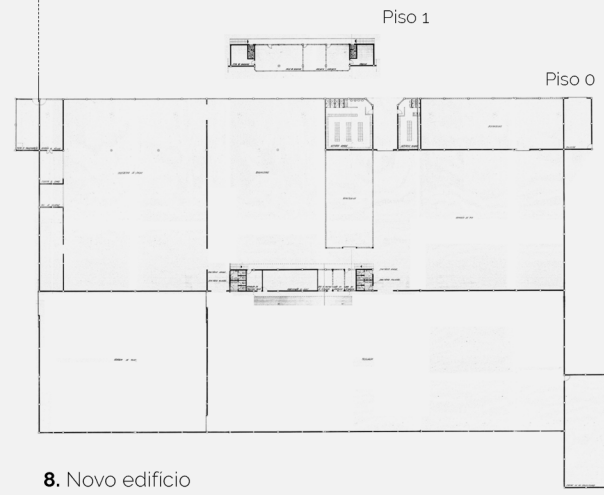
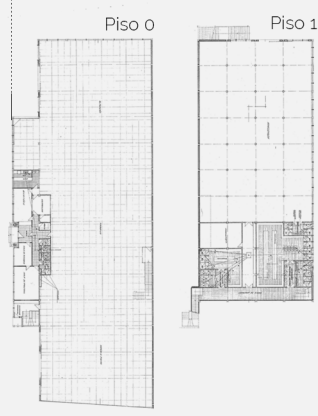
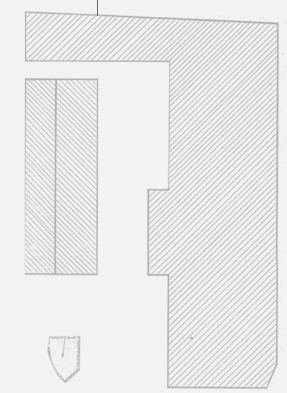
1961
Construção de um volume

1969
Várias ampliações, apesar de não existir registo.

1980
Construção de volume de dois pisos e cobertura.

1982
Construção de novo volume.

2006
Falência e encerramento de portas.



5. Ampliações
_Novo salão
_Nova gaseadeira

6. Ampliações
_Gabinete do porteiro e marcação do ponto
_Ampliações não registadas
_Em 1974 acrescenta-se uma cabine para filtros de poeiras de algodão
_Em 1975, acrescenta-se um cobertura entre o salão e o armazém da rama e um volume de arrecadação

7. Novo volume com 2 pisos
_Cave com arrecadação, armazenagem, instalações sanitárias e vestiários
_Piso superior com matéria prima, fabrico e expedição, e zona administrativa.

8. Novo edifício
_Armazéns, urdideira de cargas, engomadeiras, tecelagem, remetedeira, bobinadeira, vestiários e torres elétricas
_Núcleo central administrativo

Figura XVII Análise cronológica do crescimento da fábrica Belcor

Capítulo III. CENÁRIO

CENÁRIO_ Conjunto de elementos que existem como plano de fundo de determinada história.
É o espaço real ou virtual, onde a história decorre.



Figura XVIII Com os pés na Guerra das Estrelas

III.I. COM OS PÉS NA GUERRA DAS ESTRELAS

“Uma visita à marca «Swear» colocaram Lagares - perto de Felgueiras, no «cluster» nortenho do calçado. As botas de solas altas, cores vivas e formas originais que a família Neves criou na Calzeus fazem moda no mundo da cultura «alternativa» em Londres, Tóquio, Hong Kong, Moscovo ou mesmo em Alexandria (no Egito).

O leitor provavelmente sofrerá da dificuldade que também eu tive de apontar com segurança onde fica Lagares na geografia do norte português. E ficará tão perplexo como eu de dar com uma fábrica de calçado que não trabalha para o contentor, que não fabrica marca «branca», que não tem umas centenas largas de operários na foto de fim de ano na escadaria de entrada. Apesar de ser gorda a faturação - mais de um milhão de contos no ano passado -, a Calzeus tem pouco mais de meia centena de colaboradores dentro de casa.

No meio desta marca, está José Neves, 25 anos, o jovem «cérebro» da família, que idealizou a estratégia de corte com o modelo tradicional da indústria. Aos vinte anos, saiu a meio do curso da Faculdade de Economia do Porto para emparceirar com os pais no regresso da família ao negócio do avô...e dar vazão - imagine-se num candidato a economista! - ao seu gosto por rabiscar um design tão arrojado para enfeitar os pés de um nicho enormíssimo de gente à escala mundial.

«A opção era arriscada. Não era o que estava provado e comprovado», remata José Neves, que conseguiu colocar a firma portuguesa como «o único conceito de marca jovem no calçado made by Portugal». Em vez de encher os contentores para clientes de marca estrangeira, a Calzeus carrega séries de sapatos - «de 1 a 1000», como diz por piada o nosso interlocutor - com mais de 750 combinações de modelos e cores para mais de 35 países em todos os continentes. No ano passado saíram 140 mil pares e este ano sairá o dobro.

Mas um dos aspectos que seduz mais o forasteiro é a forma como a Calzeus se focalizou no seu produto. «Mais do que um produto, é um conceito, uma filosofia de vida, uma cultura alternativa», diz-nos José Neves que calça a rigor um dos seus «filhos».

A ideia é uma indústria assente na «rebeldia» de um certo segmento de clientes que existe em todo o lado.

Calçaram as Spice Girls, Robbie Williams, Radiohead, Marilyn Manson e os REM e mais recentemente as personagens do último episódio da Guerra das Estrelas. Mas mais importante do que estes tiros de marketing é a estratégia original seguida pelos fundadores da Calzeus e a comunidade de fãs à escala planetária que cultivam diariamente na Web.”⁷¹

Jorge Nascimento Rodrigues

⁷¹ RODRIGUES, Jorge. *A tribo dos sapatos alternativos*. Janela na Web. Acesso em <http://www.janelanaweb.com/manageme/swear.html>



Figura XIX Catálogo *Swear Shoes*

A história da SWEAR Shoes torna-se um exemplo no que diz respeito à vasta expansão industrial do município de Felgueiras nos finais do século XX, sobretudo no setor do calçado.

Como foi constatado anteriormente, este setor sempre esteve presente nas atividades do concelho, mesmo que a uma escala bastante reduzida, com o trabalho artesanal desta componente (sobretudo de reparações) a fazer parte de algumas das oficinas familiares espalhadas pelo território.

O facto do concelho, no final do século XX, se encontrar numa fase de amplo desenvolvimento em vários setores, mas sobretudo no industrial, aliado à capacidade impulsionadora característica da população, levou a que esta atividade que se encontrava presente na memória de infância de muitos felgueirenses, rapidamente se tornasse no maior polo de expansão e crescimento que a cidade atravessou até aos dias de hoje.

Apesar de tudo o início não foi fácil. *"Em 1962, um estudo da Associação Industrial Portuguesa dava conta de uma vistoria às fábricas de calçado (em Felgueiras) e constatava que "52 eram boas, 103 regulares, 255 más e 1616 péssimas"*⁷², pelo que poucos acreditavam num futuro sustentado pela expansão deste setor.

Na década de 70 do século XX, nasciam no meio das aldeias e vilas, como o caso de Felgueiras, as primeiras fábricas deste setor, numa época em que para muitos as pequenas oficinas capazes de produzir calçado não constituíam mais do que *"(...) um mero artesanato, e que pensar em exportação tendo-as como suporte industrial seria evidentemente mera fantasia"*⁷³

Porém, no final dessa mesma década já se constatava algumas mudanças, pois ainda que frágil, a base industrial estava criada. Com a adesão à CEE na década seguinte (em 1986) e os consequentes acordos de livre comércio, deu-se um avanço significativo em termos de exportações, passando a maior parte das indústrias a produzir para marcas internacionais.

Na década de 90, e com a combinação entre a sabedoria dos empresários com a modernização tecnológica necessária, inserida por alguns "doutores do Porto", a competitividade com os mercados estrangeiros aumentou, afirmando-se as pequenas empresas que trabalhavam para grandes marcas internacionais como sendo elas mesmas as grandes marcas, com assinatura e fabrico próprio.

*"(...) de um sector pobre, artesanal e orientado para o mercado interno e colonial, a indústria do calçado evoluiu para um setor com vocação predominantemente exportadora, onde algumas unidades produtivas utilizam tecnologias de ponta ao nível dos melhores concorrentes estrangeiros"*⁷⁴

⁷² CARVALHO, Manuel. (20 de Outubro de 2013). *A história de uma indústria condenada que se tornou um modelo para Portugal*. Jornal Público. Lisboa

⁷³ Miguel Cedilhe citado em CARVALHO, Manuel. Op. Cit.

⁷⁴ Câmara Municipal de Felgueiras. (2007). *Estudo prospetivo*.

Segundo dados, atualmente *"(...) as empresas sediadas no concelho, são responsáveis por cerca de 35% das exportações nacionais de calçado"*⁷⁵, tendo assim uma importância económica muito acima do que seria expectável para um território da sua dimensão.

Desta forma, tendo em conta a influência do setor na economia local, a cidade assume-se como predominantemente industrial, tendo o setor do calçado um papel bastante importante na vida da população do concelho, visto que o setor secundário é o principal empregador da população ativa (cerca de 60%). Do mesmo modo, sendo o calçado um setor dependente de mão de obra, o concelho apresenta uma taxa de desemprego relativamente baixa (cerca de 10,33%), sendo considerado por várias vezes como o concelho com menor taxa de desemprego do país.

*"De acordo com a APICCAPS, o concelho de Felgueiras é o maior produtor de calçado do país, com um mercado internacional de mais de 150 clientes, exportando 95% da sua produção para diversos países distribuídos por vários continentes,"*⁷⁶

A atividade permite ainda que o concelho possua o maior volume de negócios da região do Tâmega, sendo portador, em relação à indústria transformadora, de um desenvolvimento em muito superior aos territórios vizinhos. A nível nacional o calçado assume-se como a indústria com o maior saldo comercial, com uma taxa de cobertura das importações pelas exportações bastante considerável, sendo um dos poucos segmentos de mercado que apresenta valores positivos relevantes, e tendo por isso bastante impacto na economia.

*"Enquanto uma parte da indústria e a maioria do país adormeceu à sombra do crédito fácil e do mercado interno protegido, os sapateiros aprenderam rápido o que quer dizer a concorrência internacional e o que vale a "competitividade. Hoje, podem dar uma lição ao país."*⁷⁷

No entanto o caminho é trabalhoso e o termo *"com os pés na Guerra das Estrelas"* não se refere unicamente à viagem internacional de uma indústria do município, mas também à competitividade do setor, quer a nível nacional em que Felgueiras disputa o estatuto de "capital do calçado" com o município de São João da Madeira, quer a nível internacional, encontrando-se em segundo plano apenas atrás da Itália (país de referência no setor).

Posto isto Felgueiras prossegue no tempo, imaginando um futuro com base numa atividade com raízes na época do artesanato e da agricultura, com base numa história que começou em *"oficinas de vãos de escada, muitas vezes instaladas com pequenas poupanças das famílias"* e sendo muito provavelmente *"a história mais bem-sucedida da economia portuguesa do último meio século"*.⁷⁸

75 Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Plano Diretor Municipal, p.3.

76 PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. Op. Cit., p.160.

77 CARVALHO, Manuel. (20 de Outubro de 2013). Op. Cit.

78 Ibidem.

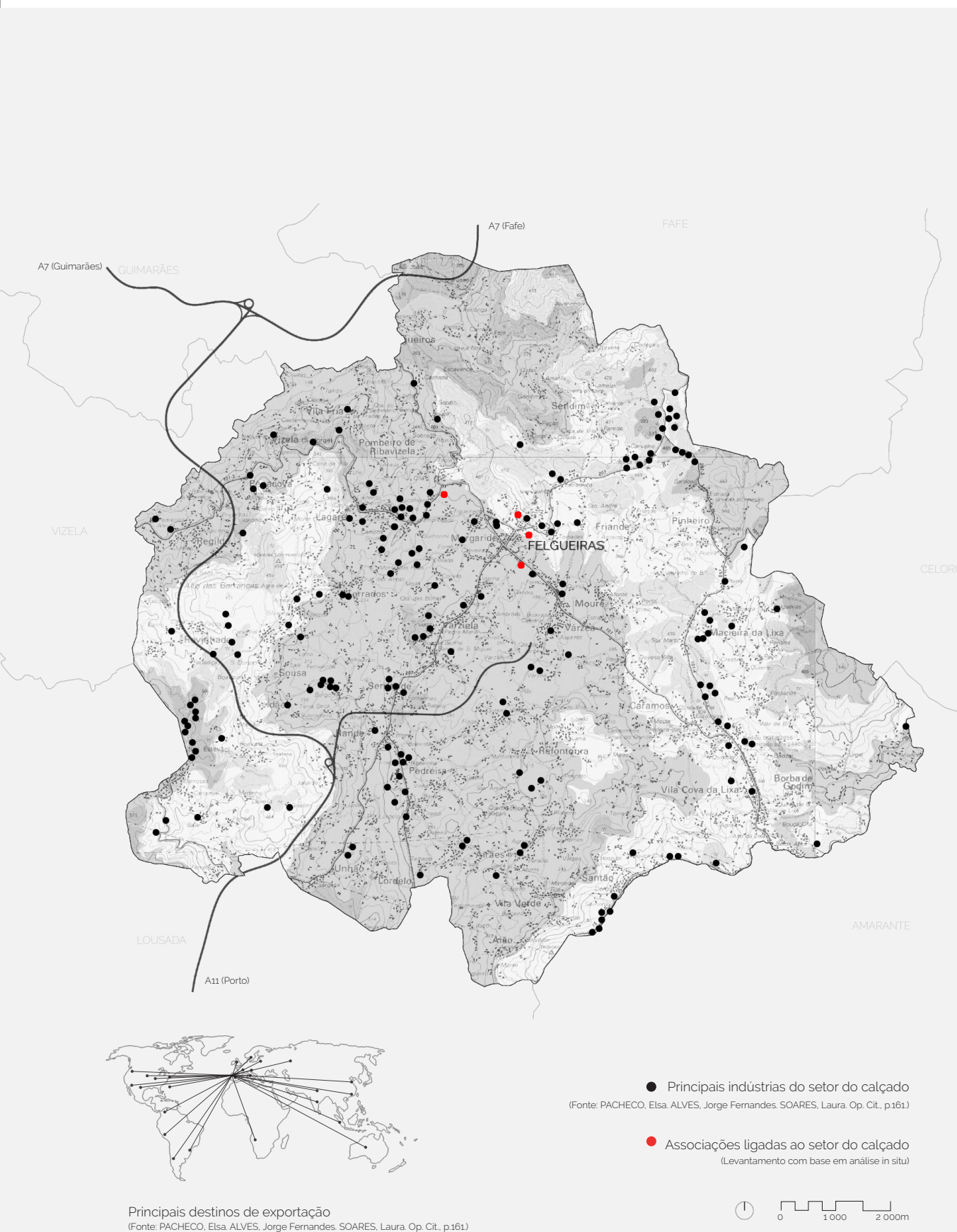


Figura XX Planta do concelho com as principais empresas do setor do calçado



Figura XXI A paragem dos motores

Eram 16:03h, quarta-feira, 28 de Março de 2018. O sr. Amadeu, de 87 anos, estava sentado na sala de estar, a ver o seu programa habitual, ao pé de uma pequena salamandra e com uma manta sobre as pernas, que o aqueciam num dia particularmente frio e chuvoso. O relato sobre os tempos de trabalho na fábrica Belcor surgiram de imediato.

"Comecei em 1959, com os meus 27 anos (...) e trabalhei lá 35 anos. Era lubrificador. Inicialmente fui cortador de fio, para o armazém, e depois o mestre Lopes soube que eu tinha uma hérnia e disse-me "eu vou-te tirar de cortar fio, vais pegar numa galheta para pôr óleo e massa nas máquinas. Onde vires uma junta a ficar seca, metes massa". Era um bom trabalho, mas de muita responsabilidade, as máquinas custavam uma fortuna se queimassem, era preciso estar muito atento.

Aquilo tinha muito movimento, devia ter à volta de 700 trabalhadores. Era uma fábrica de alto gabarito. No tempo do falecido engenheiro Bezerra, do Bravo, do mestre Lopes (...) aquilo deu dinheiro, aliás deu rios de dinheiro. Luís Correia Sousa Areias, era o proprietário.

(...) tinha muitas condições, tinha que manter uma temperatura para o fio ter qualidade ao sair das máquinas. Entrava em rama, ia para o batedor, para as cardas, para a gaseadeira, urdideira, para os contínuos, para as bobinadeiras, e por fim para os teares para tecer. (...) (a matéria prima) entrava em fardos, camiões de fardos, e saía o material finalizado.

(...) (o dono) era muito rico, tinha um Peugeot cor de leite, quando entrava em Felgueiras diziam "está aí o rico". Tinha motorista, entrava na fábrica a uma grande velocidade. Mas apesar de tudo era um bom homem, infelizmente quando morreu o filho não soube gerir as coisas.

(...) meteu-se com rapaziada nova, engenheiros que estiveram na América com ele a estudar, deixou tudo a um filho, uma fortuna. Quintas, fábricas, a Luzmonte em Vizela, a LuzCorreia em Guimarães, e dinheiro, muito dinheiro. (...) deixamos de ver o Peugeot percebemos logo o que se tinha passado (...) descobriu-se que tinha mais de uma centena de amantes, e cada uma veio à Belcor buscar a sua parte, naquela época cento e tal contos cada uma, pois ele deixou escrito no testamento.

Quando encerrou ficou muita gente desempregada e foram dadas indemnizações. A mim deram-me duzentos ou trezentos contos, apesar de ter direito a mais porque era empregado da casa, mas como já não estava ao serviço, estava de baixa... Ainda foi gasto muito dinheiro em indemnizações.

(...) se ficasse até ao fecho recebia para aí três mil contos. Eu tinha muitos anos de serviço, foi uma vida dedicada aquela fábrica. Agora, está assim!"⁷⁹

79 Entrevista completa em anexo.

A história do fecho de portas da fábrica Belcor, continua presente não só na memória dos seus antigos operários como de toda a população, e isso deve-se à sua presença, mesmo que arruinada, ao longo de todos estes anos na malha urbana da cidade de Felgueiras. A indústria encerrou atividades no ano de 2006 fazendo, no momento de redação desta investigação, doze anos desse acontecimento. Em mais de uma década, não existiram medidas para a sua reconversão ou a preservação do seu espaço, permitindo assim a sua contínua degradação.

Contudo, este local em abandono não é único, existindo uma diversidade de *espaços vazios, imprecisos, de não cidade* ⁸⁰, presentes quer no núcleo urbano da cidade de Felgueiras como em torno de todo o concelho.

Ao observar a constituição da malha urbana da cidade, entendemos que esta se caracteriza por um aglomerado central mais denso (mesmo que a uma escala bastante reduzida quando comparada com cidades de maior dimensão) em relação a uma periferia mais fragmentada. Este núcleo encontra-se marcado pela presença de duas estruturas viárias transversais que fazem o acesso aos concelhos vizinhos. A estrada nacional 101, que liga Guimarães à Lixa, e uma via de circulação que dá acesso à autoestrada (A42), sendo estas estruturas conectadas por uma avenida central (Avenida Dr. Leonardo Coimbra).

No entanto, o próprio núcleo central revela-se um pouco impreciso, difuso, sendo esta uma característica própria de uma cidade maioritariamente ruralizada, agravada pela presença de diversos vazios que constituem problemas não só na conexão entre espaços como no próprio desenvolvimento da cidade.

*"(...) diferentes tipos de "vazios urbanos", sejam eles consequência de uma urbanização descontínua e heterogênea sobre o território, deixando nos seus interstícios retalhos de uma ruralidade persistente; ou sejam esses vazios os resquícios de uma cidade industrial passada e esquecida nas ruínas de grandes unidades produtivas desativadas."*⁸¹ Estes espaços negativos e a sua formação estão diretamente relacionados com o crescimento (descontínuo) da própria cidade.

Como constatado anteriormente, em meados do século XX ergueram-se fábricas como a Bouça e a Belcor, num período em que se deram avanços significativos no setor industrial, gerando com isso polos laborais de dimensões consideráveis. No entanto, devido não só a fatores financeiros e más gestões governativas, mas também à descontextualização da área de atividade (têxtil), numa zona onde o calçado é predominante, os estabelecimentos viram-se obrigados a encerrar atividades no início deste século, permanecendo em abandono até então.

Estas instalações surgem próximas à estrada nacional 101, sendo muito provavelmente uma das intenções de implantação, a proximidade a uma estrutura viária de maiores dimensões que permitisse a conexão com outros polos urbanos, encontrando-se

⁸⁰ Referência a Ignasi de Solà-Morales e a sua definição de *terrain vague*

⁸¹ SÁ E MELO, Luís Pedro. Op.cit.

assim numa zona intermédia entre o núcleo e as periferias.

Devido a esta visibilidade constante, e possuindo estes edifícios uma escala considerável, assumem-se como parte da memória coletiva da população do concelho.

Este tipo de espaços possui frequentemente problemas administrativos, pertencendo ou a instituições legais ou a privados que apenas se preocupam com a rentabilização do local, impedindo o seu desenvolvimento, que quando surge, na maior parte dos casos, acaba na sua demolição. Um outro problema também associado à dimensão que estas áreas possuem, está relacionado com a necessidade de um programa extenso para a sua reabilitação.

"(...) são ilhas interiores, vazias de atividade, são lugares esquecidos que permanecem fora da atividade urbana." ⁸²

Para além da existência destes cenários de abandono, que em nada contribuem para o seu desenvolvimento, na última década a situação agravou-se devido à criação de novos terrenos vagos na cidade. Estes novos vazios resultam de um modelo de desenvolvimento urbano para sul do núcleo central, entre a estrada nacional 101 e a via de circunvalação, onde foram desenvolvidos planos urbanísticos de grande escala, na tentativa de resolver questões associadas a necessidades industriais e de habitação.

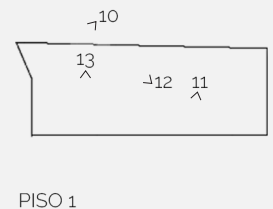
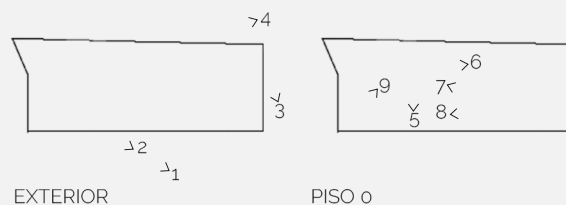
Com a crise e os consequentes atrasos nos processos de desenvolvimento das propostas, o que dispomos nos dias de hoje não passam de grandes loteamentos estruturados, repletos de nada. Amplos vazios que avultam ainda mais a barreira em torno da cidade, que impede a conexão quer com o exterior quer com ela própria.

Se pensarmos ainda que todos estes espaços (os edifícios em abandono do final do século XX e os planos de pormenor ainda em desenvolvimento) se encontram a menos de 1Km da Câmara Municipal, centro coletivo da cidade de Felgueiras, percebemos rapidamente que não se tratam simplesmente de fragmentos afastados entre si dispersos pela cidade, pelo contrário, tornam-se estes espaços os protagonistas sendo a cidade o seu fragmento. Uma cidade que se revela em ruínas, vazia e sem atividade.

82 SOLÁ-MORALES, Ignasi. Op. Cit., p.188.

BELCOR LDA.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Volume 1



1 Fachada Poente vista da EN101



6 Salão de tecelagem



10 Marcas do produto final



2 Entrada principal



5 Túnel de acesso, que serve de separação entre os dois volumes



7 Salão de tecelagem



11 Escritório



3 Vista lateral, fachada sul



8 Salão de tecelagem



12 Escadas interiores de acesso entre pisos



4 Fachada nascente

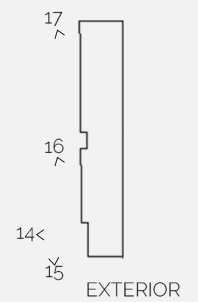


9 Armazém de fio

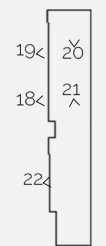


13 Possível vestiário

Figura XXII Levantamento fotográfico da fábrica Belcor



EXTERIOR



PISO 0



PISO 1

Volume 2



14 Fachada Norte



18 Escritórios



22 Instalações sanitárias



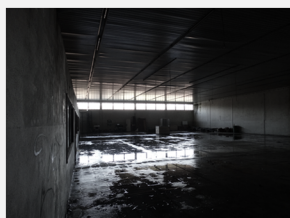
15 Corredor de separação entre volumes



19 Sala de amostras



16 Fachada Norte



20 Salão de fabrico



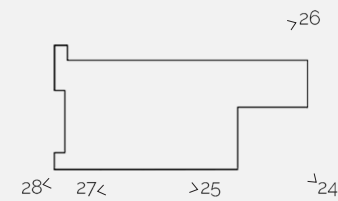
17 Fachada norte do volume posterior



21 Salão de fabrico



23 Salão no piso superior



EXTERIOR

Volume 3



24 Espaço entre os três volumes



25 Corredor de separação entre volumes



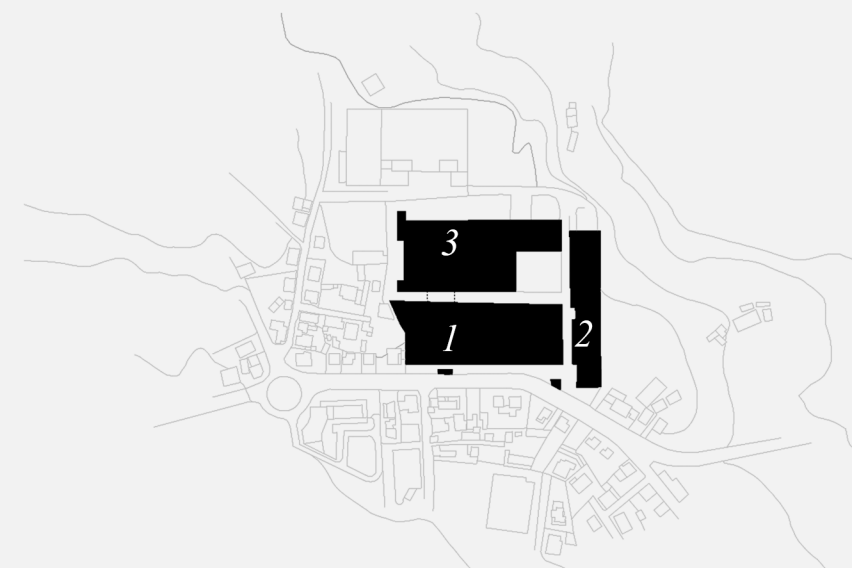
28 Marcas da atividade industrial



26 Vista tardoz, fachada Nascente



27 Cobertura entre volumes



PORTARIAS



29 Portaria dos funcionários



31 Portaria principal



30 Interior da portaria dos funcionários



32 Portaria principal



Figura XXIII *Uma cidade amórfica*

III.III. UMA CIDADE AMÓRFICA

"Felgueiras, um concelho do Vale do Sousa, uma terra de ativo desenvolvimento e de futuro promissor.... eloquências à parte! Observemos a nossa terra com frontalidade.

Atualmente assistimos a um completo marasmo em todos os quadrantes da vida, temos assistido ao longo do tempo ao cair de Felgueiras em todos os domínios.

No espaço de uma década, a cidade de Felgueiras assistiu ao desvanecer de um futuro auspicioso, em todos os quadrantes da vida social. A nossa cidade não progrediu, não estagnou, mas sim, retrocedeu. A saúde financeira e a vida social de outrora já não existem. Neste momento, a cidade não possui locais de interesse ou actividades que devolvam aos seus munícipes o orgulho em ser felgueirense.

Existe uma falta grave de recursos, de infraestruturas, de apoios, que em nada ajudam ao ultrapassar esta fase sombria da sociedade portuguesa no plano económico e social, e mais propriamente dos felgueirenses que vêm agora o seu futuro condicionado e mesmo em risco devido ao encerramento de muitas empresas no concelho, da falta de atividade política e da inexistência de uma real qualidade de vida.

Em Felgueiras não existe diversidade empresarial - O condicionamento na indústria de calçado requer por parte das entidades soberanas uma especial atenção com a atividade socioeconómica da região. Deverão ser colocados em prática planos de ação que contemplem o fomento de outros sectores de atividade na região.

Falta de formação - (...). Existe uma falha grave no domínio da educação que é do conhecimento público. Todavia, continuamos a ignorar a formação dos nossos jovens, e não lhes damos condições, nem incentivos para que um procurem empregos em Felgueiras. Com isto, voltamos à ideia anterior, a escassez da oferta e da falha grave de alguns empresários em privilegiar a mão de obra barata e fácil em detrimento da qualificada e dinâmica. (...)

*Estas são apenas algumas das razões pelas quais Felgueiras parou no tempo. A apatia generalizada, e a amorfia que se gerou na nossa sociedade é o reflexo das orientações, dos planos e dos projetos que foram traçados para o nosso concelho. Contudo, na sua maior parte, estes planos em nada melhoraram a nossa qualidade de vida, pois, ou não existem, ou não os conseguimos identificar neste momento."*⁸³

Rui Oliveira

83 OLIVEIRA, Rui. (2009). *Felgueiras "cidade amórfica" - Vale do Sousa é a região mais pobre da Europa!* em Terra de Felgueiras. Acesso em <http://terradefelgueiras.blogspot.pt/>

O texto anterior é retirado de uma página online onde um grupo de jovens ativistas debatiam sobre a situação (à época) da cidade. Contudo, alguns anos depois a situação permanece semelhante. Felgueiras apresenta-se hoje como uma cidade estagnada no tempo, onde a prosperidade do passado parece alimentar a vivência do presente, mas sem que se procurem novas formas de desenvolvimento futuro. Não existe um espírito de regionalismo, de identidade por parte das pessoas, prevalecendo o descontentamento e a apatia para com a situação atual.

A identidade territorial, uma das questões fundamentais para o desenvolvimento do território nacional ao longo dos tempos, é hoje praticamente inexistente, ou se existe é de uma forma forçada, que apenas contribui para um desenvolvimento aparente e simulado.

Apesar de *"(...) em muitas regiões a identidade territorial, apresentar-se como fonte de qualidade de vida, como fator de atratividade e de esperança num futuro melhor."*⁸⁴ sendo cada região identificada pelas suas atividades económicas e sociais, como o caso de Felgueiras pelo calçado, Paços de Ferreira com o mobiliário ou a zona do Ave com o têxtil, hoje, consequência da globalização e do evoluir dos tempos, predomina apenas uma vontade insana e generalizada de desenvolvimento.

Apesar de *"(...) a identidade territorial ser vista como um fator que permite um desenvolvimento local e regional sustentável, aumentando a competitividade económica e cultural do mercado local sobre o global, combatendo assim os malefícios da globalização."*⁸⁵ a verdade é que acaba por verificar-se o contrário, com uma procura forçada de relembrar as tradições e histórias passadas, tornando o passado num mera fantasia.

Esta perda do regionalismo, em muito tem contribuído para a apatia por parte da população, que gera não só críticas, mas a desmotivadora falta de ação que nos leva ao ponto de estagnação que serve de cenário atual. E esta apatia e perda de identidade por parte da população está diretamente relacionada com os vazios existente na malha urbana referidos anteriormente.

Por um lado, sente-se a nostalgia dos mais idosos, que vêm nestes vazios, nas ruínas, histórias que não foram contadas. Um passado de esforço e dedicação que apesar de contribuir em muito para o desenrolar do presente e de todo o desenvolvimento da cidade até aos dias de hoje não é valorizado.

Para além disso, estes terrenos vagos, arruinados, introduzem quebras na cidade que não favorecem o seu desenvolvimento. Um reflexo disso é a disposição e organização do setor predominante da cidade, o calçado, que se encontra mal gerido e desconexo, em que a maior parte das pequenas e médias empresas de fabrico, assim como as associações responsáveis, *fazem parte do tecido das ruas. São centenas, misturam-se com cafés, passam despercebidas ou estão inseridas em pequenos núcleos industriais*

84 PEREIRA, Pascal. (2006). A problemática da identidade territorial no contexto do Vale do Sousa, p.5. Universidade Fernando Pessoa. Porto.

85 PEREIRA, Pascal. (2006). Op. Cit.

às portas da cidade"⁸⁶, não existindo assim nenhum planeamento industrial que procure a reestruturação do setor, e acima de tudo a sua vinculação para um desenvolvimento territorial uniforme.

Nesta perspetiva surge também a indiferença dos trabalhadores atuais para com um meio que não lhes proporciona desenvolvimento económico e pessoal, numa cidade onde "(...) o emprego no calçado é, em regra, pouco exigente nas qualificações e com baixas remunerações (...)." ⁸⁷ Esta questão associada à baixa probabilidade de progressão de carreira leva a um descontentamento que se reflete quer na atividade laboral como na vida social urbana.

Por fim os jovens, que não possuem nenhuma cultura ou formação sobre a história da cidade, não criando assim nenhum vínculo ou sentido de orgulho para com um local sobre o qual são obrigados a imaginar um futuro pouco promissor. Isto caso queiram ficar, a oferta no concelho limita-se a um único setor (o calçado) e apesar da existência de um polo universitário na cidade, referente ao Instituto Politécnico do Porto (ESTGF), os cursos disponibilizados revelam-se descontextualizados com a atividade e cultura da região.

Concluindo, esta falta de identidade local e o descontentamento por parte da população faz-se sentir atualmente em toda a região, especialmente no setor industrial, ao apresentar fragilidades que apesar de dependerem sobretudo de fatores externos revelam uma determinada apatia para com as dificuldades por parte da população. Tudo isto revela um estado geral de abandono e resignação para com a própria cidade, que se encontra também ela *em espera*, de uma oportunidade.

86 MIGUEL, Telma. (23 de Fevereiro 2014). *Felgueiras, a capital da bota*. Jornal Sol. Acesso em <https://sol.sapo.pt/artigo/100001/felgueiras-a-capital-da-bota>

87 Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Plano Diretor Municipal, p.3.

FELGUEIRAS

DO ABANDONO AO INCOMPLETO

Primeiro agrupamento populacional



Aparecimento dos primeiros vazios urbanos (abandono)



Aparecimento dos novos vazios urbanos (planos de pormenor)

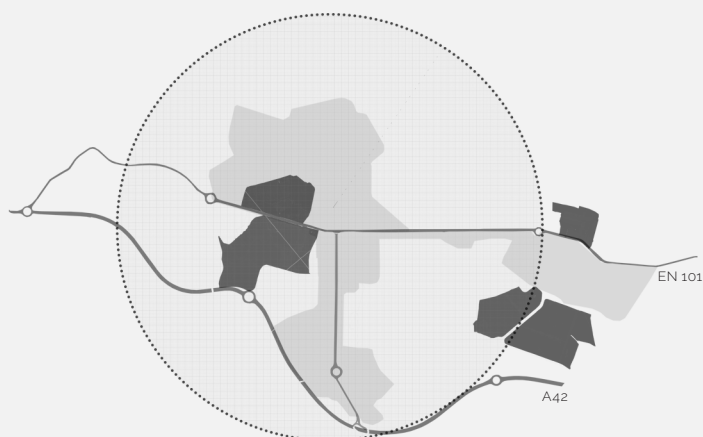
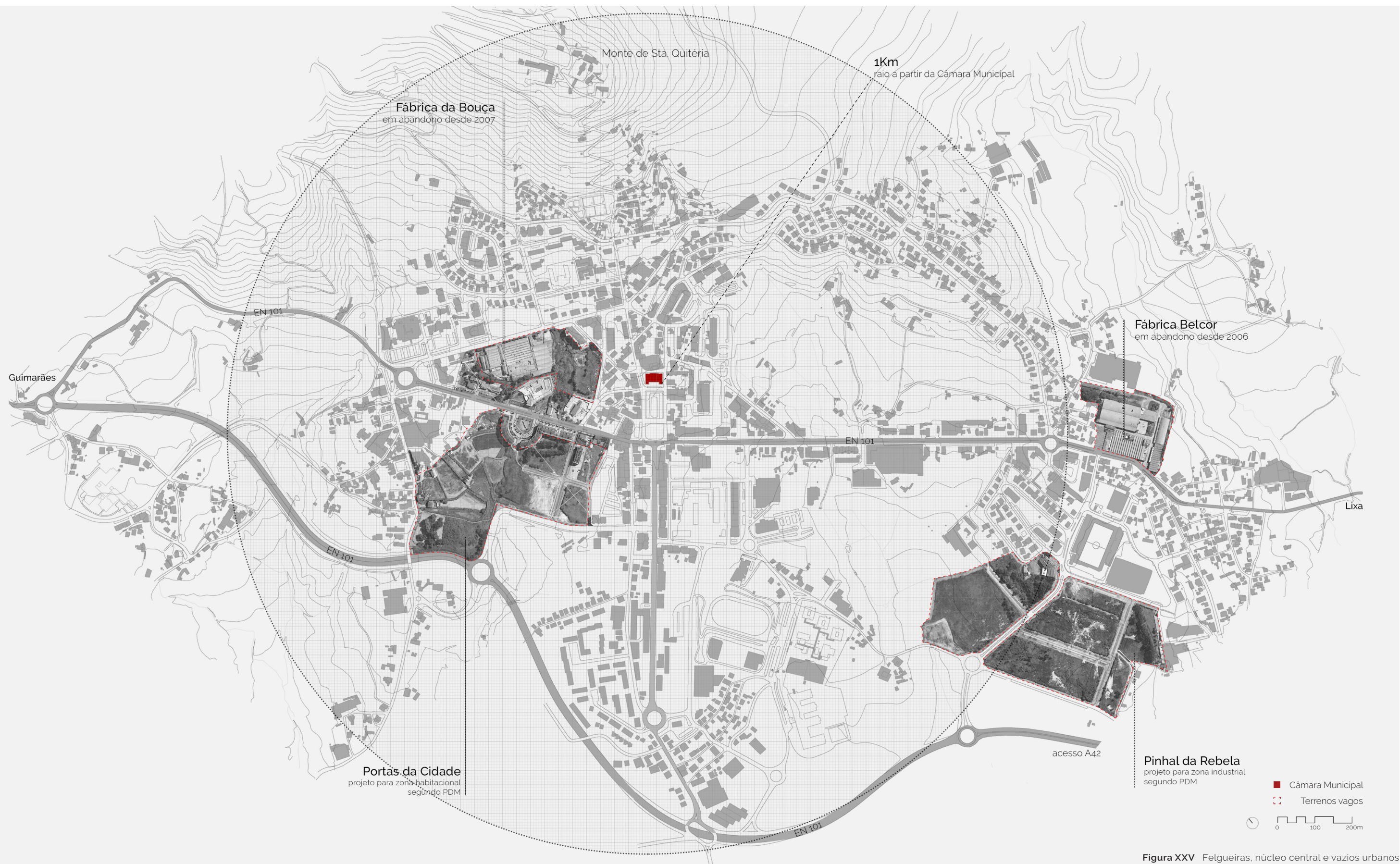


Figura XXIV Esquemas de transformação da cidade ao longo das últimas décadas



Capítulo IV. FICÇÃO

FICÇÃO_ Narrativa imaginária, irreal, muitas vezes sobre previsões futuras.



Figura XXVI Campanha (Proj)atual

IV.I. CAMPANHA
(PROJ)ATUAL

“A degradação e desqualificação a que se tem vindo a assistir nas nossas estruturas urbanas, nomeadamente nos seus núcleos antigos, induziram a que se questionassem e se implementassem novas formas de intervenção que pudessem travar as causas que lhe deram origem, entre as quais o despovoamento, o envelhecimento da população, os problemas socioeconómicos e a falta de investimentos externos e de dinâmicas geradoras de vivências urbanas na sua utilização multifuncional.

A reabilitação urbana é uma opção indiscutível e assume-se atualmente como uma das componentes indispensáveis para a qualificação ambiental, urbana e socioeconómica destas áreas urbanas degradadas ou desqualificadas.

Não obstante a maioria das intervenções de reabilitação urbana que decorreram nos anos 80/90 do século XX, terem incidido quase exclusivamente no espaço público e edificado, dissociadas do contexto local, excluindo intervenções no tecido económico e social, o conceito de reabilitação urbana evoluiu e ganhou hoje outro significado.

Efetivamente, atualmente, esta prática de intervenção corresponde a uma abordagem mais integrada que, além de intervir na reabilitação física do espaço público, edificado e infraestruturas, envolve a dimensão funcional e humana, desencadeando mecanismos de desenvolvimento socioeconómico e cultural, importantes para assegurar a afirmação e competitividade de um território.

(...) Esta forma de intervenção, que não se limita à das estruturas físicas componentes das áreas urbanas, compreende medidas de incentivo direto, através no processo que culmina na execução de obras, e indireto, por via da criação de um ambiente favorável ao investimento e à atividade económica.

Deste modo a delimitação de uma ARU (área de reabilitação urbana) poderá constituir um ponto de partida para o desenvolvimento e afirmação da cidade de Felgueiras e do território concelhio.”⁸⁸

Câmara Municipal de Felgueiras

⁸⁸ Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). *Delimitação das áreas de reabilitação urbana de Felgueiras*, p.4.

*"O que faz uma boa cidade?"*⁸⁹

Esta questão torna-se pertinente, quando nos questionamos sobre qual será o futuro dos centros urbanos, numa tentativa de projetar alternativas. A cidade não é mais o que era no final do século XX, em que tudo era arquitetura, num sinal de pleno desenvolvimento e expansão. *"Hoje, a arquitetura continua presente nas cidades. (...) Porém, hoje mais do que nunca, comprovamos que a cidade é muitas mais coisas que os seus edifícios e as suas arquiteturas."*⁹⁰

Nos dias de hoje, a cidade é definida essencialmente pelos seus cidadãos, pelas suas vivências e pelo conjunto de medidas que promovam a vitalidade urbana. Sobretudo em meios de menores dimensões, em que deverá existir um maior investimento na projeção de um núcleo urbano voltado para a escala do cidadão.

É neste sentido, e defendendo estes princípios, que surge o discurso de projeção para a reabilitação urbana da cidade de Felgueiras por parte da autarquia. No entanto quando analisamos as medidas propostas para o plano estratégico de desenvolvimento urbanístico, parecem surgir uma série de inconformidades que em nada contribuem para a realização dos objetivos propostos anteriormente.

Se por um lado, a autarquia procede à execução de um plano de delimitação de uma área de reabilitação urbana, no sentido de *"(...) desenvolver (não só) o núcleo antigo de Felgueiras, (como) atratividade e qualidade urbana e paisagística"*⁹¹, de modo a estabelecer um incentivo à reabilitação urbana tendo em consideração a escala do cidadão, por outro no plano diretor municipal realizado no mesmo período (ano de 2015) surgem uma série de medidas urbanísticas que apenas visam a expansão a larga escala da malha urbana da cidade.

O Plano de Pormenor das Portas da Cidade (referido anteriormente como um dos novos vazios da cidade), é um dos exemplos deste tipo de medidas, numa tentativa de criar uma estratégia que privilegie o cidadão, com a criação de unidades habitacionais unifamiliares e coletivas (por parte de entidades privadas), com a garantia de criação de espaço verde público, um princípio paradigmático da cidade, que possui uma organização espacial assente na libertação das zonas e vale para a agricultura.

A proposta em causa, apesar de presente no atual PDM foi idealizada há quase duas décadas, com parte da infraestrutura viária entretanto realizada, não se pronunciando nenhum outro desenvolvimento previsto, encontrando-se assim a realização do restante plano idealizado seriamente comprometida, quer por falta de iniciativa privada como pública.

Um outro exemplo é a Zona Industrial do Pinhal da Rebelo em Várzea, que tem como principal objetivo, *"(...) aumentar a competitividade dos setores industriais já fortemente instalados*

⁸⁹ LYNCH, Kevin. (1981). *A boa forma da cidade*, p.4. Lisboa. Edições 70.

⁹⁰ SOLÀ-MORALES, Ignasi. (1996). *Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades*. Catálogo do XIX Congresso da UIA, p.10. Barcelona.

⁹¹ Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). *Delimitação das áreas de reabilitação urbana de Felgueiras*, p.7.

*no concelho*⁹², na tentativa de resolver a sua fragmentação, visto não existir um núcleo de concentração de atividades e respetivas associações para uma maior coesão na procura do desenvolvimento do setor. Este polo central de um novo sistema industrial pretende, para além de infraestruturas de produção de apoio às empresas existentes, a criação de centro de informação e apoio aos empresários, bolsas de emprego, logísticas de transportes, centros de tratamentos de resíduos entre outros serviços de carácter público ou privado.

Tal como o anterior, também este plano se encontra em desenvolvimento à mais de uma década, avançando a autarquia inclusive com a expropriação dos terrenos destinados à construção e precedendo a um acordo de permuta de terrenos com um dos proprietários. Ainda assim, neste momento o único progresso visível é o parcelamento e consequente construção da infraestrutura viária.

Apesar de ambas as propostas terem sido idealizadas à mais de uma década, num período onde ainda se faziam sentir os ideais modernistas de desenvolvimento e expansão em grande escala das cidades, estas permanecem atualmente no plano diretor municipal em vigor e sobretudo nas linhas de previsão futura seguidas pelos responsáveis pelo desenvolvimento urbanístico da cidade, ainda que tenham sido esses mesmos a prever, no passado, o cenário atual.

*"A proposta de ocupação deve ser realista quanto à capacidade de edificação que comportará a área em estudo, sob pena de, que se tal não for tido em conta, se estar a criar uma cidade fantasma ou eternamente inacabada."*⁹³

Estes espaços inacabados acabam por demonstrar uma intenção perseverante por parte da autarquia de insistir num amplo desenvolvimento, quando o discurso de execução urbanística se demonstrava voltado para as questões da escala humana, com a reabilitação da zona antiga da cidade. Com isto, em lugar de se encontrarem soluções para o desenvolvimento e coesão do núcleo central, resolvendo os problemas existentes, são criados espaços vazios que apenas contribuem ainda mais para a sua dispersão e fragmentação, sendo necessário um abrandamento para ter a possibilidade de repensar o futuro, com base no reconhecimento dos erros do passado, de modo a evitar que erros sucessivos impeçam o seu desenvolvimento.

92 Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Plano diretor municipal, p. 40.

93 Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Plano diretor municipal, p.36.

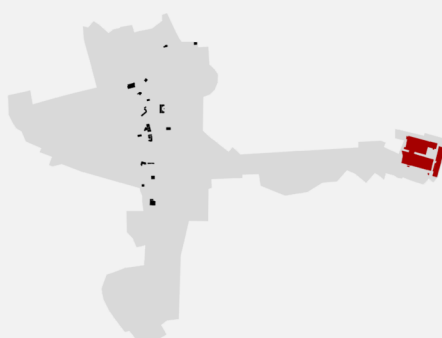
FELGUEIRAS

ÁREA DE REABILITAÇÃO URBANA (ARU) VS EXPANSÃO

Área de reabilitação urbana



Edifícios notáveis segundo Câmara Municipal



Planos de expansão desenvolvidos nas últimas décadas

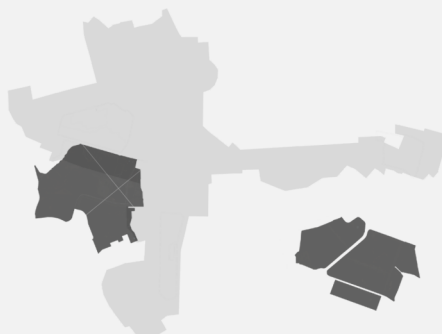


Figura XXVII Esquemas ARU vs Expansão



Figura XXVIII Planta de Felgueiras, ARU vs Expansão



Figura XXIX Visões da população

Felgueiras será...

"Além de industrialmente estar bem enraizada, Felgueiras tem que recuar um pouco e evoluir ainda mais em termos agrícolas, visto que nesta zona o solo é muito fértil."

"(...) gostava que a minha cidade se tornasse numa cidade mais desenvolvida e empreendedora, e que desse mais valor ao trabalho dos jovens da terra. Gostava que investisse nas indústrias e em eventos culturais."

"Com muita pena, não tenho grandes expectativas a nível de desenvolvimento da cidade. Felgueiras é a capital do calçado, que neste momento se encontra em plena crise. Acho que nos próximos anos Felgueiras não será alvo de grande evolução."

"(...) uma cidade em que o setor do calçado irá predominar, como de momento (...) os jovens da atualidade (...), certamente estarão em cidades vizinhas (ou até mesmo fora do país) (...) penso que no futuro será uma cidade com uma diferença significativa entre o "rico" e o "pobre".

"A cidade no futuro, não sei... imagino muitas rotundas, prédios altos e muitas fábricas de calçado. Uma cidade muito poluída, por todos os fumos dispensados pela indústria."

A Fábrica Belcor será...

"Aquilo é tudo em pedra, pedra da boa, perpianho. Eram blocos grandes e foi feito com muita segurança e resistência, até é pena aquilo não ser aproveitado. (...) para mim era um supermercado. Aquilo é muito grande, parecia uma quinta."

"Futuramente imagino este grande espaço totalmente preenchido com lojas alusivas ao calçado, gabinetes de formação, ateliers de designers. Porque não, como estamos na terra do pão de ló, também um espaço onde se ensinasse a técnica da sua confeção (...) gostava muito que alguém se interessasse por ter cá um cinema."

"Na fábrica imagino algo ligado à indústria do calçado, que é um dos grandes meios de sustentabilidade do concelho. Imagino algo como um museu do calçado ou uma área comercial ligada a essa mesma indústria."

"Se por um lado acho que neste local se devia fazer um apanhado do que realmente temos na terra para mostrar – como um museu, uma escola, um incentivo e chamariz para os mais novos – por outro imagino algo que possa trazer mais capitalismo para a cidade, como um shopping."

"Para a Belcor imagino uma fábrica de calçado, ou então nada..."⁹⁴

*"Um dia a minha esposa perguntou-me: porque razão vocês, arquitetos, não estão interessados em pessoas? Vocês estão muito interessados em formas, mas não sabem nada sobre as pessoas. Ai, achei que ela estava certa."*⁹⁵

Na citação anterior, Jan Gehl⁹⁶ revela como surgiu o seu interesse sobre o seu estudo da presença da escala humana nas cidades e a lacuna que existe (resultado do modernismo) ao pensar em primeiro lugar nas formas dos edifícios, ideia que contraria nas suas diversas publicações, até aos dias de hoje.

Apesar de serem vários os fatores que contribuem para a definição dos núcleos urbanos atuais e consequentemente para a construção das suas histórias, como os seus edifícios, a morfologia urbana, a sua localização ou a sua população, acaba por ser este último o que se revela de maior importância. São as pessoas que têm a capacidade de analisar, interpretar e agir sobre todos os outros agentes, sendo o seu ponto de vista fundamental para o desenvolvimento citadino, que vise responder às suas próprias necessidades.

Nesse sentido, na procura de respostas e previsões para o futuro, revelou-se fundamental a procura de sugestões por parte da população residente na cidade em estudo, que permitissem a partir de um outro ponto de vista (externo à investigação) observar e analisar o existente. Mesmo que por vezes as afirmações possam ser inválidas ou inadequadas de um ponto de vista arquitetónico, possibilitam a abertura de conceitos e de pontos de vista através do olhar dos profissionais mais habilitados sobre a cidade em análise, os seus cidadãos.

Para tal, e procurando a diversidade, foram entrevistadas pessoas de diferentes faixas etárias e ocupações, reformados, trabalhadores do setor do calçado, recém-formados, entre outros, na tentativa de uma maior variedade de pontos de vista nas respostas obtidas, sendo a única obrigatoriedade o facto de residirem na cidade. Nesse sentido foram colocadas as seguintes questões aos habitantes:

O que será Felgueiras no futuro?

O que imagina um dia na Fábrica Belcor?

Apesar do critério variado na seleção dos entrevistados, revelaram-se vários pontos comuns entre os diversos discursos, sendo essencialmente a indústria do calçado imagem predominante (mesmo na população externa ao setor), o que revela a sua relevância quer no contexto urbano como no quotidiano dos cidadãos.

Nesse aspeto, algumas das afirmações identificam-se com parte das alternativas colocadas em cima da mesa por parte da autarquia nos últimos anos, como a criação de um museu do calçado, ou como vimos anteriormente, a construção de uma zona industrial

95 GEHL, Jan. (2011). Entrevista sobre cidades e escala humana, por Bianca Antunes. Revista AU, Edição 215, Dezembro. São Paulo, Brasil.

96 Jan Gehl: Arquiteto e urbanista dinamarquês, cujos principais objetivos ao longo da carreira se centraram em melhorar a qualidade de vida urbana, com a valorização do cidadão (pedestre e ciclável).

de comércio e empreendedorismo. No entanto, a apatia e falta de medidas de ação constatadas nos últimos anos para com o setor forte da cidade (referidas anteriormente), também se encontram presentes no pensamento dos cidadãos, o que se reflete num discurso pouco animador perante a antecipação do futuro da cidade.

Recuar no tempo e recuperar algumas tradições, instruir os jovens para as áreas em que a cidade se distingue e dar reconhecimento às suas ações são temas fundamentais, refletindo a ideia de que o futuro só poderá ser visto com os olhos sobre o passado, para que assim se possa procurar o desenvolvimento da cidade.

Em relação à Fábrica Belcor e a sua reconversão os discursos também se revelam semelhantes. Mesmo para os que apenas reconhecem o seu exterior através da sua presença no quotidiano junto à EN101, o pensamento é idêntico, as potencialidades da sua estrutura e dos seus espaços devem ser aproveitadas, sendo o seu estado atual de abandono um impedimento ao desenvolvimento da cidade.

Esta capacidade de imaginar os mais diversos cenários permite refletir não só sobre o futuro, como entender o presente e a forma como a população olha a cidade. Por mais que as respostas se revelem pouco desenvolvidas, contrinuem de forma pertinente para a investigação, no sentido de compreender um padrão de análise transversal entre elas, o que prova que o futuro e desenvolvimento da cidade poderá passar por uma resolução conjunta entre o individual (do construído) e o coletivo (da cidade e a sua população).



Figura XXX *Futuro com os olhos no passado*

IV.III. FUTURO COM OS OLHOS NO PASSADO

" (...) eu reputo de importante que, para prospetarmos o futuro da Cidade, devemos estudar cuidadosamente o seu processo de crescimento no passado, quanto mais não seja para não andarmos às cegas e a correr o risco de, por desconhecimento, introduzirmos fatores de rotura num processo de evolução que, para ser correto, tem de ter linhas de continuidade.

Por isso, desenvolvi uma pequena investigação nos arquivos e escaninhos da Câmara e selecionei um conjunto de documentos que representam diversas propostas urbanísticas para Felgueiras que foram sendo ensaiadas pela administração, ao longo das últimas décadas.

Arranjei também uma coleção de fotografias aéreas que documentam o crescimento físico real de Felgueiras desde os anos 60.

A minha comunicação está contida fundamentalmente nesta documentação que está exposta no átrio: de um lado, temos a evolução real da mancha urbana; do outro lado, temos as principais tentativas da administração para dominar essa evolução.

Muito embora tenhamos pedido a colaboração das pessoas de Felgueiras para nos cederem documentos antigos – e bastantes colaboraram gentilmente, o que desde já lhes agradeço – quis que a exposição fosse algo mais do que um exercício de nostalgia. Os postais antigos, fotografias e jornais que reunimos têm a sua importância, são documentos que de alguma forma ilustram e complementam o que queremos pôr em realce.

Está ali material para bastante reflexão e estudo, e pessoalmente julgo importante que, neste 1º ensaio de descoberta do futuro da Cidade, não se perca a perspetiva histórica da sua evolução até agora.

(...) Mas é bom que, neste processo que hoje iniciamos, de envolvimento dos cidadãos e das instituições na reflexão sobre a sua Cidade – é bom, dizia, que algumas questões permaneçam em aberto e que isso seja motivo para outras pessoas lhe pegarem e desenvolverem novos pensamentos e novas ideias sobre elas."⁹⁷

Arq. Joaquim Jordão

⁹⁷ JORDÃO, Joaquim. (1994). *Perspectiva histórica do urbanismo em Felgueiras*. Revista Felgueiras-Cidade, p.16-23. Câmara Municipal de Felgueiras.

Cada vez mais, nesta era de ressaca da industrialização e modernidade, com os avanços tecnológicos a dominarem os nossos dias sem que o consigamos controlar, o futuro das cidades, a necessidade passa por parar um pouco, abrandar o ritmo e olhar para o passado. No entanto isto não significa que tenhamos de regredir no tempo, voltar ao período da ancestral e ignorar todos os desenvolvimentos conseguidos até aos dias de hoje, até porque cada vez mais somos dependentes dos mesmos.

Apesar de estranha esta questão não é propriamente uma novidade pois já em 2014, Rem Koolhaas, como curador da Bienal de Veneza, introduziu o questionamento sobre a modernidade, e a forma como a perspetiva histórica poderá ou não possuir, nos dias de hoje, um interesse operativo na prática da arquitetura.

*"Em 1914, fazia sentido falar de arquitetura chinesa, arquitetura suíça ou arquitetura indiana. Cem anos mais tarde, sobre a influência de guerras, diversos regimes políticos, diferentes formas de desenvolvimento, movimentos arquitetónicos nacionais e internacionais, talentos individuais, amizades, percursos pessoais alternativos e globais. A identidade nacional foi aparentemente sacrificada face à modernidade."*⁹⁸

Apesar da questão ser ignorada pela maior parte dos responsáveis pelo desenvolvimento do mundo em que vivemos, este assunto tem ganho cada vez mais adeptos, das mais diversas áreas. Na arquitetura, e sobretudo na reflexão sobre a cidade do futuro, este tema será fundamental para que não percamos a identidade que sobrevive adormecida sobre um impulso frenético de construção imposto pela modernidade.

*"Parece que a chave para o futuro das cidades se encontra no passado. É necessário voltar a valorizar a rua e a escala humana."*⁹⁹

Fazendo uma aproximação ao contexto da investigação, esta questão assume-se relacionada com um tema abordado inicialmente (a perda de identidade local e apatia sentida na região). Muita desta ausência de orgulho e sentido de pertença por parte dos cidadãos, deve-se a uma consequente perda de representatividade de uma identidade local na arquitetura da cidade. E com isso, perdem-se valores, costumes e tradições que fazem e fizeram parte da sua história.

Um exemplo da forma como esta questão se assume no próprio concelho de Felgueiras, reflete-se num dos seus maiores marcos identitários, o setor do calçado. No final do século XX, no período de maior desenvolvimento desta região, foi necessária a introdução da tecnologia para a obtenção de maior rentabilidade, capaz de competir com os mercados internacionais, permitindo assim uma alavancagem da cidade e consequentemente deste meio para mercados de maior dimensão.

98 KOOLHAAS, Rem. (2013). Entrevista a revista *Designboom* acerca do tema da Bienal de Veneza de 2014, consultada em <https://www.designboom.com/architecture/rem-koolhaas-revisits-fundamentals-for-the-2014-venice-architecture-biennale/>

99 GISLON, Jacinta Milanez. (2015). *O paradoxo da cidade do futuro: uma volta ao passado?* Arquitetura. História. Património, consultado em <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2015/09/11/o-paradoxo-da-cidade-do-futuro-uma-volta-ao-passado/>

"Lembro-me das primeiras sessões de apresentação de máquinas de corte de peles por jacto de água ouvir as pessoas dizer: "Eh pá, isto é porreiro." Faziam contas de quanto é que aquilo custava, quanto é que podiam ganhar", sublinha Alberto Castro, professor de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto, que fez parte de uma geração responsável por ajudar a introduzir inovações no setor.

Face a esta renovação de métodos de fabrico, a indústria do calçado e as suas empresas alcançaram um crescimento exponencial, que garantiu a Portugal a marca de qualidade, quer em termos de produto final, como de eficácia e rapidez de produção. Contudo, presentemente tem-se dado uma estagnação do setor, com um corte crescente nas encomendas que tem levado ao encerramento temporário de algumas firmas. *"Esperar que a aceleração dos últimos anos se mantenha é quase uma utopia"*¹⁰⁰, sendo necessária a introdução de novas metodologias.

Apesar da maior parte das empresas continuar a exercer atividades, são poucas as que mantiveram os volumes e lucros de outros tempos. Dentro das que se mantiveram com um ritmo forte de produção estão as empresas de maior escala, com capacidades a nível financeiro capazes de sustentar facilmente períodos de maior dificuldade que possam surgir.

Sob outra perspetiva existem as empresas de menor dimensão, que necessitam de procurar na inovação a sua sustentabilidade, sendo uma das soluções adotadas a contratação de uma nova vaga de pessoas, das mais diversas áreas, *"vêm da sociologia, do marketing, da arquitetura, do design. Fazem sapatos clássicos, clássicos modernos, contemporâneos ou casual"*¹⁰¹ Esta estratégia multidisciplinar, de procura da inovação para o desenvolvimento em áreas distintas e externas, assemelha-se à atitude tomada pelos operários no final do século XX (com a fusão com a tecnologia), permitindo esta associação de conhecimentos para um impulso do setor. *"(...) o futuro só se poderá fazer como se fez o passado (...) Como nos anos 90, a indústria do calçado acolhe esta nova vaga de jovens à espera da sua oportunidade com reverência"*¹⁰².

Posto isto, e seguindo esta linha de pensamento é também com base neste princípio, que se podem resolver muitos dos problemas do futuro da cidade contemporânea, como o caso da cidade de Felgueiras. Como vimos anteriormente, a cidade possui nos dias de hoje problemas na sua malha urbana, diretamente ligados a um crescimento exponencial dado no final do século passado, que impulsionou a projeção de vários planos urbanísticos de grande escala, sem a sua aplicação e desenvolvimento até à data. Associado a isto, surge uma zona antiga da cidade com bastantes debilidades, encontrando-se a maior parte dos edifícios considerados notáveis num completo estado de abandono, sem serem aproveitadas as suas potencialidades.

É necessário abrandar o ritmo na procura de um desenvolvimento que já se verificou sem resultados, procurando investir os

100 CARVALHO, Manuel. (20 de Outubro de 2013). Op. Cit.

101 Ibidem.

102 Ibidem.

financiamentos e esforços existentes na valorização do núcleo urbano da cidade. É necessário resolver os problemas de escala humana, da população, antes de partir em busca de um progresso a uma maior escala. É necessário procurar no passado as respostas para as exigências do presente.

*"Mas, nesta busca dos tempos e espaços perdidos, o historiador deve olhar o passado em palimpsesto da urbs em busca não só das formas e funções que sobreviveram e que se apresentam, explícitas e visíveis, ao pesquisador. É preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente."*¹⁰³

A fábrica Belcor retrata de forma precisa a forma como o passado pode contribuir para a resolução da situação atual do município. Apesar de ser considerada por parte da autarquia, "(...) um enorme complexo industrial de meados do século passado, que possui uma excelente vocação para se transformar num equipamento de utilização coletiva"¹⁰⁴, encontra-se em completo estado de abandono, provocando um vazio de grande escala na malha urban. Porque não aproveitar as potencialidades do seu passado, sendo um edifício ligado à indústria caracterizado pelos seus espaços amplos e de métrica regular, e incorpora-las com as ideias presentes (planos de expansão) no sentido de desenvolver um futuro que não entre em oposição com o existente?

Ao observar com atenção, é bastante evidente a proximidade entre esta e o plano para a Zona Industrial do Pinhal da Rebela, um dos projetos de grande escala ainda presente no plano diretor municipal. Torna-se incontestável a possibilidade de associar estas duas questões, na tentativa de resolução dos problemas existentes, sem perder a iniciativa de inovação e construção do desenvolvimento da cidade. No entanto não estão aqui a ser analisadas outras condicionantes projetuais, apenas a sugerir interpretações da ideia de que o passado possui muitas vezes as respostas para o nosso futuro, permitindo assim, não só valorizar memórias que muito provavelmente cairão no esquecimento, como permitir que estas inspirem histórias futuras.

*"E, nesta medida, nenhuma cidade será uma aldeia, uma ilha isolada ou um objeto não interessante ou digno de análise. Toda a cidade será a Cidade, contendo em si, como palimpsesto, outras cidades, a emitirem sinais, pedindo ao (...) (arquiteto) que os descubra, que os leia, interprete, dê a ler e dê a ver."*¹⁰⁵

103 PESAVENTO, Sandra. *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*, p.27. Revista Esboços, nº11. UFSC. Brasil.

104 Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). *Delimitação das áreas de reabilitação urbana de Felgueiras*, p.25.

105 PESAVENTO, Sandra. *Op. Cit.*, p.30.

INTRODUÇÃO (Parte II): Histórias como Projeto

INTRODUÇÃO (PARTE II)_ Projeto baseado num conjunto de ações para a criação de alternativas e valorização do espaço em abandono.

Com base na análise realizada relativa ao edifício, ao território e à população, pretende-se dar um contributo para criação de alternativas face aos terrenos vacantes, tendo em conta a sua presença na malha urbana contemporânea.

No final do século XX, devido a fenómenos como a desindustrialização, surgiram os primeiros indícios de preocupação na preservação do património industrial em abandono que se difundia pelas paisagens das cidades, sendo tomadas algumas medidas na tentativa da sua recuperação, ou pelo menos estagnação, o que revela um interesse, ainda que de forma ambígua, perante o futuro deste tipo de edifícios ou património.

Surgiu a consciência de que também seria necessário pensar no património industrial com a mesma determinação e medidas de ação, que qualquer outro edifício que fosse valorizado como património arquitetónico da cidade. Visto que, apesar de relativamente recente, *"o Património Industrial é uma das mais modernas criações do património cultural, constituído por bens culturais tangíveis e intangíveis, que testemunham, documentam e caracterizam as sociedades industriais dos séculos XVIII, XIX e XX"*.¹⁰⁶

Resultado disso, a conversão museológica tornou-se a principal linha estratégica por parte das entidades responsáveis, sendo que a tipologia de museu que mais cresceu em termos numéricos, principalmente na Grã-Bretanha, foram os museus industriais. *"No final da década de 80 foi possível contabilizar 461 novos museus industriais, realidade esta que se estendeu a outros países europeus"*.¹⁰⁷ Em Portugal, este é *"(...) um fenómeno da década de 1990 e dos primeiros anos do século XXI."* Intervenções com o intuito de preservar as estruturas industriais, a sua linguagem arquitetónica, mas também a sua memória, assumindo-se como *"(...) museus de território, com uma forte ligação às comunidades industriais, aos seus protagonistas"*.¹⁰⁸

No entanto, esta tendência para uma reconversão meramente cultural dos espaços industriais generalizou-se, tornando-se cada vez menos numa ação estratégica mas sim numa cópia de tipologias demonstrando-se uma *"(...) falta de maturidade no pensamento dos arquitetos, urbanistas e técnicos do património"*.¹⁰⁹ Desta forma, estes cometem erros do passado, erros esses que levaram à situação atual, voltando a aplicar respostas idênticas a problemas de diferentes tipos de resolução.

Noutros países, já com alguma experiência neste tipo de intervenção devido ao seu passado profundamente enraizado às questões industriais, como a Alemanha, esta questão assume hoje outro tipo de pensamento, assente em diferentes princípios, tendo alguns destes espaços hoje funções de carácter social, como o exemplo do Landschaftspark em Duisburg-Nord.

106 CARVALHO, Ana (2015) *Património Industrial em Portugal: Os Desafios em 2015*, p.21. Boletim ICOM Portugal, Série III (4). Lisboa. Edição da Comissão Nacional Portuguesa do Concelho Internacional de Museus.

107 MOREIRA, Inês. (2013). *Edifícios & vestígios: projeto-ensaio sobre espaços pós-industriais*, p51. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

108 MATOS, Ana; SAMPAIO, Maria. (2014). *Património industrial e museologia em Portugal*, p.108-109. Museologia e interdisciplinaridade, vol. III. Universidade de Brasília. Brasil.

109 VELOSO, Cláudia. (1999). *A história das cidades termina no século XX e não no século XVIII*, p.15-17. Entrevista a Jorge Custódio. Revista Pedra & Cal. Património Arquitectónico Industrial, nº4.

Muitas das soluções e possibilidades para a resolução destes espaços surgem no "espaço entre", no período de incerteza e deriva face ao desenvolvimento da envolvente. *"Hoje a reflexão sobre a cidade produz-se antes, durante e depois da sua transformação, e é essa a melhor forma de discutir o tema da nova imagem da cidade."*¹¹⁰ É neste período que se observam as mais variadas manifestações do espaço circundante no interior destes territórios. Ao intervir *"no entretanto"*, é possível também impedir o desmantelamento destes locais, que caso não ocorram pelo seu arruinamento acabarão por sofrer consequências de furto ou agressão por parte de cidadãos menos afáveis.

É com base nesta linha de pensamento que surge a estratégia de intervenção desenvolvida na presente investigação. Cada um destes espaços, não só os de carácter industrial, mas também os terrenos vagos associados, encontram-se inseridos num determinado contexto territorial e social, e esta deverá ser sempre a base de desenvolvimento para uma possível intervenção. *"Todas as coletividades territoriais devem identificar, inventariar e proteger os vestígios industriais que pretendem preservar para as gerações futuras."*¹¹¹

A abordagem para este tipo de espaços deverá ser produzida não só para a população, mas fazendo esta parte integrante de todo o processo de reconhecimento e intervenção destinada, porque qualquer local apenas resulta em termos urbanísticos, culturais e sociais caso corresponda às exigências da comunidade. *"O desejável será que a salvaguarda do património industrial se desvincule, definitivamente, deste princípio exclusivamente formal e arquitetónico, e abarque o que há muito é defendido por diversas cartas internacionais (...) que privilegiam o conjunto, as cidades históricas, as povoações e as paisagens."*¹¹²

É importante também referir que dentro desta aproximação se encontram outras soluções que não se tratam exclusivamente de projetos de arquitetura. *"(...) igual papel têm as ocupações temporárias, como expositivas, pois o antes/após marca física e culturalmente os locais e, em parte, os processos de gentrificação das zonas "leste" das cidades ocidentais passa pelo acolhimento de projetos culturais/ ateliers/ artistas que "elevam" o potencial das ex-instalações industriais para posterior especulação imobiliária."*¹¹³

Nesta segunda parte da investigação, com carácter propositivo, reabilitar, reconstruir, inserir um programa que albergasse todo o espaço seria o mais imediato, sendo neste caso a maior dificuldade encontrar em termos programáticos uma função com a área necessária para preencher todo o espaço existente. Por outro lado, surgiu uma outra alternativa, de projetar cenários que tivessem em consideração a história não só do edifício como da sua envolvente, o território e a população.

E é neste sentido, que se procura uma alternativa de reflexão e atuação sobre estes espaços. O objetivo não é assim propor

¹¹⁰ ALMEIDA, Beatriz. (2016). Op. Cit., p.39.

¹¹¹ TICCIIH. (2003). *Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial*, p. 5.

¹¹² FOLGADO, Deolinda. (2004). *Património Industrial. Que memória?* p.361. 8ª mesa redonda de Primavera. Conservar para quê? FLUP. Porto. Portugal.

¹¹³ MOREIRA, Inês. (2014). Op. Cit., p.119.

um programa de um modo convencional, mas perceber como as histórias anteriormente recolhidas e interpretadas podem materializar-se e servir como suporte para uma intervenção. Deste modo, a fábrica será o reflexo das histórias do território, da população e dela própria, não procurando resultados concretos, mas sim sugestões que abram horizontes e permitam reconhecer e refletir sobre os problemas da sua envolvente.

Esta possibilidade de projetar a partir de narrativas permite que, apesar de ficcionadas (como qualquer uma seria), tenham a capacidade de resgatar as histórias que contribuíram para a identidade local, possibilitando também a reflexão sobre o presente na procura de um futuro, que apesar de incerto, procura na alternativa a sua autenticidade.

Assim, as histórias que se encontravam nas diversas camadas escondidas no interior da fábrica, e que nos auxiliaram na construção de uma narrativa cronológica relativamente ao concelho de Felgueiras, a sua população e o aparecimento (e consequente abandono) da Belcor, surgem agora à superfície como ações que procuram de diferentes formas materializar-se, mesmo que de um modo hipotético.

Inicialmente foram introduzidos os principais temas da investigação (*cap. Citação*), surgindo agora de igual forma as primeiras ações, de carácter introdutório (*cap. (Cit)ações Introdutórias*).

De seguida, as histórias do passado e das memórias que marcaram o desenvolvimento da cidade de Felgueiras até aos dias de hoje (*cap. Biografia*), refletem-se agora como marcas. Marcas que podem existir fisicamente, ser criadas e reinterpretadas ou simplesmente permanecem na memória da população. No fundo são os vestígios que nos permitem manter determinadas histórias vivas, e a ação sobre elas pretende fazer com que perdurem no tempo, não caindo um dia no esquecimento (*cap. Marcas de uma Biografia*).

Posteriormente, a análise incidiu sobre questões do presente, o estado atual quer do concelho como da sua população (*cap. Cenário*). Estas questões servem agora de reflexão, numa tentativa de alertar não só para esse estado atual, como incitar o pensamento e consequente desenvolvimento na procura de um futuro para a cidade (*cap. Cenário como reflexão*).

Por fim, onde anteriormente eram analisadas as alternativas de futuro quer para o construído como para a sua envolvente, através não só das projeções por parte das entidades responsáveis como da própria população (*cap. Ficção*), surge agora a sua projeção, de um modo crítico e objetivo, na tentativa de perceber de que forma estas se adequam às potencialidades do espaço (*cap. Ficção Projetada*).

Deste modo cada história contada corresponde diretamente a uma ação proposta, seja esta uma marca do passado, uma representação do presente ou uma visão futura, fazendo o seu conjunto parte de uma ficção que tem como principal objetivo reconhecer o valor das relações entre os tempos e os seus agentes, e refletir sobre os processos aplicados no abandono.

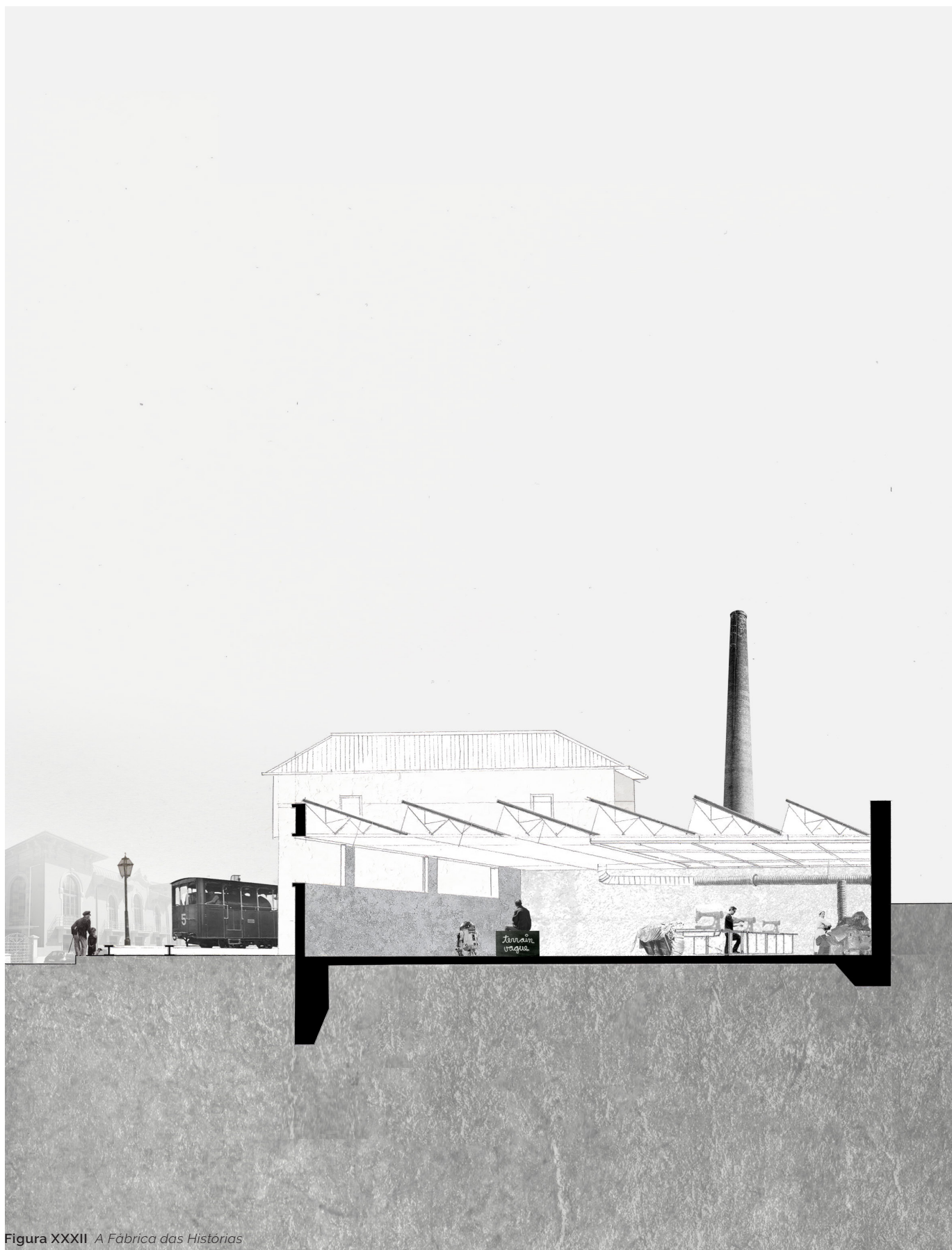
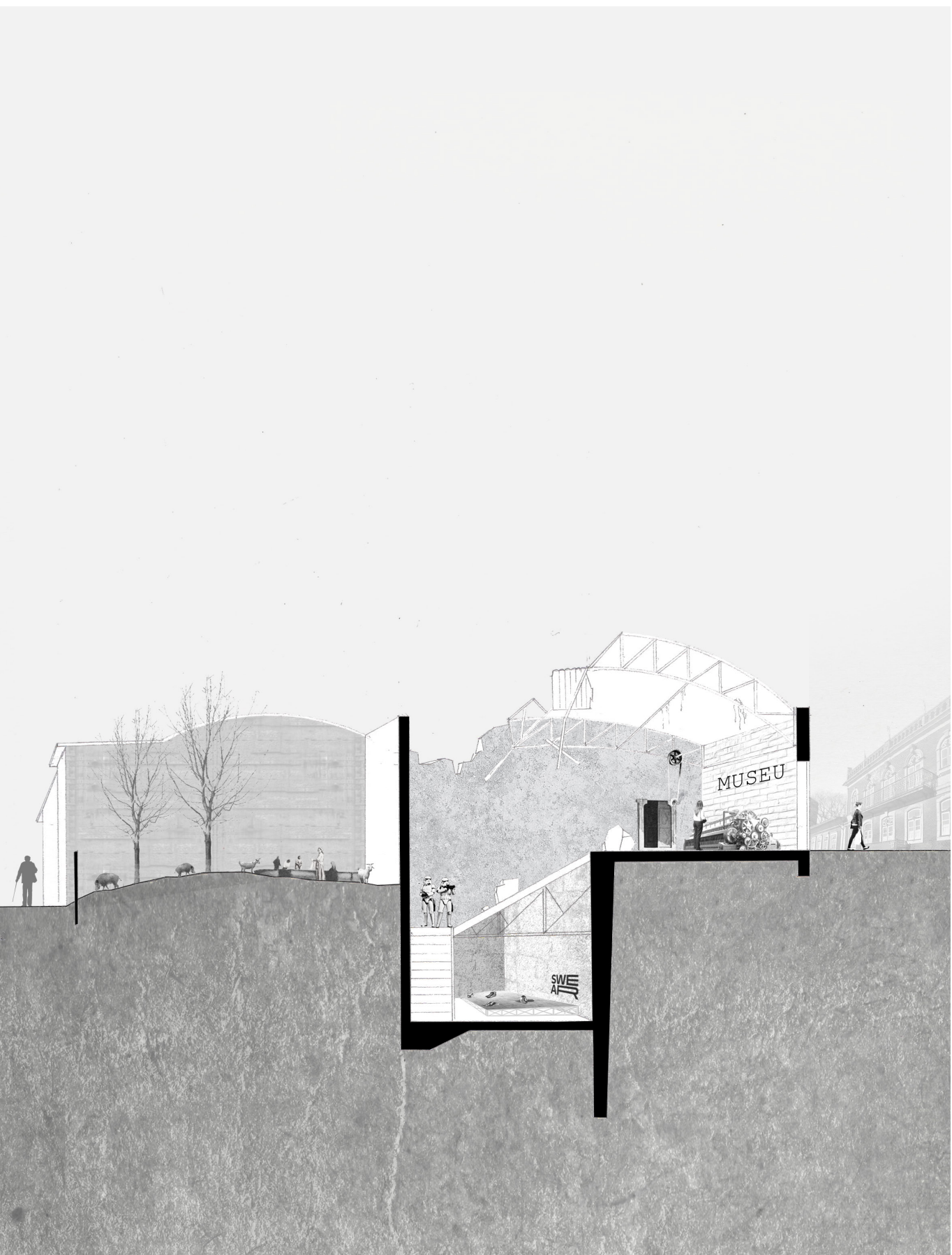


Figura XXXII A Fábrica das Histórias



HISTÓRIAS COMO PROJETO

CRONOLOGIA

CAPÍTULO V. (CIT)AÇÕES INTRODUTÓRIAS

ações de carácter

introdutório e generalizado

No terrain vague

Atitude de quebrar as barreiras entre o cidadão e os espaços vagos.

A ruína visível

Dualidade de percepção dos cidadãos perante a ruína.

Identidade de palimpsesto

Formação da identidade urbana através da sobreposição de histórias do passado, presente e futuro

A permanência do rural

A continuação de Felgueiras como núcleo populacional rural



Figura XXXIII Cronologia Parte II

CAPÍTULO VI. MARCAS DE UMA BIOGRAFIA

*marcas do passado presentes na
memória coletiva da cidade*

imaginário

*Feiras como
realizado.*

*Felgueiras, um comboio
e a 1ª Guerra Mundial*

Relembrar de um marco
importante para a cidade.

Vestígios da (r)evolução

Marcas que permitem imaginar o
passado da fábrica Belcor.

Uma nova guerra

Os novos desafios do setor do calçado e
do próprio concelho.

A paragem dos motores

A exploração das
potencialidades espaciais do
espaço em abandono.

Uma cidade amórfica

Consciencializar a população de
que são os principais responsá-
veis da estagnação da cidade.

(Proj)ação autárquica

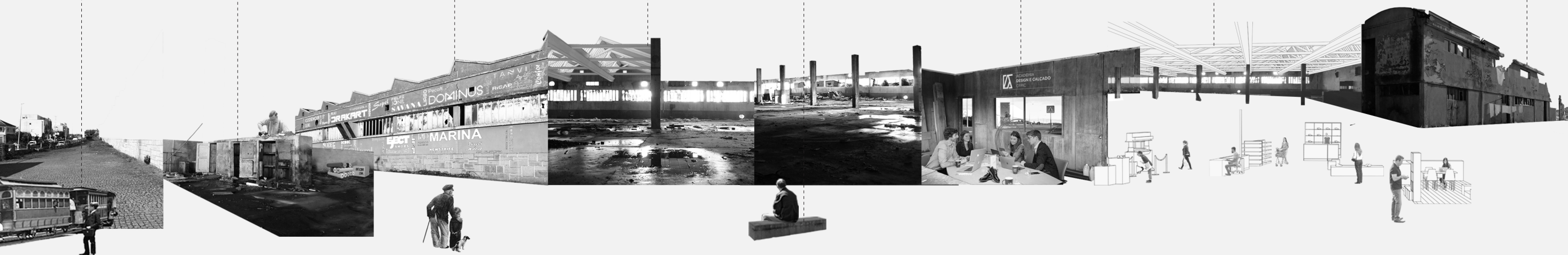
Análise de algumas das ideias de de-
senvolvimento por parte da autarquia.

Propostas da população

Projeção e avaliação das ideias
lançadas pela população.

Um futuro como memória

Uma alternativa de futuro com
um voltar ao passado, ao nada.



CAPÍTULO VII. CENÁRIO COMO REFLEXÃO

*ações que nos permitem refletir
sobre o estado atual da cidade*

CAPÍTULO VIII. A FICÇÃO PROJETADA

*imaginar cenários através
de intenções existentes*

Capítulo V. (CIT)AÇÕES Introdutórias

CIT(AÇÕES) INTRODUTÓRIAS_ Intervenções de carácter iniciático e genérico.



Figura XXXIV *No terrain vague*

V.I. NO TERRAIN VAGUE

O terrain vague é, na maior parte dos casos, um espaço de passagem, no entanto torna-se cada vez mais importante fazer com que este se transforme em espaço de permanência. É necessário introduzir no percurso diário dos cidadãos a *rota de Tabucchi*¹¹⁴ para que experienciem os sítios onde podem ver tudo, com a cidade como fundo.

No entanto esta tarefa pode muitas vezes parecer dificultada pela quantidade de barreiras que nos distanciam destes espaços, impedindo-nos de explorar as suas potencialidades para a sua valorização, no sentido de reverter a imagem negativa que acarretam estes lugares estranhos ao sistema urbano. Estas barreiras podem ser físicas (pela impossibilidade de acesso muitas vezes imposta pelos próprios proprietários dos locais) ou também psicológicas, pois existe um determinado receio em relação ao vazio, que impede a introdução da sociedade, num conflito de sensações entre a curiosidade e o medo.

Nesse sentido, é necessário quebrar estas barreiras, incitar as pessoas a entrar, e só assim (com a introdução do carácter humano) existirá a possibilidade de despertar um espaço que há muito se encontra em suspenso. É necessário agir no "espaço entre", pois se estes locais permanecerem encerrados, deixados ao abandono, as suas virtudes para além de invisíveis poderão desaparecer com o tempo, encarregando-se este de as encobrir no palimpsesto do abandono.

Como referido, estas ações introdutórias possuem um carácter mais generalizado, não estando necessariamente ligadas ao local em análise. Transpor barreiras e introduzir a comunidade acaba por se transformar numa ação universal, dependendo sempre do contexto em que cada situação se insere e obtendo diferentes reações tendo em conta não só as características do local como da própria comunidade, sendo nesta variedade de soluções e abordagens que se encontra o desafio do *terrain vague*.

No exemplo em análise (a Fábrica Belcor) a ação de quebrar barreiras surge de um modo literal. O edifício encontra-se fortemente presente na memória da população, quer dos antigos trabalhadores como dos mais jovens, fazendo parte do cenário atual da cidade, no entanto são poucos os que conhecem verdadeiramente o seu interior e sobretudo o potencial existente. Deste modo trata-se fundamental derrubar o muro que separa a fábrica da cidade e consequentemente da sua população, muro este que cerca todo o perímetro do edifício, impedindo o contacto com a envolvente, principalmente a relação com a via pública (estrada nacional 101).

Outra questão pertinente encontra-se relacionada com a falta de atenção em relação à via pedonal na zona em causa (passeio), encontrando-se esta em muito mau estado devido à perfuração das raízes das árvores anteriormente existentes. Para além disso, em alguns locais devido, muito provavelmente, ao desmazelo por parte dos responsáveis pelo desenho dos passeios existentes, a largura da faixa reservada aos peões chega a ser inferior a quarenta centímetros, o que dificulta bastante a circulação, obrigando as

114 Referência a texto anterior, *Rota até terrain vague*. p.23.

peessoas a circular na faixa rodoviária.

Devido a tudo isto, especialmente a falta de segurança, a percepção negativa por parte das pessoas em relação à fábrica em análise é reforçada, fazendo com que a barreira que separa os cidadãos e a fábrica não seja simplesmente uma barreira física (o muro), mas sim um conjunto de fatores que em nada contribuem para uma interpretação e posterior desenvolvimento do espaço.

Deste modo, a ação de derrubar o muro procura, por um lado oferecer de volta aos cidadãos o espaço de circulação na via pública, que lhes permite uma maior liberdade e segurança ao percorrer o espaço em abandono, passando esta zona a usufruir de cinco metros e cinquenta de zona pedonal, um valor bastante superior ao anteriormente existente e que chega mesmo a ser superior ao valor da via destinada aos veículos automóveis. Esta questão assume-se como uma tomada de posição crítica, em relação à importância de valorizar o peão em prol do automóvel, não só para esta situação como para outras existentes no concelho.

Desta forma é também criada uma maior permeabilidade e abertura do local para com a cidade, que proporciona não só o aumento da sua visibilidade como também, por consequência, potencia a possível exploração dos seus espaços na expectativa de criação de alternativas futuras.

Posto isto, com uma simples ação, que acaba por estar diretamente relacionada com o local e a sua envolvente, são várias as vantagens retiradas, quer em termos urbanísticos (aumentando assim a área pedonal de uma das zonas da cidade), quer em termos de construído (permitindo assim uma maior amplitude do edifício existente na sua visibilidade e potencial) Por fim na própria mentalidade da comunidade, ao permitir a sua inserção neste tipo de espaços, passando a Belcor a deixar de ser um ponto distante para os cidadãos, mas sim uma paragem final na rota até ao terrain vague.

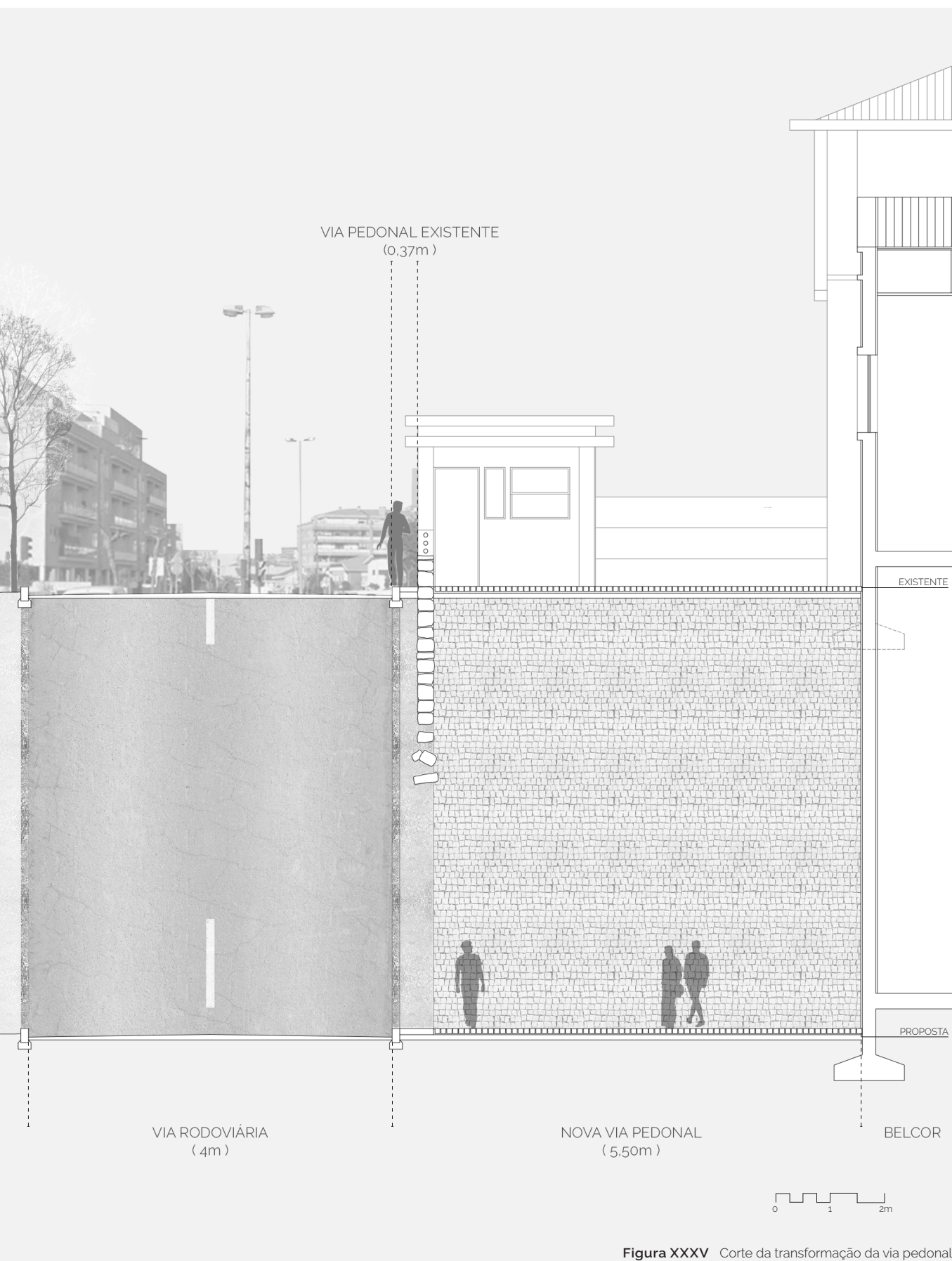


Figura XXXV Corte da transformação da via pedonal



Figura XXXVI *A ruína visível*

V.II. A RUÍNA VISÍVEL

Depois de numa primeira ação derrubar as barreiras no sentido de incentivar a presença da população no interior da fábrica, surge agora uma ação relacionada com o edifício, na tentativa de revelar a potencialidade dos espaços existentes. Tudo isto sem proceder a qualquer tipo de intervenção no construído, reduzindo assim o impacto causado, e transmitindo a ideia de que por vezes as ações por mais simples que sejam podem alterar completamente a perceção que temos destes edifícios, na tentativa de reverter a ideia negativa sobre os espaços em abandono.

Trata-se de limpar, reorganizar o espaço, passando um local que poderia transmitir a ideia de rejeição ou pouco potencial para as pessoas rapidamente a ser um espaço com inúmeras vantagens a nível espacial e construtivo (apesar de manter as mesmas características). E esta poderia ser uma ação levada a cabo em vários locais abandonados, como medida de prevenção, que permitiria estagnar o seu estado de degradação, e alterar a sua imagem aos olhos da comunidade. Com esta medida a probabilidade deste tipo de espaços se tornarem visíveis e posteriormente poderem ser reativados na malha urbana das cidades, independentemente da sua função, seria muito maior.

No entanto isto não significa que a partir de determinado momento despontasse uma medida tendenciosa de tratar este tipo de edifícios como a certa altura na nossa história "(...) *A política cultural nacionalista tratou os monumentos de forma cenográfica, completando-os ou "limpando-os", muitas vezes com critérios duvidosos, demolindo quarteirões que os rodeavam como quem os põe num palco e, mais recentemente, iluminando-os com holofotes amarelos que são bem um símbolo de vontade de os isolar do seu contexto vivo (...)*".¹¹⁵

A ideia é simplesmente limpar no sentido objetivo da palavra, retirar os resíduos fruto das intempéries e degradação do edifício, assim como armazenar os objetos que marcam a sua história, sem que para isso seja necessário efetuar algum tipo de intervenção no existente.

Como foi possível observar anteriormente, em grande parte dos casos atuais, existe uma dualidade de ações por parte dos proprietários. Ou reconstruir, alterando na maior parte dos casos a composição e morfologia dos espaços, ou então destruir, esquecendo todas as memórias e oportunidades existentes. A intenção é criar uma outra alternativa, que permita dar visibilidade a estes espaços quando se encontram à espera de uma oportunidade, facto este que é do interesse também dos seus proprietários, porque muitas das vezes essa oportunidade pode traduzir-se em benefícios, quer na exploração do espaço, como em conseqüentes retornos financeiros e sociais.

Deste modo a intenção é *reduzir a dimensão entre as andas que separam a cidade de Bauci e os cidadãos*¹¹⁶, proporcionando, através da perceção das vantagens e possibilidades do espaço, possíveis visões futuras.

¹¹⁵ PORTAS, Nuno, (2005), *Os Tempos das Formas, a Cidade Feita e Refeita*, p. 157. Universidade do Minho.

¹¹⁶ Referência a texto anterior. Os olhos e a cidade. Bauci. p. 29.

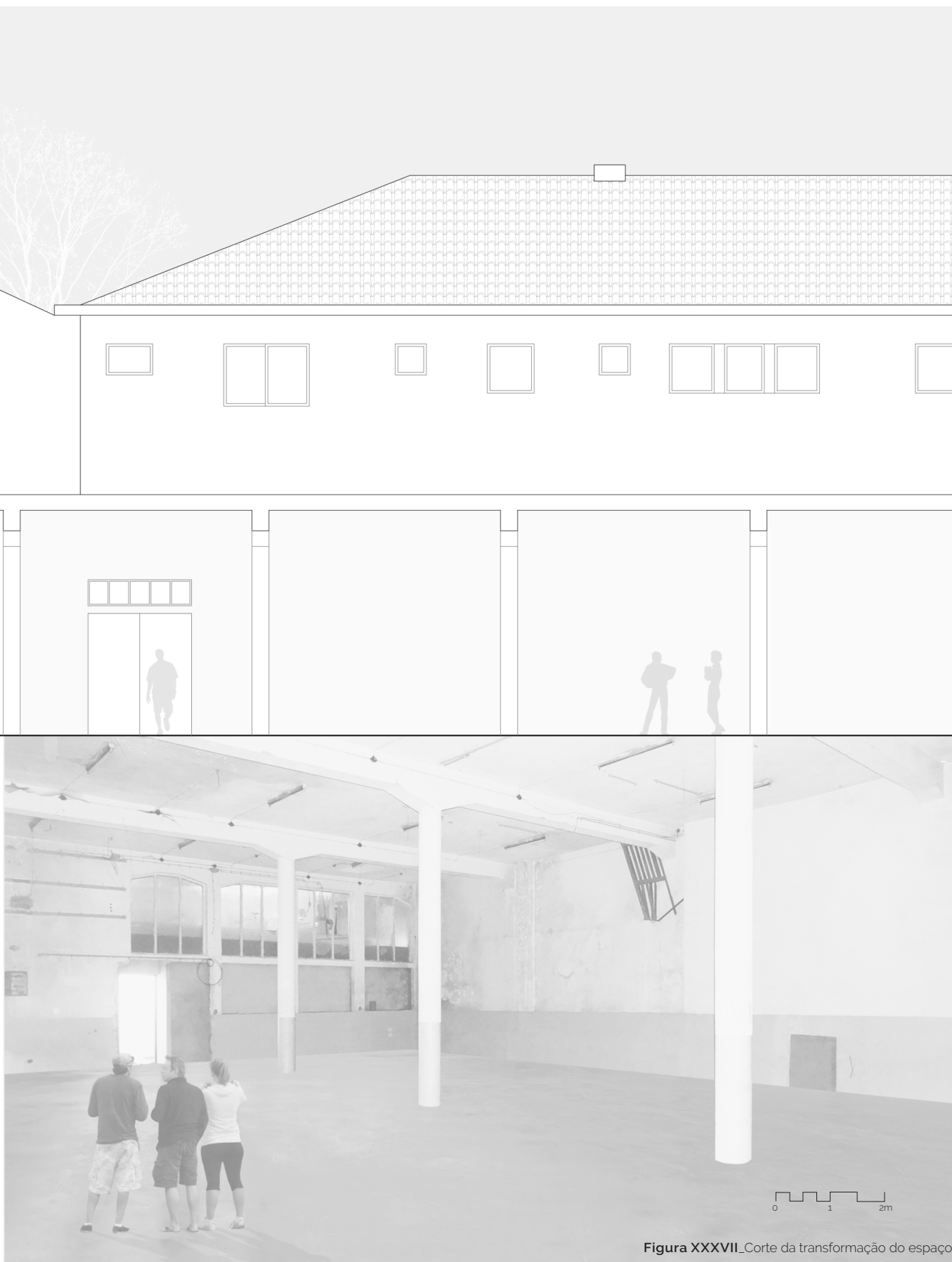


Figura XXXVII_Corte da transformação do espaço



Figura XXXVIII *A escrita do palimpsesto*

V.III. A ESCRITA DO PALIMPSESTO

Na introdução à identidade urbana como palimpsesto, também o próprio edifício faz parte de uma dessas camadas sobrepostas e toda a narrativa subjacente ao mesmo contribui para recuperar alguns valores identitários do concelho.

Nesse sentido, o próprio construído possui uma linha cronológica de sucessivos acontecimentos que contribuem não só para a definição do seu estado atual como para a própria imagem da cidade em que este se insere. Desde a sua edificação (marcada pelas diferentes fases construtivas), os seus diversos usos do passado (maioritariamente associados à atividade têxtil), usos esporádicos e alternativos do presente, assim como o fecho de portas e consequente estado atual de abandono.

Todas estas camadas estão presentes e assumem um papel ativo na identidade da Belcor, no entanto de igual forma, também os vários acontecimentos que marcaram o concelho se encontram vinculados à história da fábrica, sejam as histórias do passado (associadas à atividade agrícola do concelho), ao desenvolvimento do presente (com base na indústria do calçado) ou as projeções de futuro.

É nesta perspectiva que todas as histórias apresentadas anteriormente (primeira parte) se refletem agora em ações, que ao estarem diretamente associadas aos três agentes principais desta investigação, a fábrica, a população e a cidade, têm como principal objetivo criar alternativas não só para novos usos no edifício que se encontra em abandono à mais de uma década, como para a própria cidade que necessita que se vasculhe algumas das histórias presentes neste palimpsesto, que garante a identidade à cidade de Felgueiras.

Assim, a fábrica assume-se como um livro aberto que podemos observar à medida que percorremos, sendo-nos apresentadas, de forma ficcionada algumas destas narrativas associadas a alguns dos acontecimentos que marcaram, e continuam a marcar a história do concelho.

Estas ações, assumem-se como uma nova camada, que se vem agrupar a todas as outras anteriormente existentes, da mesma forma que outras se agruparão no futuro, num acumular de histórias que mais do que sobrepostas deverão seguir uma continuidade, de forma a garantir a construção de (mais do que uma identidade) uma unidade urbana.

Apesar da importância das duas propostas apresentadas anteriormente, é sobre as próximas (especificamente relacionadas com a fábrica e a cidade) que se centrará a investigação, pois são estas que, ainda que de forma ficcionada, poderão abrir caminho à procura de alternativas para a resolução do problema deste espaço e a cidade de Felgueiras.

Na verdade por vezes a ficção consegue transpor de forma clara as respostas aos problemas que a própria realidade não consegue responder.



Figura XXXIX Esquemas de localização das ações

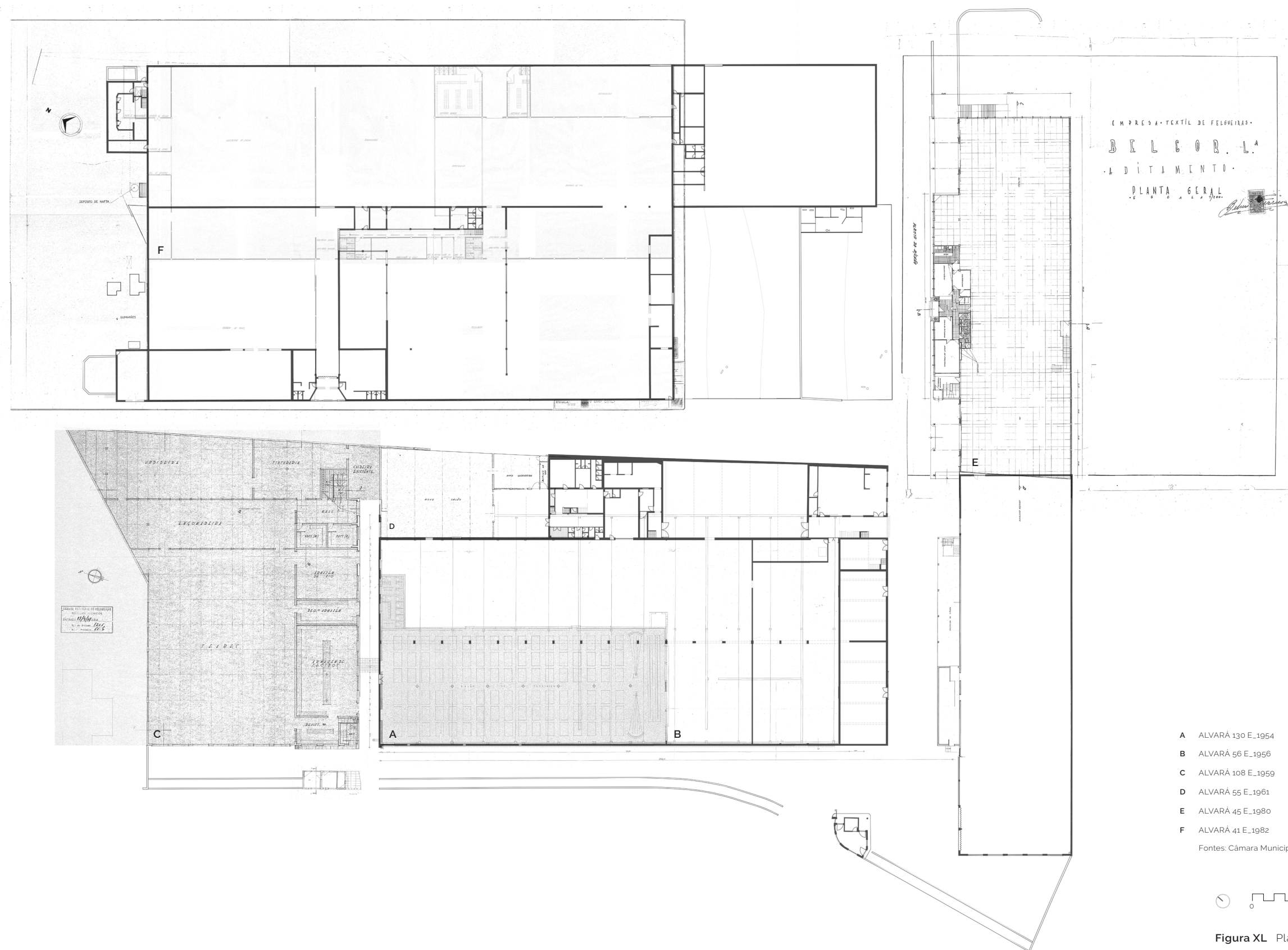


Figura XL Planta de palimpsesto

Capítulo VI. Marcas de uma BIOGRAFIA

MARCAS DE UMA BIOGRAFIA_ Fragmentos do passado perdidos no tempo, ou que permanecem escondidos na memória coletiva da população.



Figura XLI *A permanência do imaginário rural*

VI.I.
A PERMANÊNCIA
DO IMAGINÁRIO
RURAL

Como vimos anteriormente, o concelho de Felgueiras (e sobretudo o seu aparecimento enquanto marco territorial), está fortemente relacionado com o período de autossuficiência maioritariamente agrícola e artesanal, vivido nos séculos XVIII e XIX, onde o solo e a rede hidrográfica eram fundamentais quer em termos de localização das civilizações como da sua subsistência. A atividade agrícola e o modo de vida rural, onde se imaginavam as histórias do *Sandokan*, permitiram que o concelho se fosse desenvolvendo, ainda que a um ritmo lento, até ao ponto que se encontra atualmente.

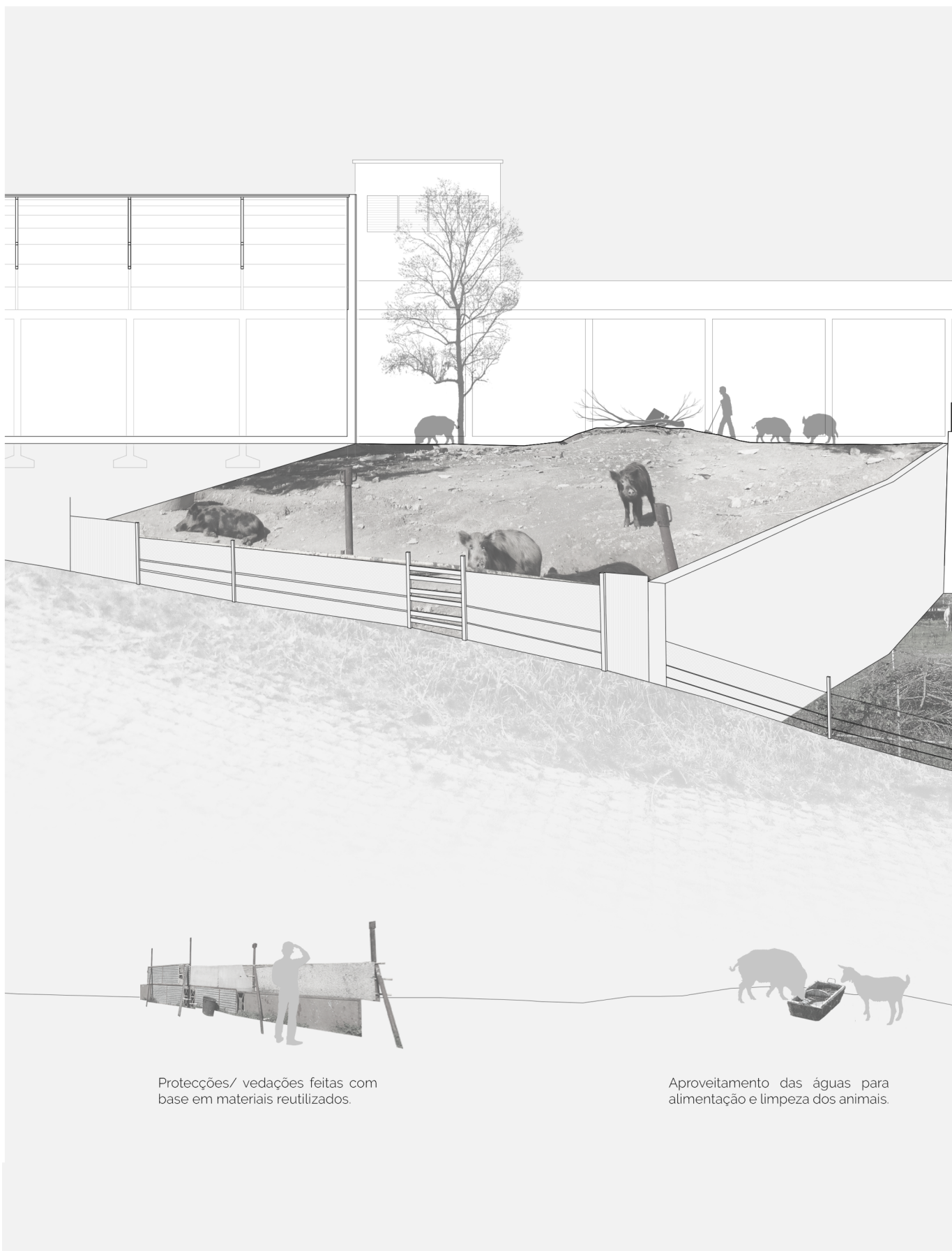
Depois de todo o processo de industrialização e desenvolvimento sofrido nas últimas décadas, que alterou significativamente o modo de vida das populações, quer em termos de habitabilidade como das infraestruturas, Felgueiras permanece como um meio predominantemente rural nas suas zonas periféricas, realidade esta vivida um pouco por todo o país (com excepção dos polos urbanos de maior dimensão).

Apesar de no núcleo urbano central, predominar um desenvolvimento crescente, afastando-se das marcas deste passado rural, um pouco por todo o concelho esta é uma realidade que se mantém, permanecendo como quotidiano dos mais idosos, e mesmo de alguns jovens que herdaram esta cultura agrícola. Do mesmo modo, os que possuem diferentes ocupações ligadas a outros setores acabam por participar nesta persistência agrária, seja pela pequena horta que cultivam no seu quintal, ou pela presença anual nas colheitas da família, assumindo-se este como um meio com o qual o povo felgueirense se encontra perfeitamente familiarizado.

Posto isto, nas primeiras deslocações ao interior da fábrica foi possível observar esta mesma realidade, funcionando como uma representação de todo o concelho no interior da própria cidade. Devido à sua inatividade e estado de abandono (e também pela sua escala), a fábrica Belcor revelou-se uma oportunidade para que, com autorização dos seus proprietários, alguns habitantes aproveitassem o espaço livre para o desenvolvimento das suas práticas rurais como a criação e salvaguarda dos seus animais, deslocando-se semanalmente (ou mesmo diariamente) para a sua manutenção.

Neste processo, o mais interessante são as técnicas utilizadas para o tratamento e cuidado dos animais. Devido ao encerramento da fábrica, as instalações carecem das vantagens existentes no se exterior, como saneamento e electricidade, sendo necessário recorrer a técnicas tradicionais, como a recolha de água pluviais para posterior distribuição, com os mesmos utensílios utilizados nas pequenas hortas nas habitações espalhadas pelo concelho. Certamente técnicas herdadas de uma cultura enraizada na tradição das populações.

Deste modo, a ação transforma-se numa mera representação da realidade e das marcas existentes, marcas de um passado que permanece ilustrado no interior da própria fábrica.



Protecções/ vedações feitas com base em materiais reutilizados.

Aproveitamento das águas para alimentação e limpeza dos animais.

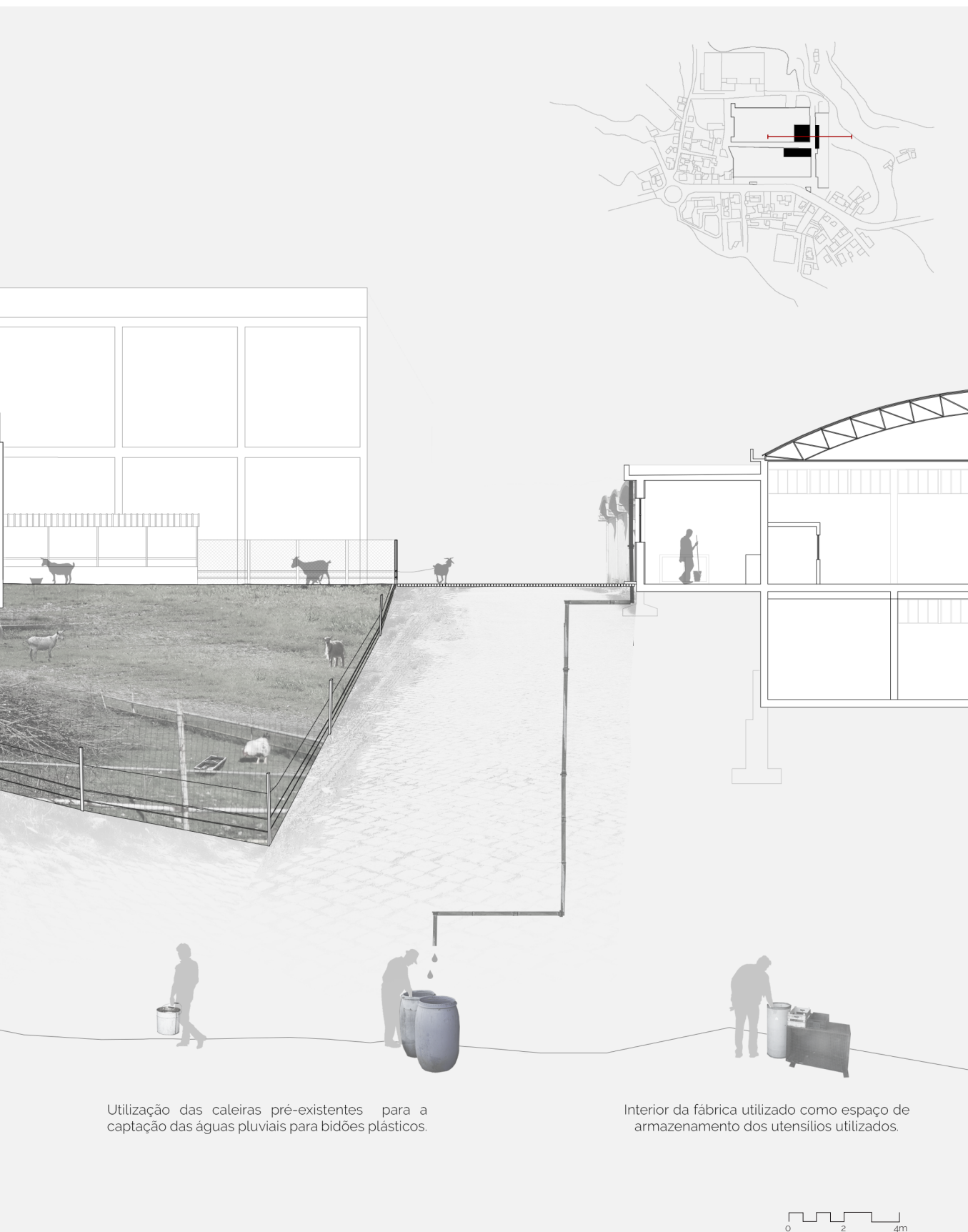


Figura XLII Corte da técnicas agrícolas utilizadas no interior da fábrica



Figura XLIII *A passagem do comboio*

VI.II. A PASSAGEM DO COMBOIO

Apesar de fazer pouco mais de um século desde que o comboio circulou pelas terras de Felgueiras, são poucos ou praticamente nenhuns os que se lembram desse acontecimento. Eventualmente poderão recordar-se das histórias contadas pelos antepassados, no entanto é no desconhecimento da maioria que permanece a sua memória.

Não existem marcas do seu percurso, dos pontos de paragem ou mesmo das várias histórias que marcaram a sua passagem. A história do comboio de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios apenas persiste na publicação de um livro dedicado ao tema, e possivelmente no baú de recordações de alguns curiosos. Todo este esquecimento deve-se essencialmente ao curto tempo em que o comboio esteve em circulação, assim como o seu fim repentino, que não permitiu guardar recordações na memória coletiva da população.

No entanto, apesar da brevidade da sua passagem, a linha teve bastante importância no concelho, não só no seu desenvolvimento económico, fruto das receitas geradas pelo fluxo de pessoas, como conseqüentemente a nível social. Logo após o seu desmantelamento, procedeu-se à construção das estradas nacionais sobre o mesmo traçado (conclusão pela sobreposição da planta da linha com a planta viária do concelho) sendo uma das razões para o fim do caminho de ferro o aparecimento dos meios de transporte rodoviários de mercadorias.

Precisamente próximo a estes eixos viários, surgiram algumas das maiores indústrias presentes no concelho até aos dias de hoje (como vimos anteriormente). Nomeadamente uma das indústrias, foi a fábrica Belcor, o que nos permite concluir que muito provavelmente na estrada nacional 101, que cruza todo o alçado principal da fábrica, terá um dia circulado o comboio que unia o centro de Felgueiras (Margaride) e o centro da Lixa.

Posto isto, a ação prende-se então na tentativa de reavivar uma memória coletiva perdida, ao recriar um excerto da história da cidade. Esta marca, que tem a fábrica como cenário, permite-nos ainda relacionar dois acontecimentos importantes na narrativa da cidade e que desde sempre estiveram relacionados. O passado e a história do comboio que atravessou o concelho, assim como a influência que este teve no crescimento do mesmo, com o aparecimento de indústrias como a Belcor junto ao seu anterior percurso.

Esta marca criada, trata-se de uma reinterpretação da linha anteriormente existente, que mais do que meramente escultórica e museológica tem como objetivo servir em termos urbanísticos e sociais, na tentativa de resolver problemas existentes.

Numa das ações anteriores uma das sugestões seria o derrubar do muro com o objetivo de incitar as pessoas a entrar. No entanto devido ao uso frenético do automóvel (característico do nosso tempo) seria facilmente previsível a apropriação do espaço face ao alçado principal, acabando por ter esta ação uma resposta oposta ao pretendido.

Assim, a linha proposta percorrerá todo o alçado principal (no local onde anteriormente existia o muro), criando uma barreira física mas que de certa forma não retire a visibilidade do construído, permitindo que a população, para além de ter oportunidade de reativar uma memória esquecida, através da reinterpretação de uma marca perdida no tempo, possa apropriar-se deste elemento do espaço público, na sua aproximação ao interior da fábrica.

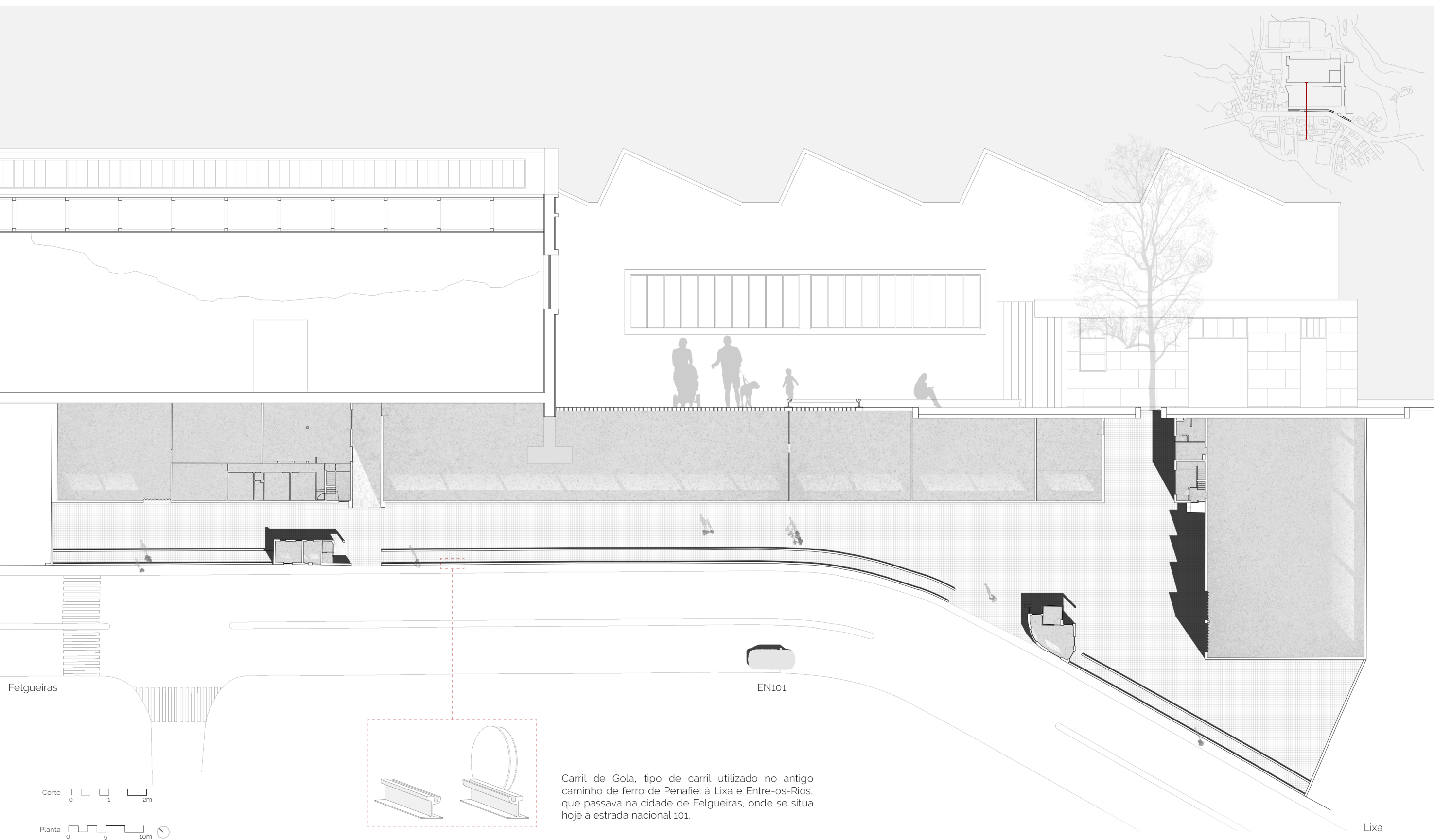


Figura XLIV Planta e corte da linha proposta



Figura XLV *Vestígios da (r)evolução*

VI.III. VESTÍGIOS DA (R)EVOLUÇÃO

Dado do desaparecimento do comboio, deu-se um período significativo em termos de desenvolvimento para a cidade, marcado por um crescimento exponencial não só a nível industrial, como económico e social. Este período encontra-se entre a expansão das indústrias criadas junto à estrada nacional, como vimos anteriormente, e o consecutivo aparecimento do setor do calçado como indústria forte no concelho.

É neste intervalo, que fábricas como a Belcor assumem o seu pico de produção, com valores inigualáveis nos dias de hoje. Nesta época, as fábricas representavam grandes complexos industriais capazes de se autossustentar, estando toda a população, e a zona envolvente, dependentes da sua produção.

Estas eram constituídas não só pelos salões de produção, como também zonas de serviços para a sua própria manutenção interna, como carpintarias e serralharias, albergando também cantinas e creches para um maior pragmatismo quotidiano dos seus funcionários. Os largos acessos no seu interior, assemelhavam-se às ruas de uma cidade ao encherem-se de gente na mudança de horários, sendo realizados turnos rotativos para um maior aproveitamento da produção.

A Belcor assume-se como um destes exemplos, quer pela sua escala, que ganhou forma ao longo de vários anos, como pela quantidade de pessoas que dependiam do seu funcionamento, cerca de 700 trabalhadores segundo o Sr. Amadeu, antigo trabalhador.

É sobre as marcas da sua produção, o imaginário da sua atividade que se debruça a próxima ação. A partir do testemunho do Sr. Amadeu, foi possível perceber quais as fases de produção associadas ao funcionamento da fábrica, desde a entrada da matéria prima (algodão em rama), até à sua fiação (ao contrário de outras fábricas do setor, a Belcor fazia a fiação nas próprias instalações), fabrico (tecelagem), e por fim a expedição e armazenamento do material para posterior saída do tecido em rolo. De seguida, o tecido passava para outras instalações dentro da própria fábrica, onde era tingido, para obter diferentes tonalidades, e posteriormente seguia para o fabrico e costura para a criação de têxteis para o lar ou vestuário.

Apesar destas últimas fases de fabrico terem desaparecido nos últimos anos antes do seu encerramento, é possível imaginar o período de maior deenvolvimento produtivo, em que ritmos frenéticos, barulhos de motores e a agitação dos funcionários marcavam o movimento de toda a região envolvente.

A ação prende-se assim na tentativa de recolher as marcas existentes que se associam às diferentes fases produtivas, e através do seu entendimento, criar um imaginário do que seria o quotidiano neste complexo industrial, histórias que certamente ainda se encontram bastante presentes na memória coletiva da população e que poderão permanecer registadas para a posteridade.










VESTÍGIOS EXISTENTES	PROCESSOS DE PRODUÇÃO	DESCRIÇÃO
	1 ENTRADA DA MATÉRIA PRIMA	 Algodão em RAMA.
	2 MATÉRIA-PRIMA (FIAÇÃO)	 Retiram-se as impurezas com o BATEDOR.
		 Liberam-se as fibras com as CARDAS.
		 Passa pela BOBINADEIRA, onde são colocadas as bobinas de fio.
	3 FABRICO (TECELAGEM)	 De seguida na URDIDEIRA faz-se a teia (rolo) que passará para a tecelagem. Esta função permite juntar e cruzar um vasto número de fios simultaneamente.
	4 EXPEDIÇÃO	 De seguida passa para os TEARES, onde o produto ganha composição.
	5 ARMAZENAMENTO	 Expedição em rolo e armazenamento do material para venda ou transporte para outra secção, como TINTURARIA por exemplo.
	6 SAÍDA DO PRODUTO	 Por fim, saída do produto final

Figura XLVI_Vestígios encontrados e descrição dos processos de produção.

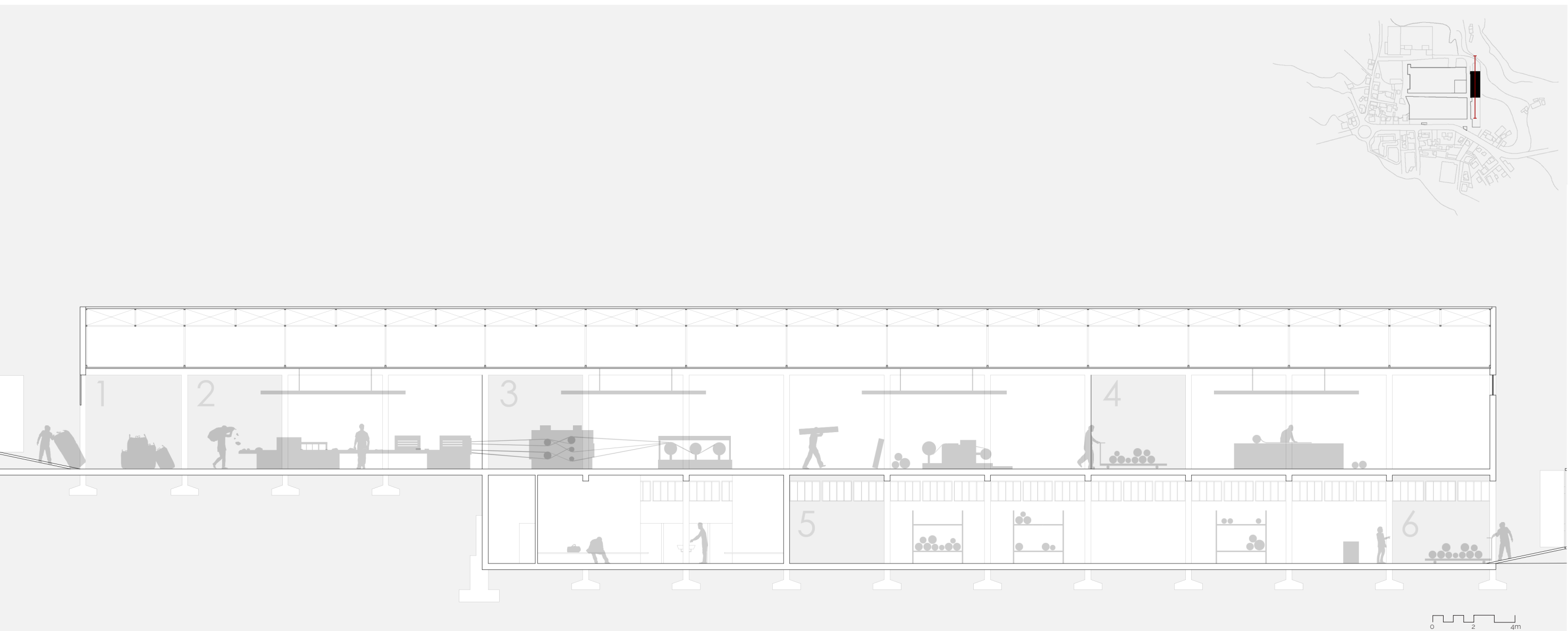


Figura XLVII Corte e imagens sobre o imaginário da atividade fabril

Capítulo VII. O CENÁRIO como reflexão

CENÁRIO COMO REFLEXÃO_ Ações que incitam as pessoas a refletir não só sobre a situação atual da cidade como o futuro e as suas alternativas.



Figura XLVIII Uma nova guerra

VII.I. UMA NOVA GUERRA

Após um período de homogeneidade por parte das grandes indústrias, surgiu o que é hoje o maior setor de desenvolvimento económico do concelho, o calçado, sendo este muito provavelmente um dos principais responsáveis pelo encerramento de grandes indústrias têxteis como a Belcor.

Apesar de fortemente marcado pela sua dispersão pelo território, e sendo maioritariamente formado por empresas de pequena dimensão, rapidamente o setor do calçado garantiu o seu vínculo quer a nível regional como internacional, como o exemplo que vimos de marcas (como a Swear Shoes) partirem para palcos internacionais, garantindo a presença nas mais prestigiadas feiras e mostras do setor.

No entanto nos dias de hoje com a quantidade de empresas associadas a esta ocupação dissipadas pelo concelho a ultrapassar as 1 500¹¹⁷, e com o nível de exigência cada vez mais alto, a competitividade torna-se superior, sendo fundamental o ativo desenvolvimento das marcas não só a nível de qualidade de produção, como no método de trabalho e posterior divulgação. E esta questão torna-se fundamental, sendo atualmente a imagem de uma marca, o seu símbolo, o seu meio de divulgação e a forma como é reconhecida no mercado de trabalho.

Nesse sentido, foram recolhidos os logotipos de algumas das principais entidades de produção no concelho, formalizando cerca de 60 no total. Após isso, essas marcas de identidade foram projetadas, de forma alternada e sem critério, na fachada da Belcor, formando uma composição que, mais do artística, pretende transmitir uma mensagem.

Encontramo-nos hoje numa nova guerra, longe da expansão internacional pela *Guerra das Estrelas* que preenchia de esperança marcas competidoras da região. Hoje trata-se de um conflito onde cada um se sobrepõe ao outro na tentativa de se realçar, menosprezando por vezes a qualidade do produto final para com isso conseguir competir com os preços de mercado. No entanto, esta redução de qualidade ou incapacidade de acompanhamento da realidade atual, fez com que muitas empresas do setor encerrassem atividades nos últimos anos.

Posto isto, a colocação de todos estes símbolos lado a lado na fachada do edifício, pretende demonstrar que é necessário existir uma união, uma procura de desenvolvimento e expansão conjunta, no sentido de evitar que alguns daquelas marcas acabem por se transformar num espelho da Belcor e do próprio abandono.

Com isso, pretende-se com esta ação que esta nova guerra tenha uma só face (fachada), constituída pelo conjunto de todas as empresas do concelho, para com isso refletir sobre a importância da continuidade de um setor que garante a identidade (e subsistência) não só à população como, e sobretudo, ao seu território.

117 Mais especificamente 1662, segundo a einforma (diretório de empresas) Fonte: https://www.infoempresas.com.pt/C152_INDUSTRIA-CALCADO/Concelho_FELGUEIRAS.html



Figura XLIX Corte e esquemas que refletem a importância do setor do calçado na cidade



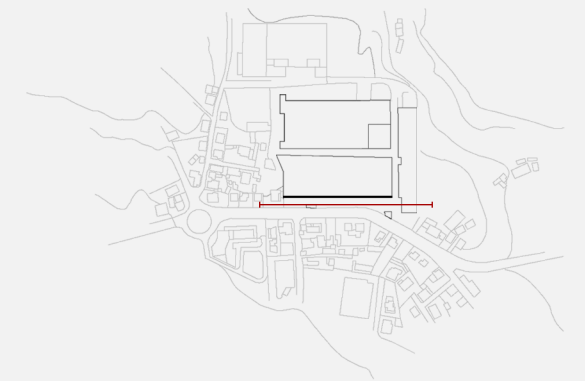
LEGENDA

- Fábrica

Distribuição das indústrias do calçado



Logotipos de algumas indústrias do concelho



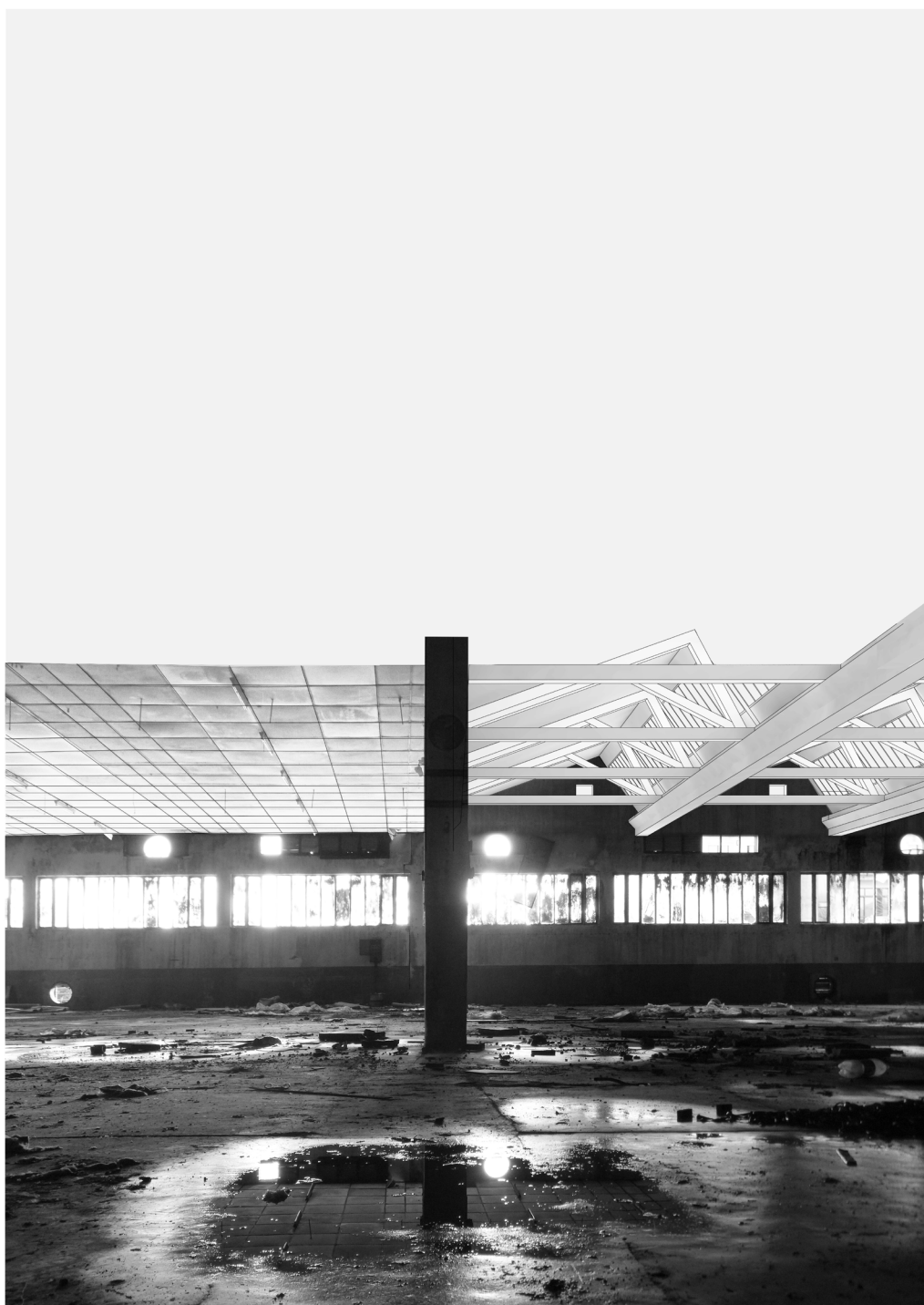


Figura L *A estrutura como motor*

VII.II. A ESTRUTURA COMO MOTOR

A cidade de Felgueiras caracteriza-se hoje pela presença de inúmeros vazios urbanos, como a fábrica Belcor, que refletem na cidade uma imagem vazia e arruinada. Estes vazios devem-se a vários fatores, incluindo questões administrativas e falta de incentivo e apoio à sua resolução, o que os faz perdurar no tempo e na imagem da cidade.

No entanto, quando falamos de ruína nem todas as soluções terão necessariamente que passar pela sua inteira resolução, sobretudo se o problema existe há vários anos e parece permanecer. Nesse caso a medida a adotar terá de ser alterada, devendo valorizar-se a ruína como espaço com valor próprio, a partir do qual é possível explorar potencialidades.

Nas várias visitas realizadas à fábrica, foram diversos os locais que, no seu estado atual, transmitiram determinadas sensações que de outro modo não seriam possíveis. Trata-se da ruína como espaço projetado, onde as marcas das intempéries fazem parte desse mesmo espaço, caracterizando-o.

Um destes espaços é o antigo salão de tecelagem junto à fachada principal do edifício. Isso deve-se a fatores como sua escala, a sua localização (sendo o local de separação entre o exterior e o interior), permitindo-nos ouvir a rua apesar de não a conseguirmos ver, ou da própria luz existente. Tudo isto faz com que o local nos transmita uma espacialidade própria e qualquer alteração que visasse a sua recuperação no sentido de o transformar iria retirar-lhe o seu carácter. No entanto, existem ações que podem acrescentar valor aos espaços, se corresponderem à recuperação da sua composição original, procurando assim a verdadeira clareza da ruína.

Este espaço corresponde ao primeiro volume edificado do complexo industrial, correspondente ao ano de 1954, refletindo por isso métodos e sistemas construtivos da época. *"(...) a cobertura será de betão armado, chapas de fibrocimento e vidro (...) "*¹¹⁸. Podemos então concluir que, para além de ser o primeiro volume a ser edificado (seguido de sucessivos acrescentos até ao final do século), possui ainda um sistema construtivo em "sheds" de betão armado, sistema invulgar na atualidade devido às vantagens das estruturas metálicas nos edifícios industriais.

No entanto, este sistema encontra-se escondido devido à existência de um teto falso acrescentado posteriormente, o que lhe retira o seu carácter inicial. Desta forma, ação centra-se em retirar esse mesmo teto, devolvendo ao espaço não só uma maior influência de luz natural, como as suas características originais, transmitindo assim a sua verdadeira composição morfológica.

Com ações neste sentido, é possível face aos problemas dos vazios urbanos, procurar em alternativa à sua recuperação absoluta (muitas vezes descontextualizada), a valorização da ruína como espaço de contemplação, onde são as suas próprias características existentes que potenciam o valor do seu espaço.

118 Memória descritiva do projeto fornecida pela Câmara Municipal de Felgueiras.

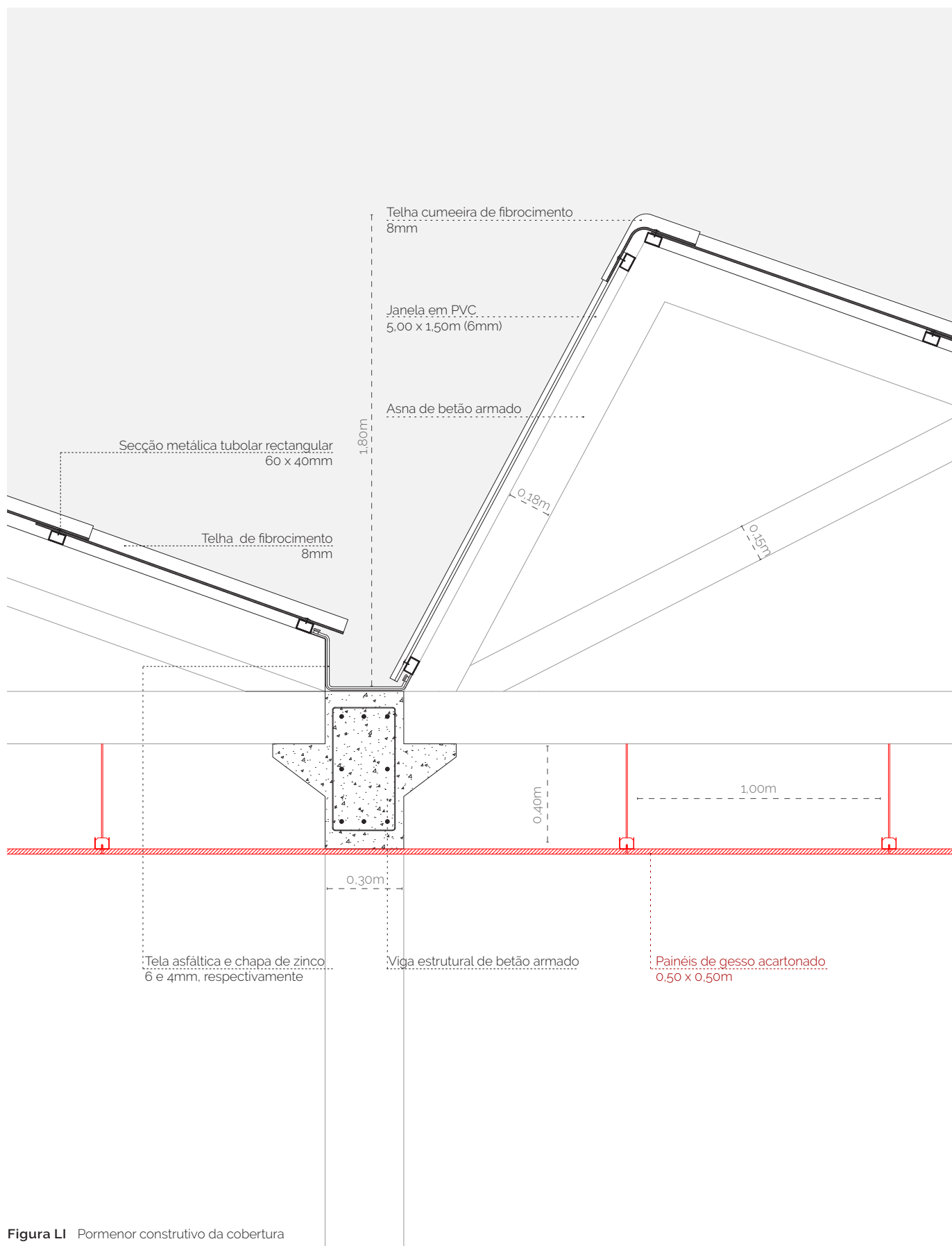
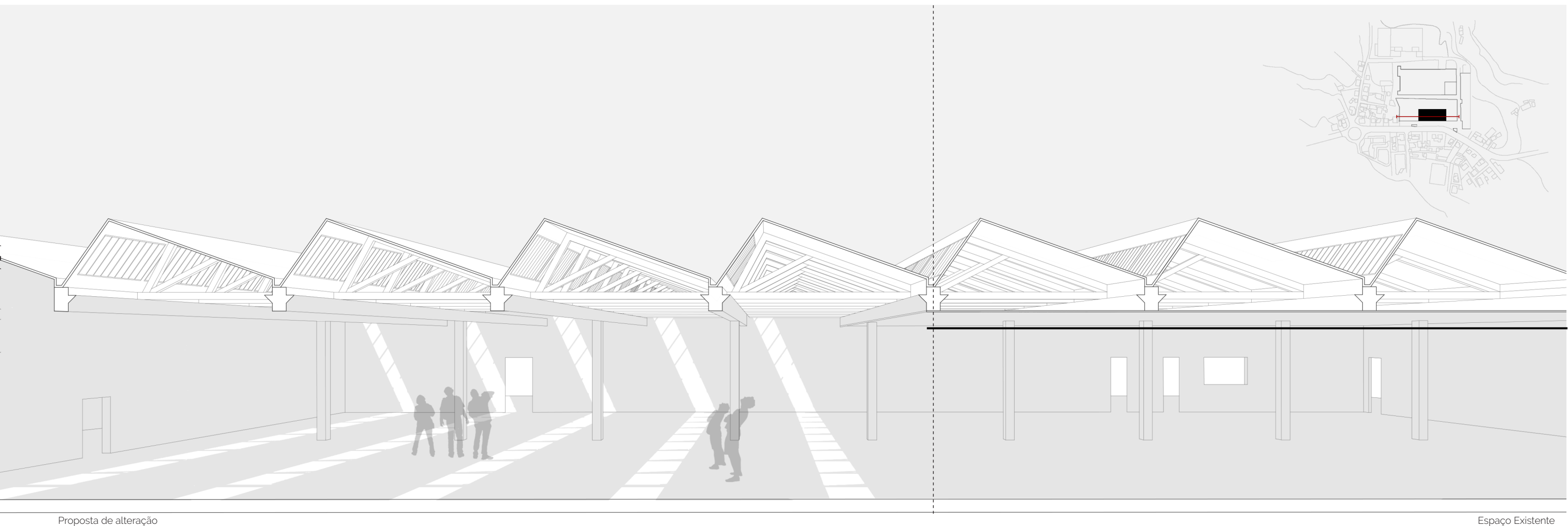
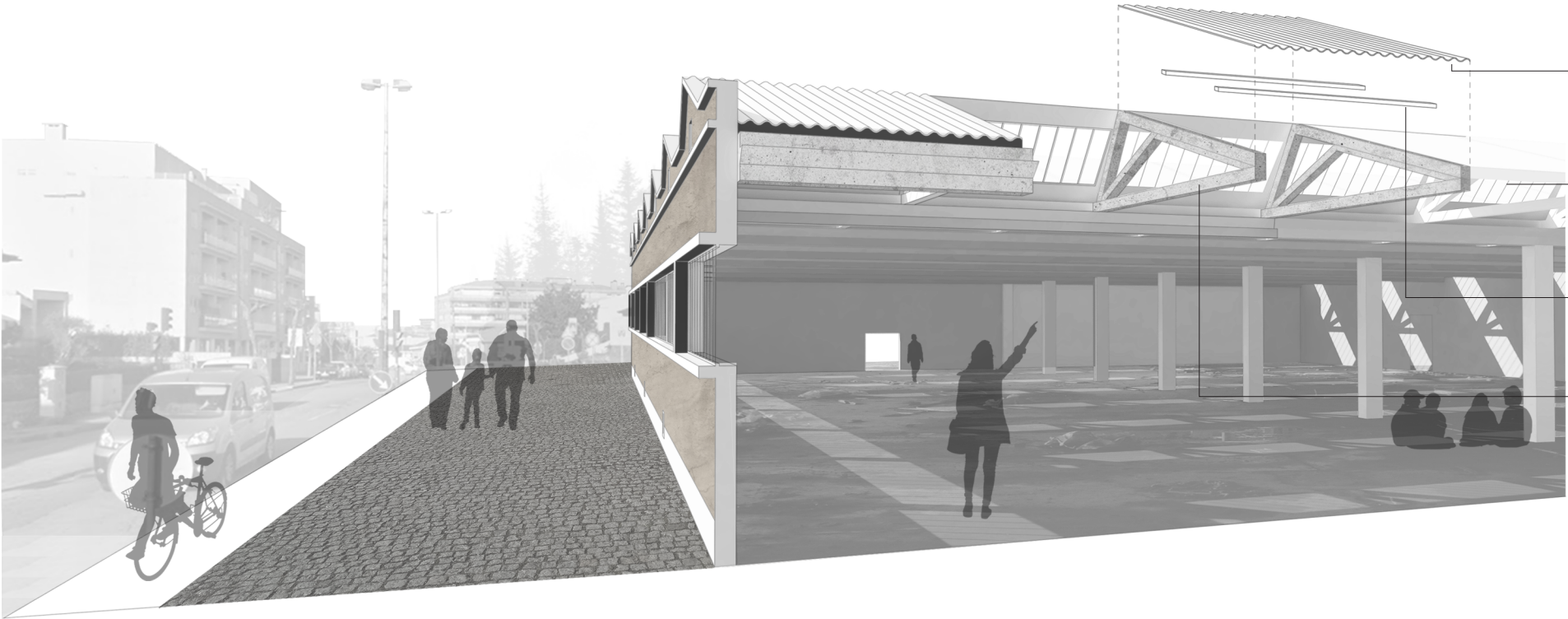


Figura LI Pormenor construtivo da cobertura



Proposta de alteração

Espaço Existente



- Telha de fibrocimento**
Solução hoje retirada do mercado pelos danos causados à saúde pública. Seria necessária a sua substituição para um uso futuro.
- Janelas**
A existência de um vasto número de aberturas permite criar uma maior abertura e luminosidade ao espaço.
- Perfil metálico**
Suporte das telhas (sendo estas fixadas por parafusos), e assente nas sheds de betão.
- Sheds de betão**
Sistema descontextualizado nos dias de hoje, no entanto o seu aproveitamento pode garantir um maior carácter ao espaço.

0 1 2m

Figura LII Corte da transformação do espaço



Figura LIII *Panorama amórfico*

VII.III.
PANORAMA
AMÓRFICO

Nos últimos anos tem-se vivido um clima de estagnação e descontentamento por parte da população felgueirense, que em nada contribui para o desenvolvimento da cidade. Este amorfismo deve-se em grande parte ao problema dos vazios urbanos, relatado anteriormente, assim como uma determinada aceitação do estado atual por parte da população.

Todos estes fatores levam a um dos temas principais da presente investigação, a falta de identidade por parte da comunidade, que parece esquecer toda a sua história, numa apatia generalizada perante os problemas.

No entanto, torna-se fundamental agir sobre esta situação na tentativa de despertar o interesse dos cidadãos para com a sua cultura e tradições, pois só ao reavivar esse regionalismo é possível fazer com que exista um sentido de unidade, de comunidade, na procura do despertar e consequente desenvolvimento.

Como foi possível analisar no capítulo inicial, o *terrain vague* assume-se como o local onde o homem moderno pode olhar para si mesmo, tendo a cidade como fundo, sendo um local de reflexão, sem a pressão e desordem das cidades atuais. Este espaço pode então ser a própria fábrica, onde a população tem a possibilidade de observar os problemas da cidade, através do vazio.

Com esse objetivo, a ação centra-se em "abrir janelas", tornando a partir do interior, visível todo o exterior, permitindo assim que, de um modo hipotético, o cidadão possa refletir sobre si mesmo e sobre a envolvente onde se insere.

No entanto, apesar desta se refletir uma ação com uma maior carga simbólica do que prática, tudo isto se torna mais interessante ao analisar o que realmente é visível a partir do interior da fábrica. Uma vista panorâmica marcada pela presença da paisagem natural e do meio rural, com um único sinal de construído, uma habitação em abandono há mais de uma década, com a marcação de venda no seu alçado.

Apesar de simbólica, a ação acaba por transmitir uma imagem resumida do reflexo do próprio concelho e o seu estado atual, marcado maioritariamente pela permanência da ruralidade e o construído existente disperso, vazio, e em muitos casos arruinado, refletindo a falta de preocupação com o território por parte da população.

Deste modo, é possível transmitir aos cidadãos que o amorfismo vivido apenas pode ser revertido por eles próprios, sendo necessário agir e despoletar na população a atividade de outros tempos, que fez com que a cidade se tornasse num núcleo de forte desenvolvimento nos finais do século passado.

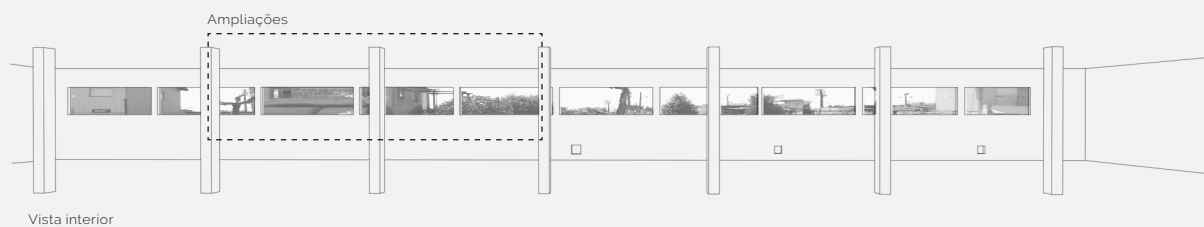


Figura LIV Corte reflexo da visão do concelho

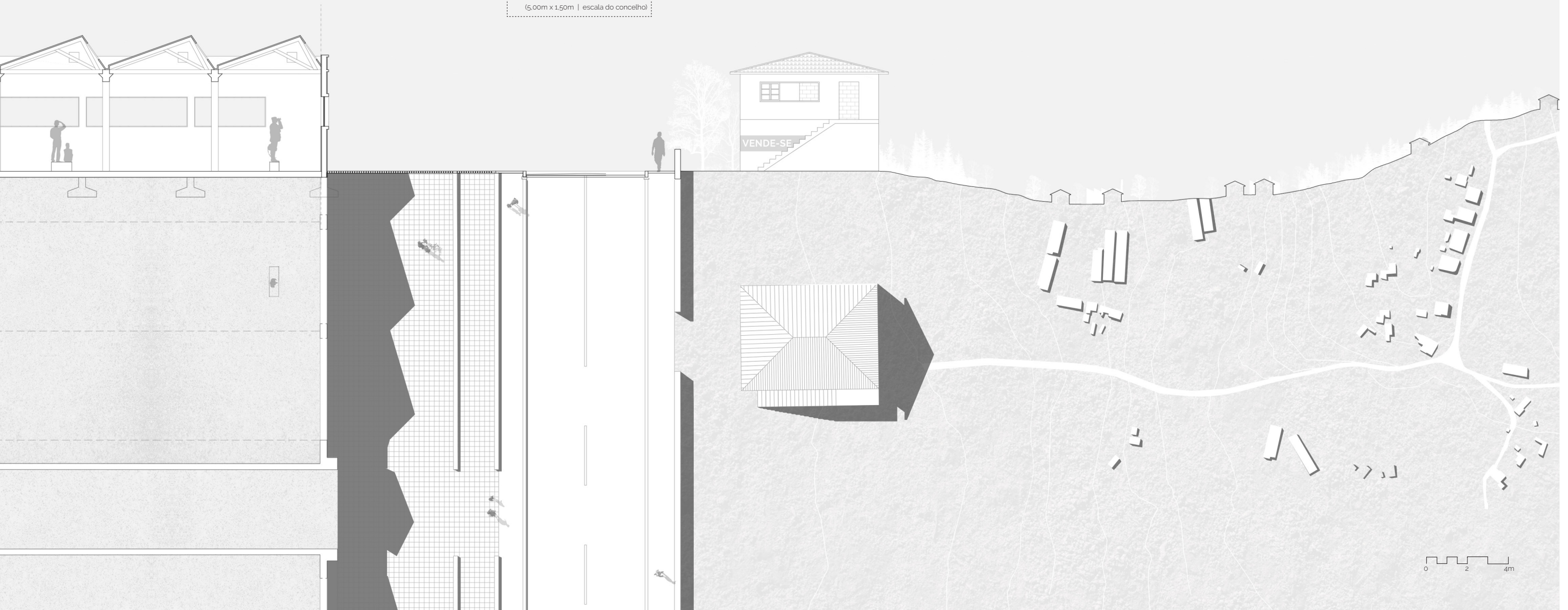
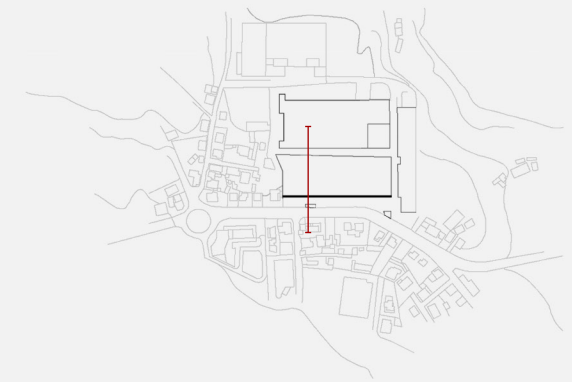


Cidade amórfica

Felgueiras, 2018.

Imagem real sobre moldura do abandono.

(5,00m x 1,50m | escala do concelho)



Capítulo VIII. a FICÇÃO projetada

A FICÇÃO PROJETADA_ Ações que, de uma forma concreta, procuram imaginar cenários possíveis através das visões existentes.



Figura LV (Pro)jeção autárquica

VIII.I. (PROJ)AÇÃO AUTÁRQUICA

Relativamente à análise de alternativas de futuro, quer em relação ao espaço em abandono como para a própria cidade, torna-se importante analisar, à partida, algumas das possibilidades levantadas pela autarquia nos últimos anos.

Como vimos anteriormente, apesar de existirem vários projetos que visam a expansão urbanística da cidade, na tentativa de a capacitar com os mecanismos necessários para as exigências atuais, grande parte dos mesmos encontram-se estagnados, devido aos mais diversos fatores, mas sobretudo à falta de financiamento e interesse por parte dos promotores. Nesse sentido, torna-se fundamental interpretar estes vazios e procurar alternativas para a sua resolução.

A análise incide sobre o Plano da Zona Industrial do Pinhal da Rebela, projeto promovido pela autarquia há décadas, que visa a construção de um polo não só de produção industrial como de apoio ao empresário. Apesar da iniciativa se enquadrar no contexto económico e sobretudo laboral do concelho, a insistência face a um projeto que não apresenta sinais de desenvolvimento, sobretudo existindo alternativas na proximidade (a Belcor localiza-se a 400m) parece não fazer sentido.

Não seria possível incorporar o plano proposto pela autarquia, que provavelmente permanecerá assim por mais uma década, a um outro problema existente, que é a existência de edifícios abandonados com bastante potencial nos seus espaços?

Em termos de mobilidade e circulação, o plano do Pinhal da Rebela faria mais sentido, encontrando-se numa zona periférica da cidade, junto dos principais acessos, enquanto que a fábrica Belcor se situa próxima do núcleo urbano, o que dificultaria a adaptação devido a toda agitação característica das zonas industriais. No entanto, a existência de uma fração de carácter social no programa proposto pela autarquia, abre a possibilidade a uma possível adaptação ao complexo existente, sendo benéfica a localização numa zona de transição com a malha urbana, permanecendo próxima ao restante programa proposto. A assimilação das propostas faz ainda mais sentido se acrescentarmos o facto da área prevista para o centro empresarial ser idêntica à da fábrica Belcor.

Caracterizando-se a Belcor por uma variedade de espaços (de maior e menor escala) de diferente carácter seria possível adaptar os previstos no programa da zona empresarial, assim como associar outros que se adaptassem a algumas das necessidades existentes na própria cidade. Dentro destas encontram-se o desfile anual das marcas da região (Descalço), ou a feira de exposições que deixou de se realizar (Felmostra), que se adequariam facilmente aos espaços de maior escala, pelo seu carácter industrial, mantendo por um lado uma relação com o restante programa e proporcionando uma inter-relação com a cidade. Os restantes espaços de menor dimensão e em contacto com a frente urbana, poderiam assumir não só espaços de carácter coletivo, como zonas de reunião e debate propostas no plano industrial.

Desta forma seria possível pensar na resolução de diferentes problemáticas existentes atualmente, com base no cruzamento entre o objeto de estudo e as principais linhas de ação da autarquia.



ESPAÇOS DISPONÍVEIS NA
FÁBRICA BELCOR

PROGRAMA BASE PARA O CENTRO EMPRESARIAL
DO PINHAL DA REBELA (CÂMARA MUNICIPAL)

1 ESPAÇO EXTERIOR

As dimensões das vias permitem a criação de ruas interiores assumindo-se como um espaço de simbiose com a cidade e com a população. Nas traseiras existe ainda espaço para a criação de estacionamentos, não retirando espaço ao peão.

2 ESPAÇOS DE GRANDE DIMENSÃO

Devido à escala e dos espaços industriais, estes poderão albergar eventos de maiores dimensões como feiras e exposições (como a FELMOSTRA) ou desfiles relacionados com o calçado (DESCALÇO).

3 ESPAÇOS COMPARTIMENTADOS

Os espaços de menor dimensão poderão albergar programas com pouca necessidade em relação a áreas de utilização, como o centro empresarial no exemplo referido.

4 ESPAÇOS DE CARÁCTER PÚBLICO

Junto à fachada principal, devido à proximidade com a estrada nacional, poderá ser introduzido um programa de carácter coletivo.

Corte 0 4 8m

Figura LVI Planta e corte de adaptação da Belcor à proposta da autarquia



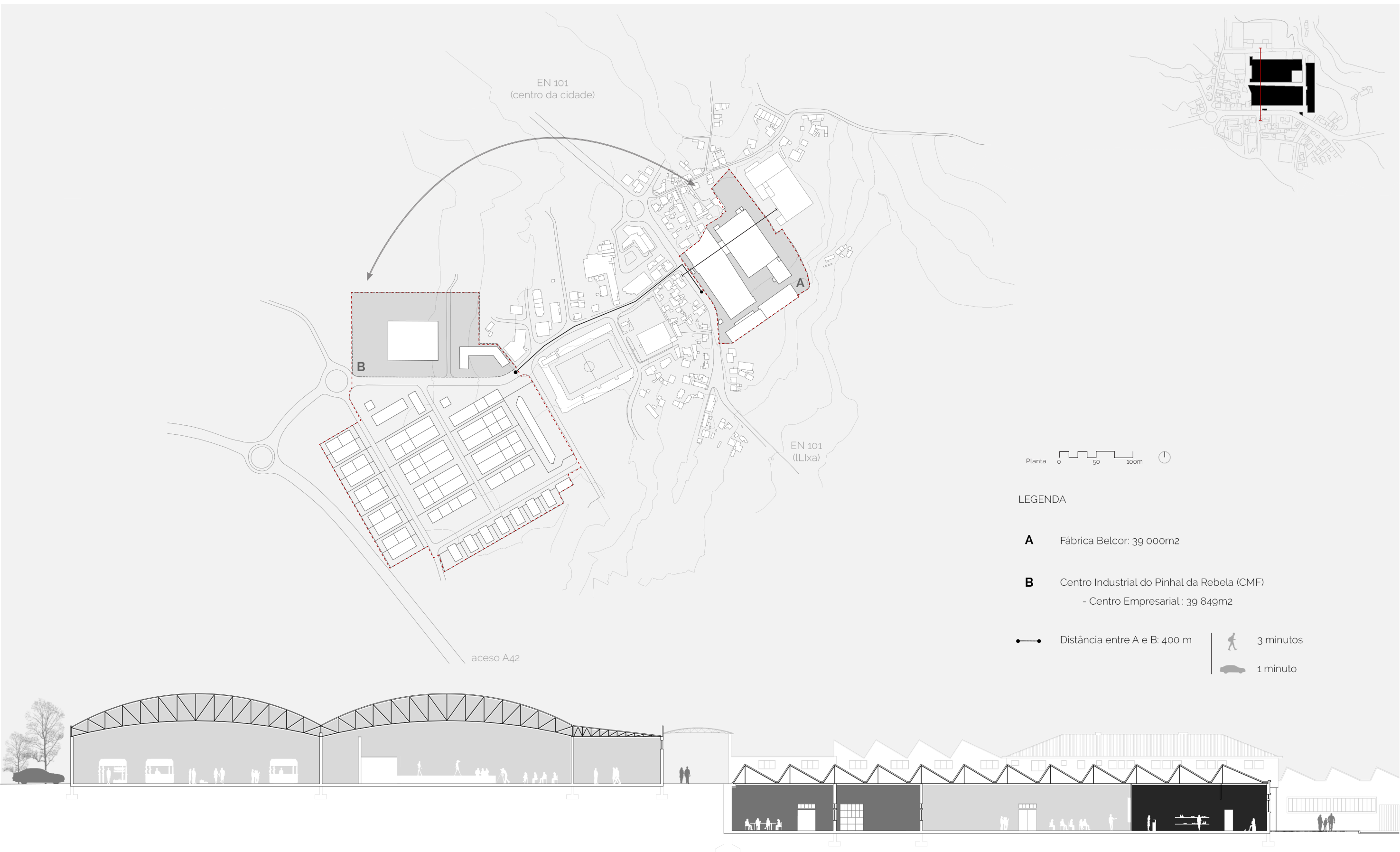




Figura LVII *Propostas da população*

VIII.II. PROPOSTAS DA POPULAÇÃO

Sendo as pessoas os principais protagonistas na projeção do futuro das cidades, foi feito um pequeno questionário na tentativa de dar voz à população e perceber quais as suas perspetivas de futuro não só para o concelho como para a fábrica Belcor, estando, neste caso, ambos diretamente relacionados.

Em relação à fábrica, dependendo de visões distintas, resultado de diferentes fatores como o ramo de atividade ou a faixa etária, as respostas obtidas revelaram-se bastante diferenciadas. De um ponto de vista mais delicado, alguns conseguem identificar as potencialidades da permanência da ruína, por outro os mais conservadores, apenas acreditam num futuro relacionado com a produção e adaptação ao carácter industrial da região, existindo ainda espaço para os mais imaginativos que sugerem um cinema, ateliers e outros espaços que permitissem o desenvolvimento social do concelho.

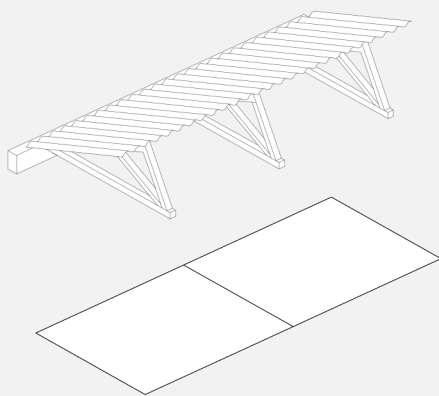
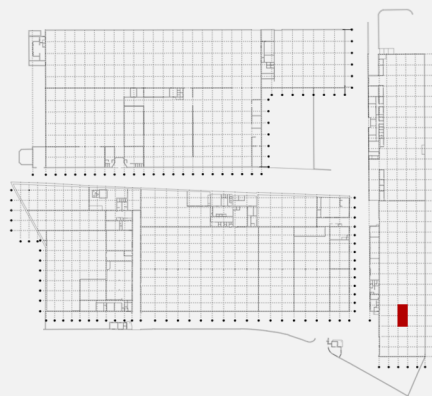
Na realidade por vezes as respostas tornaram-se um pouco deslocadas da realidade, no entanto o objetivo seria este entido libertador para a previsão de alternativas distintas, possam estas adequar-se, ou não, de melhor forma ao espaço. Esse deslocamento deve-se, na maior parte dos casos, ao desconhecimento por parte das pessoas das necessidades do concelho assim como questões mais específicas ligadas à composição e escala do próprio construído.

Posto isto a intenção foi (com base na estrutura existente), analisar de que forma as diversas sugestões por parte da população se adequariam à mesma, sendo a escala um dos fatores fundamentais. Depois de uma análise de todo o construído, na tentativa de entendimento da métrica construtiva de cada um dos espaços, foi possível identificar que apesar das diversas fases construtivas pertencentes a diferentes tempos, existiu uma preocupação por parte dos responsáveis pelos projetos em manter o módulo base existente (5x10m), transversal a todos os volumes. Com base no módulo encontrado foi realizado um estudo propositivo, de forma a perceber de que modo as diferentes propostas se poderiam ajustar ao espaço existente.

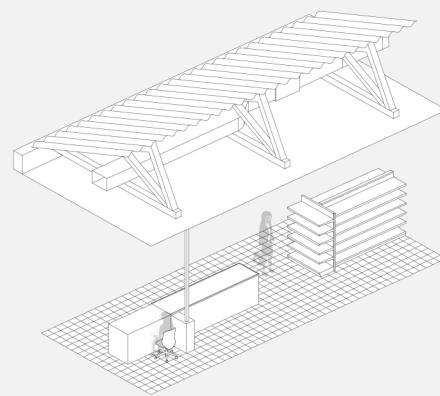
Desta forma, apesar de um conhecimento prévio da escala alargada do construído, foi possível constatar que nenhum dos programas sugeridos preencheria os volumes na sua totalidade, sendo necessária a realização de um projeto bastante amplo e diversificado em termos programáticos para preencher a totalidade dos volumes.

Mais do que projetar cenários, esta ação permite alertar para as práticas de reconversão neste tipo de espaços, que muitas vezes não consideram uma análise prévia do existente, o que resulta em muitos casos de processos de aplicação programática faseada, acabando por não existir relação entre as diversas partes do processo.

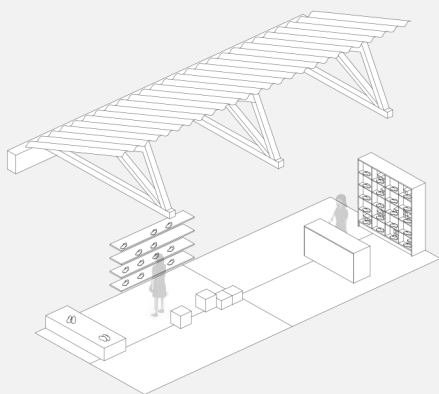
Também assim é possível consciencializar a população, não só em relação à dimensão do espaço em abandono, como também à sua capacidade de ter papel ativo na procura de um futuro melhor, quer para o construído como para a cidade.



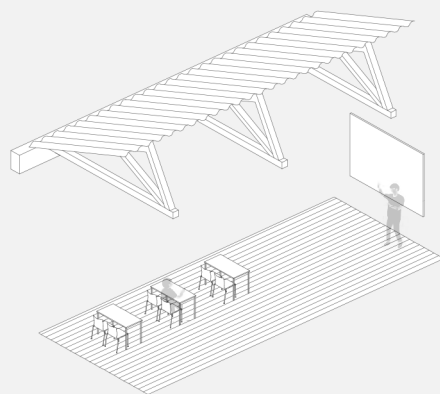
EXISTENTE (ESPAÇO INTERIOR)
2 Módulos _ 50 m²
Total: 813 Módulos _ 20 325 m²



SUPERMERCADO
120 Módulos _ 3 000 m²
6 supermercados

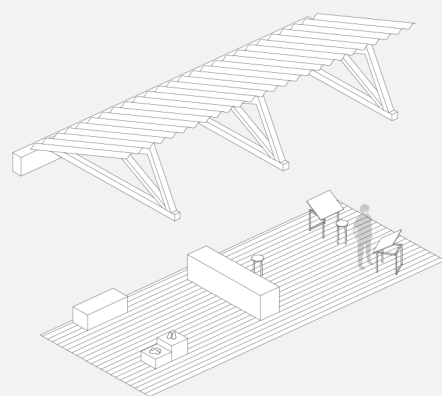
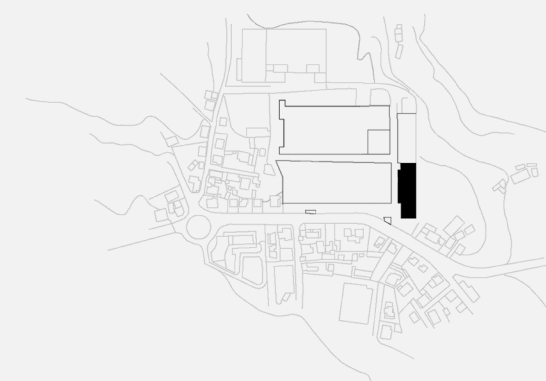


LOJA
2 Módulos _ 50 m²
406 lojas

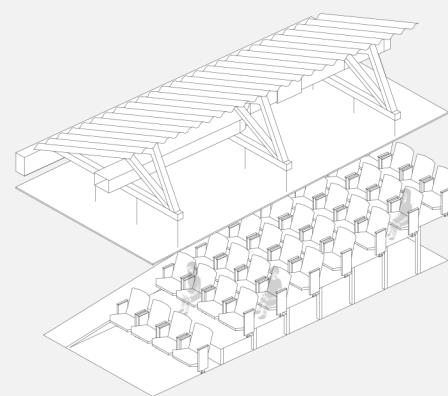


GABINETE DE FORMAÇÃO
4 Módulos _ 100 m²
203 gabinetes

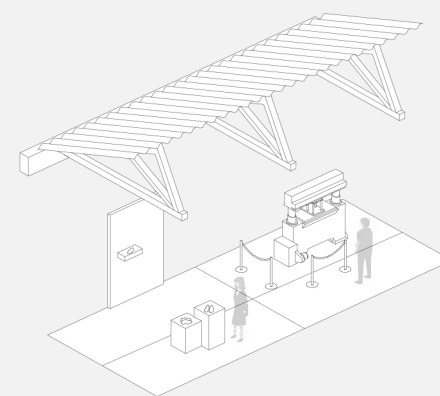
Figura LVIII Axonometrias das propotas da população



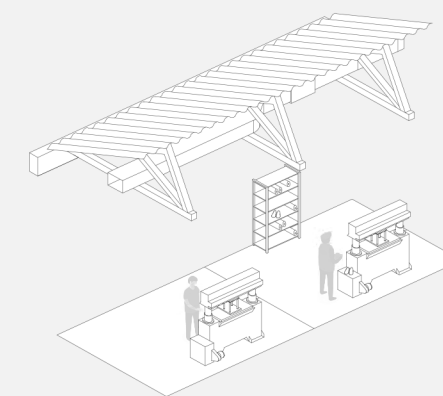
ATELIER/ INCUBADORA
2 Módulos _ 50 m²
406 ateliers



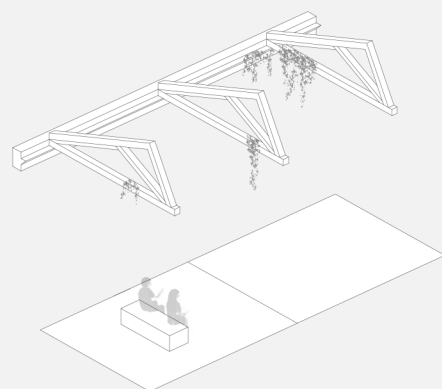
CINEMA
8 Módulos _ 200 m²
100 cinemas



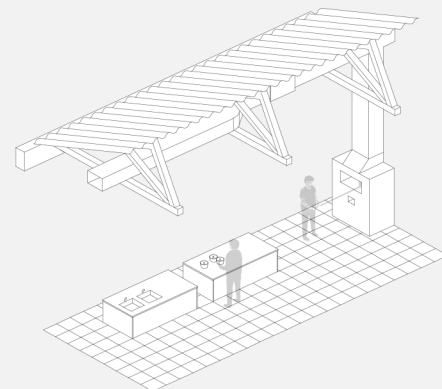
MUSEU (DO CALÇADO)
60 Módulos _ 1 500 m²
13 museus



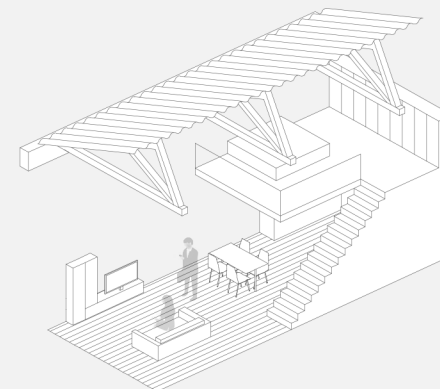
FÁBRICA (DE CALÇADO)
80 Módulos _ 2 000 m²
10 fábricas



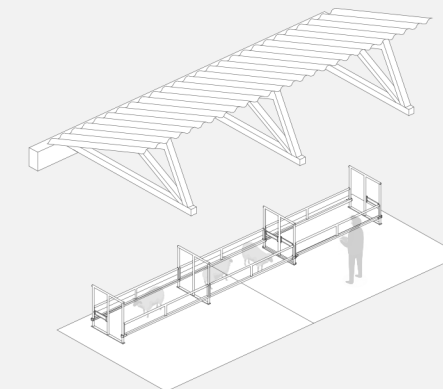
ESPAÇO EXTERIOR
813 Módulos _ 20 325 m²



CONFECÇÃO PÃO DE LÓ
8 Módulos _ 200 m²
100 confeções



HABITAÇÃO
2 Módulos _ 50 m²
406 habitações T1 (aprox. 812 pessoas)



CURRAL (PRÉ-EXISTÊNCIA)
2 Módulos _ 8 animais
3 252 animais



Figura LIX *Futuro como memória*

VIII.III.
UM FUTURO
COMO MEMÓRIA

*"Arquiteturas e espaços não devem ser fixados por uma ideia de conservação intransigente, mas sim manter a sua dinâmica."*¹¹⁹

Esta ideia torna-se bastante pertinente quando falamos de intervenções em edifícios pré-existentes, que constituem o património da arquitetura em geral. A aceitação do estado de ruína e a sua consequente deterioração foram algumas das ideias mais defendidas por alguns historiadores ao longo do último século.

Restauro, conservação, manutenção, todas as ações relacionadas com ações sobre o património, seja este histórico ou não, dispõem de um carácter interventivo, onde algo deve e precisa de feito em relação ao que é encarado como um problema. No entanto, por vezes a ação pode assumir-se como uma "não ação", com a atitude de que nada deve ser feito em relação ao estado atual dos edifícios, permitindo que estes se transformem por si próprios face às intempéries e ao seu próprio envelhecimento.

No caso em estudo este rumo será, muito provavelmente, uma realidade, não como tomada de atitude, mas como inevitabilidade fruto da inação por parte dos responsáveis pelo local.

Explorar esta opção revelou-se interessante (sendo a última ação para o espaço, desenvolvida na investigação), numa intenção de simplesmente aceitar a realidade, a deterioração do edifício e o seu envelhecer natural, sem nenhuma influência no processo, servindo a ruína como cenário das diversas ações espontâneas do quotidiano. Desta forma assumimos a decomposição presente no processo de abandono como processo fruto das ações do tempo, que garante as características ao construído.

Trata-se do exemplo claro de imaginar um futuro com os olhos sobre o passado. Não o passado histórico e funcional do construído, assumindo que teríamos novamente uma produção têxtil capaz de mover grande parte da população da envolvente, não o passado do concelho recordando o imaginário rural e artesanal e esquecendo todos os desenvolvimentos da modernidade, mas sim um voltar ao passado num processo de destruição do construído até ao seu ponto de partida. Uma espécie de processo construtivo inverso, pois da mesma forma que a sua construção se fez pedra por pedra, num processo moroso e efetuado com o passar dos anos, do mesmo modo este cairá na ruína.

Esta atitude de agir, não realizando nenhuma ação, acaba por servir de reflexão final sobre a própria prática da arquitetura e o pensamento sobre as cidades. Por mais que por vezes sejam exploradas várias possibilidades (como aqui foram realizadas as várias ações), em algumas situações é necessário não agir, permitindo que o construído se assuma autonomamente, num processo livre que caracteriza a formação da história das cidades.

Neste sentido, o futuro torna-se um reflexo do que foi o passado, e permanece a memória da ruína como camada significativa no palimpsesto que garante a identidade do lugar.

¹¹⁹ CHOAY, Françoise. (1999). Alegoria do Património, tradução Teresa Castro. p.16. Lisboa. Edições 70.

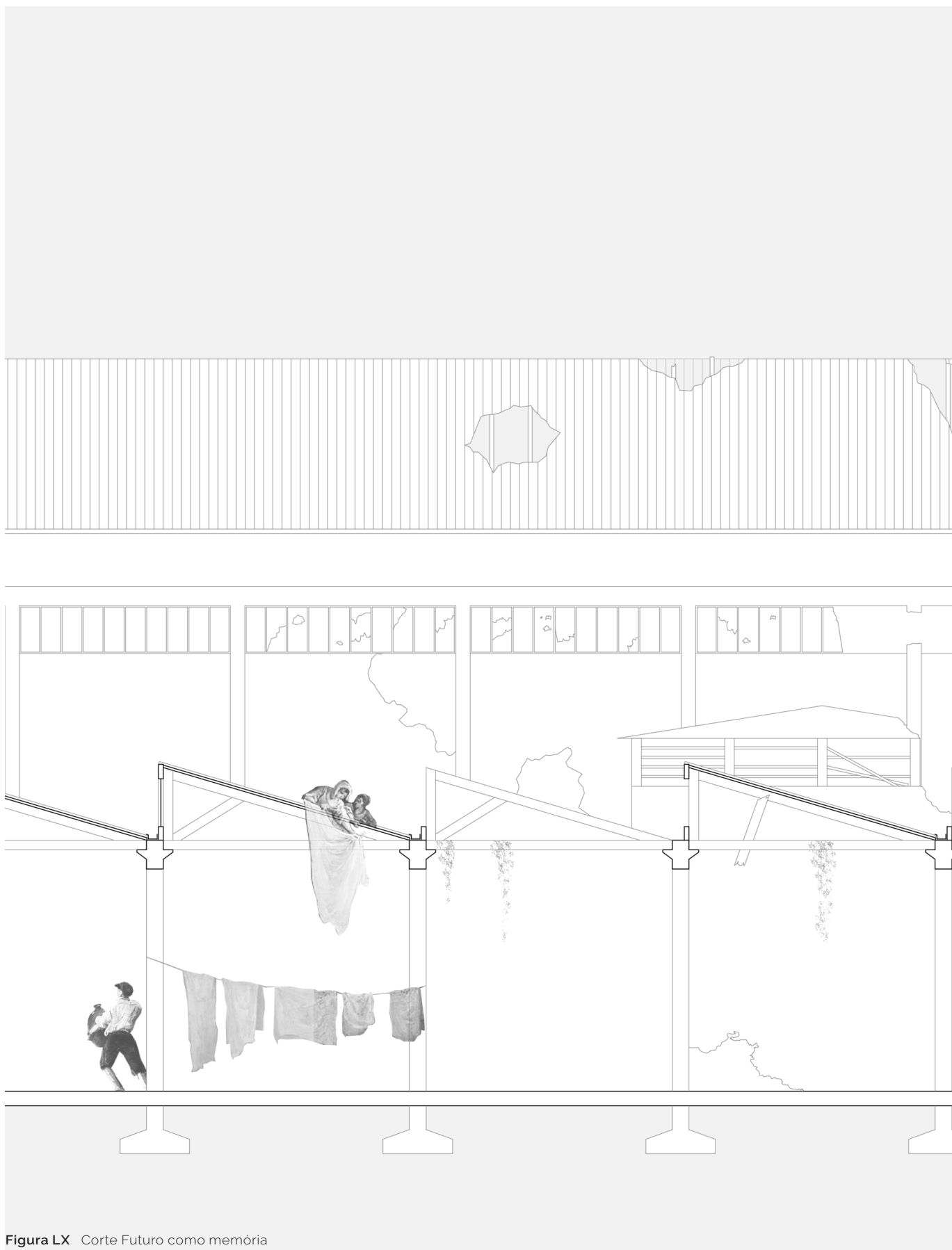


Figura LX Corte Futuro como memória



Reflexões

REFLEXÕES_ Análise dos objetivos iniciais e o seu desenvolvimento ao longo da investigação, assim como a metodologia utilizada e os resultados obtidos.

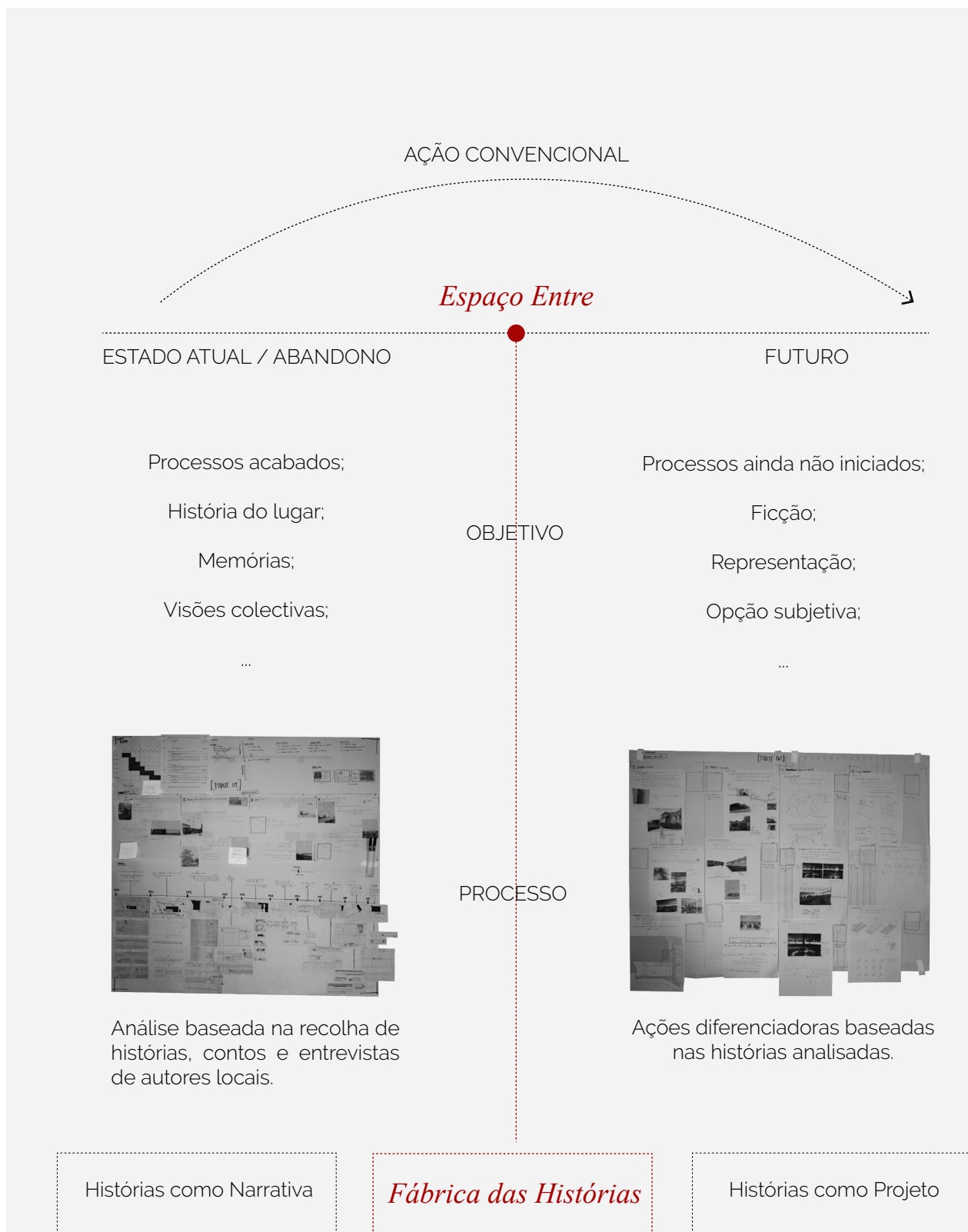


Figura LXI Esquema do objetivo e processo do projeto da Fábrica das Histórias

Uma das questões fundamentais compreendidas no desenvolvimento da investigação, foi a percepção da existência de diversas formas de abordar, quer desde a pesquisa quer desde a intervenção, o processo de abandono. Esta diversidade revelou uma maior dificuldade em relação à sua resolução, assim como a necessidade de procurar novas formas de aproximação que abram outras hipóteses para estes espaços que conformam a cidade contemporânea.

A presente investigação surge assim como um contributo para este diversificado processo de documentação que garante o levantamento e registo do património industrial, na procura, não de soluções, mas de alternativas de análise e de um reconhecimento de novos valores culturais associados a novas formas de usos e apropriações contemporâneas. Os esforços académicos, e não só, levados a cabo nos últimos anos, permitem que sejam explorados novos olhares sobre este tipo de espaços, possibilitando consequentemente as mais diversas alternativas de atuação, na tentativa de integrar o processo de abandono numa transformação da própria cidade.

Dentro deste processo estão também as diversas políticas de salvaguarda do património e processos de reconversão e preservação intensificados nas ultimas décadas por parte dos mais diversos responsáveis, com o principal objetivo a incidir sobre conservação, manutenção e intervenção no vazio. No entanto, muitas vezes a necessidade de preencher o vazio, mais do que uma resposta acaba por ser tornar no próprio problema.

Cada vez mais o aproximar ao abandono está relacionado com a introdução de determinado programa, com a museificação do espaço, sendo esta uma resposta que pretende ligar o seu passado ao uso futuro através do construído. No entanto, nesta forma de atuação, são esquecidas todas as potencialidades que este "entretanto" possibilita, sendo na procura de uma alternativa que ponha em causa a forma de entender a aproximação ao abandono que se fundamenta a investigação.

Contudo esta abordagem levou a um determinado desconforto ao longo de todo o processo. O "entretanto" acaba por ser um tempo incerto, no meio da história do lugar e da ficção. No meio de processos acabados e alguns ainda nem iniciados. No meio de uma visão coletiva e uma opção subjetiva. Entre a representação de momentos e os espaços. Entre o real e o imaginado. Um "espaço entre" que apesar de dispor de várias possibilidades de futuro, se revela condicionado pelo seu passado, sendo este o desafio de toda a proposta, o projetar entre tempos.

Na Fábrica das Histórias, mais do que a memória de um antigo conjunto industrial ativamente produtivo, encontram-se memórias da cidade. De um imaginário rural que permanece atualmente. De um comboio ameaçado pela Primeira Guerra Mundial que serviu de impulsionador para o desenvolvimento inesperado de fábricas como a Belcor. Ou ainda de um setor que após uma inimaginável expansão internacional pela Guerra das Estrelas se encontra hoje num período de sobrevivência perante uma nova guerra contra o abandono. É a procura de memórias passadas, reflexões presentes e visões futuras numa estratégia que também ela se encontra entre a interpretação teórica e a aplicação prática, como podemos observar pelo próprio decorrer da investigação.

Inicialmente a ideia seria fazer a reconversão de um edifício em abandono de um modo convencional. No entanto, a partir do momento que surgiu o processo de análise e interpretação do

existente, foi evidente que a forma como era abordado o assunto se distinguia do modelo habitual. Este processo consistiu na recolha de fragmentos/ memórias do existente e da sua envolvente, na tentativa de contar a história cronológica do local. Foram vários os recursos utilizados, contos, histórias reais, entrevistas, escritos de autores anónimos, na tentativa de obter um maior número, e variado, de informação.

Após este recompilar de memórias, a aplicação de um determinado programa revelou-se contraditória, acabando o projeto por se basear na realização de ações relacionadas com as histórias anteriores. E se por vezes a ação se centra no detalhe construtivo de determinado elemento arquitetónico, por outro surge uma reflexão ficcionada da visão geral do concelho visto através da "abertura de janelas" da fábrica. É nesta ambiguidade de respostas que se desenvolve todo o processo, que procura, mais do que uma resposta ao problema, a abertura de possibilidades.

A análise destes fragmentos e estas particularidades, e a sua posterior projeção numa variedade de respostas alternativas apenas foi possível, devido a uma aproximação ao processo de abandono no "espaço entre", e não só a uma análise do existente para uma posterior aplicação de um programa. É este processo intermédio é o ponto chave de toda a investigação, em que é definida a ligação entre as histórias contadas (Parte I), e a sua posterior especulação através de ações (Parte II), sendo este, "entretanto" uma oportunidade de relacionar as memórias de um passado e um futuro que ainda não existe.

Assim, o resultado pode assumir-se, não como um projeto convencional, mas uma simples atitude ou reflexão face ao problema existente, o que acaba por alterar toda a problemática e intenções iniciais, sobre as quais recorreria toda a investigação, tornando-se assim este o maior desenvolvimento sentido ao longo da investigação, não só a nível de perceção pessoal como de conteúdo.

Apesar de uma análise diferenciadora, diretamente relacionada com as histórias da cidade e da população, o edifício sempre esteve presente como personagem principal. Nesse sentido, foi perceptível que a fábrica Belcor se assume como um conjunto industrial de considerável valor patrimonial, com uma localização privilegiada, tratando-se de uma zona de transição entre o rural e o urbano, entre a cidade e os seus acessos, servindo assim (ou possuindo essa hipótese) como charneira de ligação entre a cidade e o seu exterior. Acrescenta ainda o potencial dos seus espaços, pois como vimos anteriormente, estes encontram-se num bom estado de conservação, possuindo diferentes escalas e carácteres que se poderão habilitar às mais diversas possibilidades.

Mais do que conservar o físico e construído, trata-se de, procurar na possibilidade do "entre espaço" existente no processo de abandono, alternativas de interpretação do atual assim como de atuação sobre o futuro, evitando assim que, ao contrário do resultado das diversas aplicações de programas generalizadas, permaneçam em eventuais ações futuras as memórias da fábrica e da sua envolvente.

Nota:

Simultaneamente com a investigação, surgiu a oportunidade de participar no workshop "NoVoid, a partir do abandono: 5 locais em Guimarães e Vizela" organizado pelo projeto "NoVoid, Ruínas e terrenos vagos nas cidades portuguesas", que decorreu na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho de 28 de fevereiro a 3 de março de 2018.

No mesmo foi possível refletir, com base em casos de estudo, sobre os principais problemas gerados pelos *terrain vague* nas cidades portuguesas, propondo diferentes alternativas e estratégias de atuação para a sua "resolução".

Esta participação revelou-se fundamental, numa fase intermédia do processo de pesquisa, no entendimento do que é realmente necessário para este tipo de espaços. Mais do que a aplicação imediata de determinado programa de forma desmedida, que nada contribui para a sua análise e entendimento (que seria a ideia inicial da investigação), estes locais necessitam de uma análise cuidada e consciente das suas potencialidades, na procura da resposta que melhor se adequa às suas necessidades, mesmo que estas não correspondam às práticas convencionais.

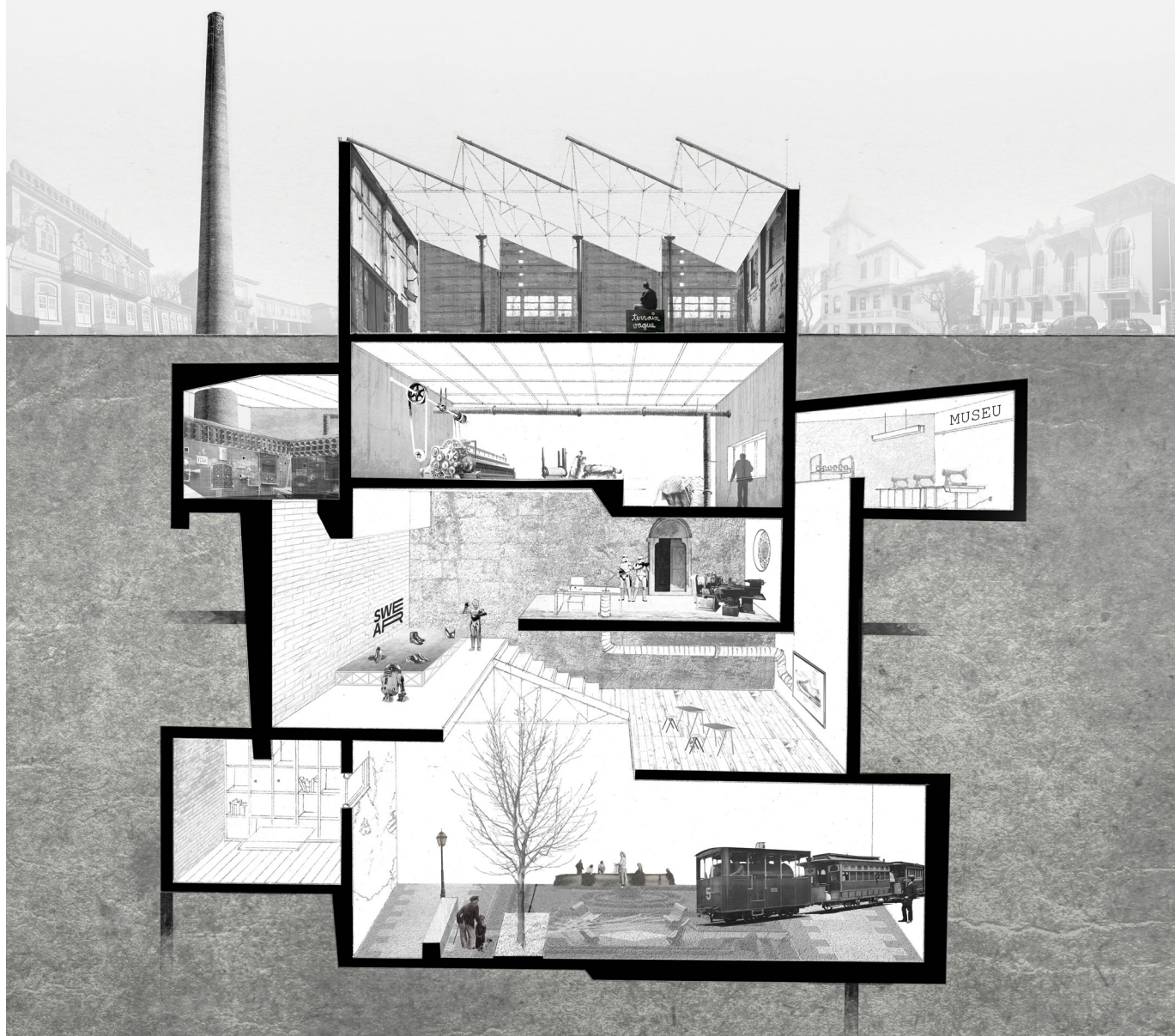
O objetivo é que nós, não só arquitetos como cidadãos, possamos fazer com que qualquer edifício devoluto ou espaço vazio possa ser ele mesmo a fábrica das histórias, no sentido de permitir que estes não se tornem espaços esquecidos da cidade, mas sim fazendo parte da mesma.

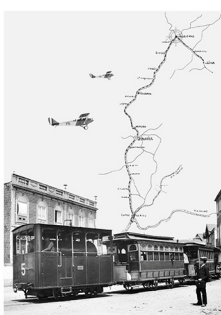
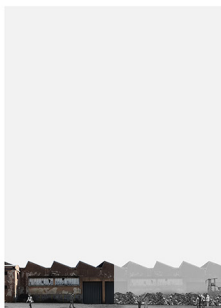
Atlas de Imagens

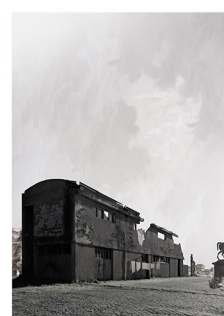
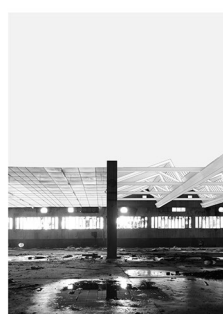
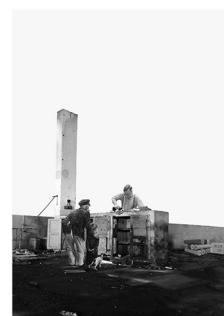
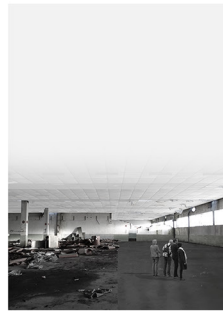
ATLAS DE IMAGENS_ Elemento gráfico, sintetizador de todo o trabalho desenvolvido, que pretende servir como auxílio à reflexão.

"Um edifício nunca é só um edifício, e a sua história não se pode centrar numa só personagem. Sob a camada do construído (servindo a ideia de camada como representação da quantidade de informação histórica (cronológica ou temporal), física e social, encontram-se muitas outras que podem, e sobretudo devem servir de ferramentas base para a prática da arquitetura."

Na presente investigação, página 9.



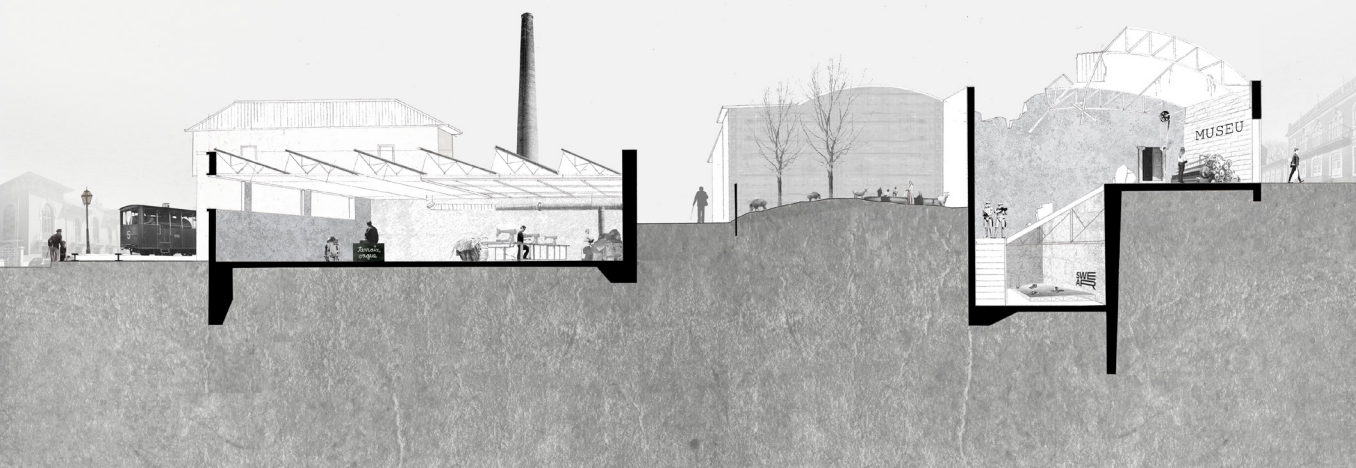




" Deste modo, a fábrica será o reflexo das histórias do território, da população e dela própria, não procurando resultados concretos, mas sim sugestões que abram horizontes e permitam reconhecer e refletir sobre os problemas da sua envolvente.

(...) Assim, as histórias que se encontravam nas diversas camadas escondidas no interior da fábrica, e que nos auxiliaram na construção de uma narrativa cronológica relativamente ao concelho de Felgueiras, a sua população e o aparecimento (e consequente abandono) da Belcor, surgem agora à superfície como ações que procuram de diferentes formas materializar-se, mesmo que de um modo hipotético."

Na presente investigação, página 100.



Capítulo I. CITAÇÃO

I.I. A Rota até Terrain Vague (Figura III)

"Porque escolhia Pessoa este lugar sórdido para os seus passeios amorosos? Tabucchi responde: Pessoa era um homem que compreendia as emoções mais fortes através da hediondez. (...)"

Josep Ramoneda citado na presente investigação, página 17.



Metropolis (City of My Birth)
Paul Citroen, 1923.



Terrain Vague
Ben Vautier, 1961/70,



Fernando Pessoa

Capítulo V. (CIT)AÇÕES INTRODUTÓRIAS

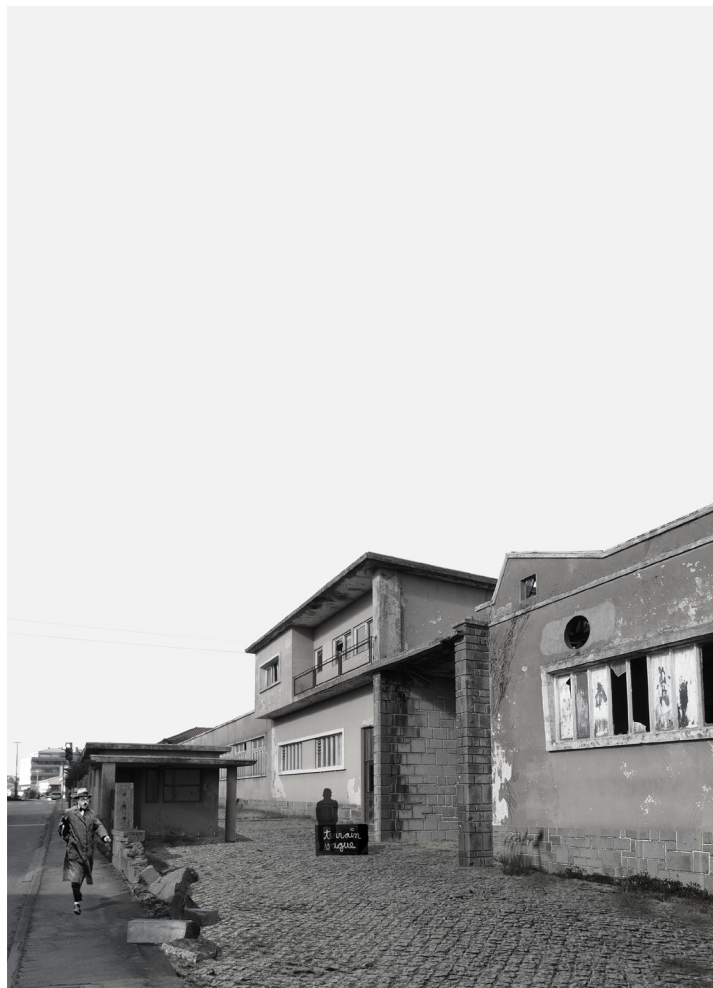
VI. No Terrain Vague (Figura XXXIV)

“É necessário introduzir no percurso diário dos cidadãos a rota até terrain vague para que experienciem os sítios onde podem ver tudo, com a cidade como fundo. (...) Nesse sentido, é necessário quebrar estas barreiras, incitar as pessoas a entrar, e só assim existirá a possibilidade de despertar um espaço que há muito se encontra em suspenso.”

Na presente investigação, páginas 109.



Fábrica Belcor

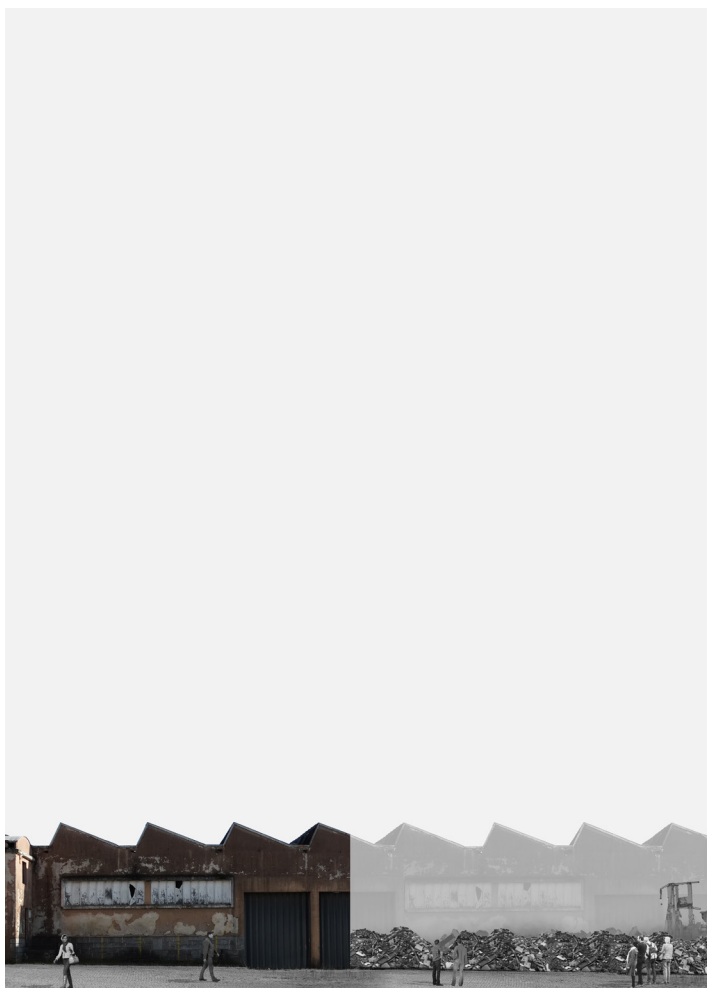


Capítulo I. CITAÇÃO

I.II. As cidades (in)visíveis (Figura V)

"Há três hipóteses a respeito dos habitantes de Bauci: que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contato; que a amam da forma que era antes de existirem e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência."

Italo Calvino citado na presente investigação, página 23.



Fábrica Belcor, Felgueiras.

Capítulo V. (CIT)AÇÕES INTRODUTÓRIAS

V.II. A ruína visível (Figura XXXVI)

"Tal como no primeiro capítulo, existe também uma dualidade de ações por parte dos proprietários dos locais. Ou reconstruir, alterando a composição e morfologia dos espaços, ou destruir. A intenção é criar aqui uma outra alternativa, que permita dar visibilidade a estes espaços quando se encontram à espera de uma oportunidade (...)"

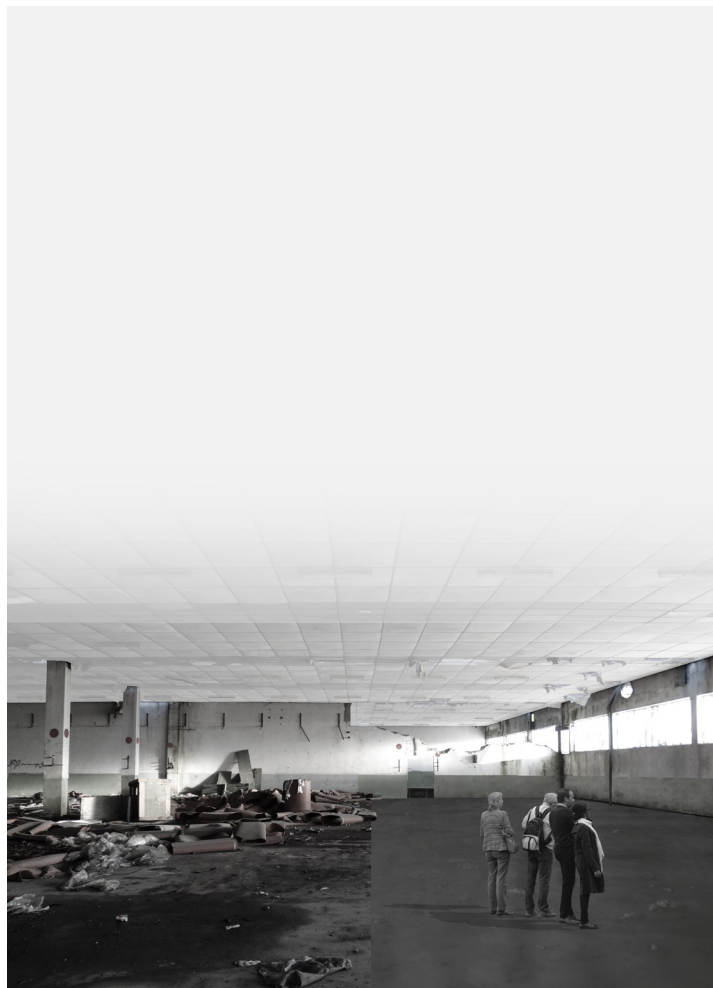
Na presente investigação, página 113.



População



Fábrica Belcor



Capítulo I. CITAÇÃO

I.III. Identidade de palimpsesto (Figura VI)

"(...) a imagem de si mesmo parte-se numa coleção de instantâneos... Em vez de construir a sua identidade, gradual e pacientemente, como se constrói uma casa – mediante a adição de tetos, soalhos, quartos ou corredores – uma série de "novos começos", que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas, mas facilmente demolidas, pintadas umas sobre as outras: uma identidade de palimpsesto.

Zygmunt Bauman citado na presente investigação, página 29.



Mosteiro de Pombeiro ,
Felgueiras



Pão de Ló de Margaride,
Felgueiras



Coreto no Largo Manuel
Baltazar, Felgueiras



Casa das Artes de Felgueiras

Capítulo V. (CIT)AÇÕES INTRODUTÓRIAS

V.III. A escrita do palimpsesto (Figura XXXVIII)

"Estas ações, assumem-se como uma nova camada, que se vem agrupar a todas as outras anteriormente existentes, da mesma forma que outras se agruparão no futuro, num acumular de histórias que mais do que sobrepostas deverão seguir uma continuidade, de forma a garantir a construção de (mais do que uma identidade) uma unidade urbana."

Na presente investigação, página 117.



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Capítulo II. BIOGRAFIA

II.I. Sandokan e o imaginário rural (Figura VII)

"O monte anexo aos terrenos cultivados era um verdadeiro tesouro orográfico, pleno de uma flora diversificada, composta, não só pelos corriqueiros pinheiros bravos e eucaliptos, mas também por raros sobreiros e vetustos carvalhos onde íamos capturar com alegria sonora (...) Outras vezes o monte transformava-se, graças à força criadora da imaginação infantil (...)"

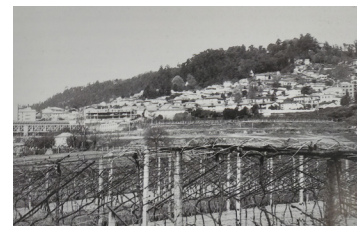
José António Silva citado na presente investigação, página 37.



Sandokan
Série de televisão, 1976.



Monta de Santa Quitéria (1º Plano Quinta do Curral),
Felgueiras, sem data.



Monta de Santa Quitéria
(1º Plano Quinta do Curral),
Felgueiras, atualidade.

Capítulo VI. MARCAS DE UMA BIOGRAFIA

VI.1. A permanência do imaginário rural (Figura XLI)

"Felgueiras ainda se assume como um meio predominantemente rural (...). Como reflexo desta realidade, esta questão traduz-se também no interior da fábrica (...). Desde ovelhas, cavalos, javalis ou cães de caça são várias as espécies que ali se encontram (...)"

Na presente investigação, página 123.

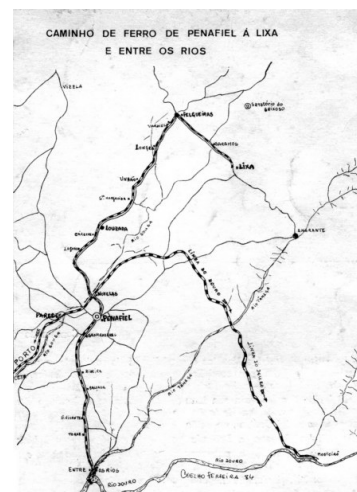


Capítulo II. BIOGRAFIA

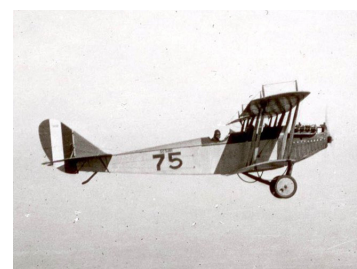
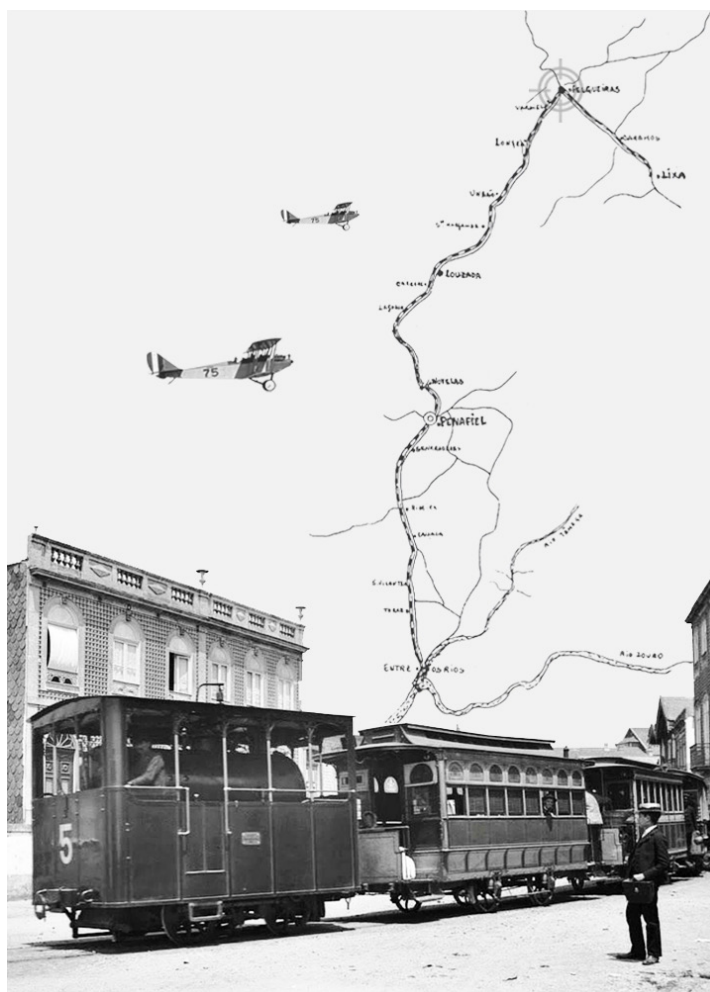
II.II. Felgueiras, um comboio e a 1ª Guerra Mundial (Figura X)

"Em Junho de 1914 o comboio chegava a Felgueiras e realizava-se a sua inauguração (...) chegava a máquina "Felgueiras" que era mais potente que as que possuía a Companhia e tinha um "silvo diferente e mais suave ao ouvido" (...)."

José Fernando Coelho Ferreira citado na presente investigação, página 43.



Mapa do Caminho de Ferro José Coelho Ferreira, 1984.



Curtiss-JN 4
Aeronave militar dos EUA
na 1ª Guerra Mundial



Passagem do comboio,
Felgueiras, sem data.

Capítulo VI. MARCAS DE UMA BIOGRAFIA

VI.II. A passagem do comboio (Figura XLIII)

"A ação prende-se então, na tentativa de relembrar uma memória coletiva da população ao criar uma marca que faz parte da sua própria história. Esta marca, com a fábrica como cenário, permite-nos (...) relembrar não só o passado e a história do comboio que atravessou o concelho como a influência que este teve no crescimento do mesmo com o aparecimento de indústrias como a Belcor junto ao seu anterior percurso. (...)"

Na presente investigação, página 127.



Fábrica Belcor



Capítulo II. BIOGRAFIA

II.III. A inesperada (r)evolução (Figura XV)

"Arnaldo passados muitos anos, tinha já noventa e tal de idade, de visita ao concelho, faz questão de procurar o tanque da Corredoura, desaparecido no tempo (...).

-Ó avô, o que vejo é apenas um prédio à minha frente, diga lá onde está esse tanque."

José Carlos Magalhães Pereira citado na presente investigação, página 51.



Looking out to sea
Norman Rockwell, 1919.



Largo da República
Felgueiras, c. 1915.



Praça da República
Felgueiras, 2018.

Capítulo VI. MARCAS DE UMA BIOGRAFIA

VI.III. Vestígios da (r)evolução (Figura XLV)

"Depois do desaparecimento do comboio, surgiu um período significativo em termos de desenvolvimento para a cidade (...). É neste intervalo que fábricas como a Belcor assumem o seu pico de produção (...). A ação prende-se assim na tentativa de recolher as marcas que se associam às diferentes fases produtivas, e através do seu entendimento criar um imaginário do que seria o quotidiano neste complexo industrial (...)"

Na presente investigação, página 131.



Fábrica Belcor



Capítulo III. CENÁRIO

III.I. Com os pés na Guerra das Estrelas (Figura XVIII)

"Calçaram as Spice Girls, Robbie Williams, Radiohead, Marilyn Manson e os REM e mais recentemente as personagens do último episódio da Guerra das Estrelas. Mas mais importante do que estes tiros de marketing é a estratégia original seguida pelos fundadores da Calzeus e a comunidade de fãs à escala planetária que cultivam diariamente na Web."

Jorge Nascimento Rodrigues citado na presente investigação, página 61.



Personagens filme "Star Wars".



SWEAR

Logótipo SWEAR Shoes
Marca de calçado de Felgueiras.



Vintage shoe shop cartoon.

Capítulo VII. O CENÁRIO COMO REFLEXÃO

VII.1. Uma nova guerra (Figura XLVIII)

"Encontramo-nos hoje numa nova guerra, longe da expansão internacional pela Guerra das Estrelas que preenchia de esperança marcas competidoras da região. Hoje trata-se de um conflito onde cada um se sobrepõe ao outro na tentativa de se realçar (...) pretende-se com esta ação que esta nova guerra tenha uma só face, constituída pelo conjunto de todas as empresas do concelho (...)"

Na presente investigação, página 137.



Logótipos das principais indústrias de calçado do concelho.



Fábrica Belcor

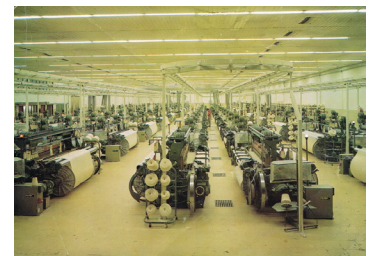


Capítulo III. CENÁRIO

III.II. A paragem dos motores (Figura XXI)

"Comecei em 1959, com os meus 27 anos (...) e trabalhei lá 35 anos (...) Aquilo tinha muito movimento, devia ter à volta de 700 trabalhadores (...) Quando encerrou ficou muita gente desempregada. Foram dadas indemnizações, a mim deram-me duzentos ou trezentos contos (...) foi uma vida dedicada aquela fábrica. Agora, está assim!"

Sr. Amadeu (antigo trabalhador) citado na presente investigação, página 67.



Fábrica Belcor
Em funcionamento, sem data.



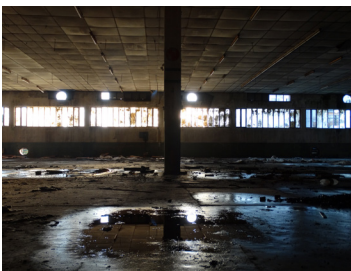
Fábrica Belcor
Estado atual , 2018.

Capítulo VII. O CENÁRIO COMO REFLEXÃO

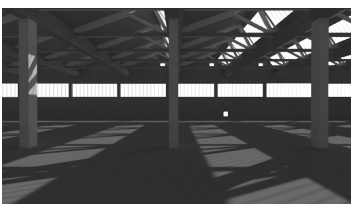
VII.II. A estrutura como motor (Figura L)

" (...) a cidade de Felgueiras caracteriza-se hoje pela presença de inúmeros vazios urbanos (...) no entanto, é possível (...) procurar em alternativa à sua recuperação absoluta, a ruína como espaço de valorização e contemplação que possui características potenciadoras de oportunidades."

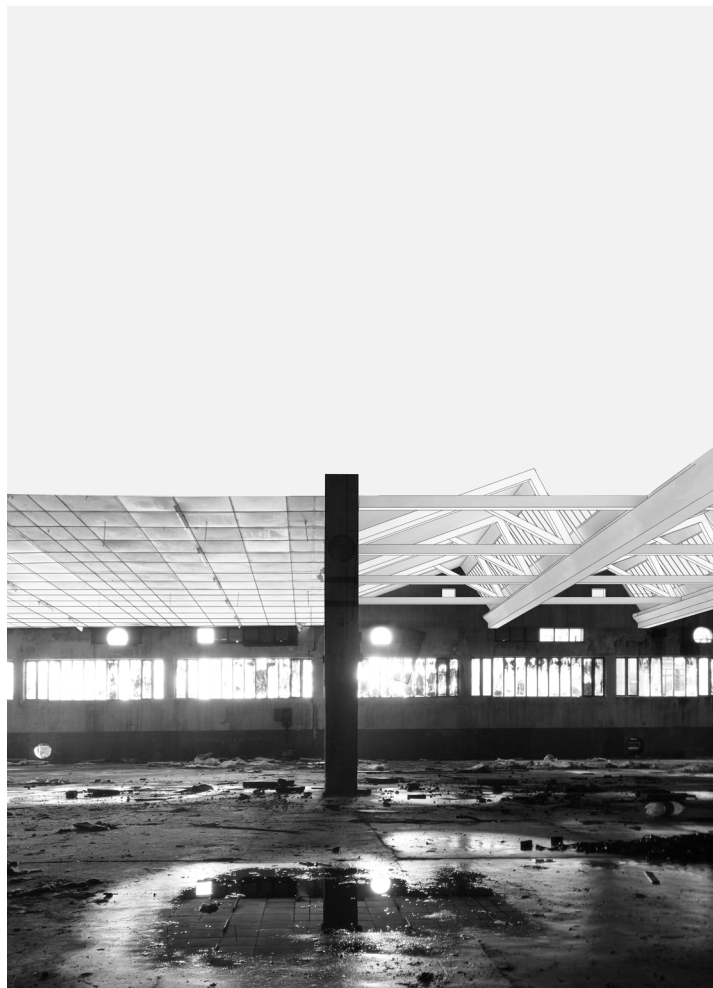
Na presente investigação, página 141.



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Render de estudo da cobertura existente.



Capítulo III. CENÁRIO

III.III. Uma cidade amórfica (Figura XXIII)

"No espaço de uma década, a cidade de Felgueiras assistiu ao desvanecer de um futuro auspicioso, em todos os quadrantes da vida social. A nossa cidade não progrediu, não estagnou, mas sim, retrocedeu. A saúde financeira e a vida social de outrora já não existem. Neste momento, a cidade não possui locais de interesse ou actividades que devolvam aos seus munícipes o orgulho em ser felgueirense."

Rui Oliveira citado na presente investigação, página 73.



A Rota até Terrain Vague
(Figura III)



Praça Dr. Machado de Matos
Felgueiras.

Capítulo VII. O CENÁRIO COMO REFLEXÃO

VII.III. Panorama amórfico (Figura LIII)

"(...) o terrain vague assume-se como o local onde o homem moderno pode olhar para si mesmo, tendo a cidade como fundo (...) Posto isso, a ação centra-se em "abrir janelas", tornando a partir do interior visível todo o exterior, permitindo assim que, de um modo hipotético, o cidadão possa refletir sobre si mesmo e sobre a envolvente onde se insere (...)"

Na presente investigação, página 145.



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Capítulo IV. FICÇÃO

IV.I. Campanha (proj)atual (Figura XXVI)

"A reabilitação urbana é uma opção indiscutível e assume-se atualmente como uma das componentes indispensáveis para a qualificação ambiental, urbana e socioeconómica destas áreas urbanas degradadas ou desqualificadas. (...) Deste modo a delimitação de uma ARU (área de reabilitação urbana) poderá constituir um ponto de partida para o desenvolvimento e afirmação da cidade de Felgueiras e do território concelhio."

Câmara Municipal de Felgueiras citada na presente investigação, página 81.



Zona Industrial do Pinhal da Rebela
Felgueiras.

Capítulo VIII. A FICÇÃO PROJETADA

VIII.I. Proj(ação) autárquica (Figura LV)

"Como foi possível observar (...) não existiria a possibilidade de incorporar uma ideia necessária ao desenvolvimento da cidade, mas que neste momento se encontra estagnada, a um outro problema existente de um edifício em constante degradação, resolvendo assim dois problemas urbanísticos da cidade?"

Na presente investigação, página 151.



Logótipo Academia de Design e Calçado.

Projeto empreendedor em Felgueiras (deslocalizado) e S. João da Madeira.



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Capítulo IV. FICÇÃO

IV.II. Visões da população (Figura XXIX)

"Na fábrica imagino algo ligado à indústria do calçado, que é um dos grandes meios de sustentabilidade do concelho. Imagino algo como um museu do calçado ou uma área comercial ligada a essa mesma indústria."

Entrevista à população citada na presente investigação, página 87.



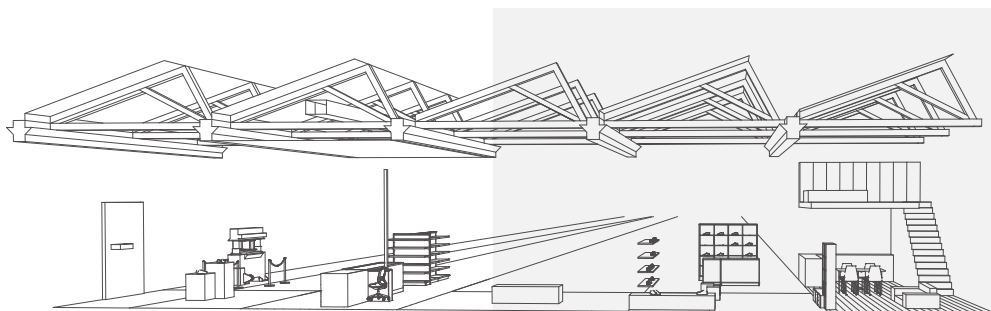
Fábrica Belcor, Felgueiras.

Capítulo VIII. A FICÇÃO PROJETADA

VIII.II. Propostas da população (Figura LVII)

"Deste modo, a intenção foi a partir da estrutura existente, analisar de que forma as diversas sugestões por parte da população se adequariam à mesma, sendo a escala um dos fatores fundamentais. (...) Deste modo, é possível consciencializar a população à cerca de todas as possibilidades na procura de um melhor futuro, quer para o construído como para a cidade."

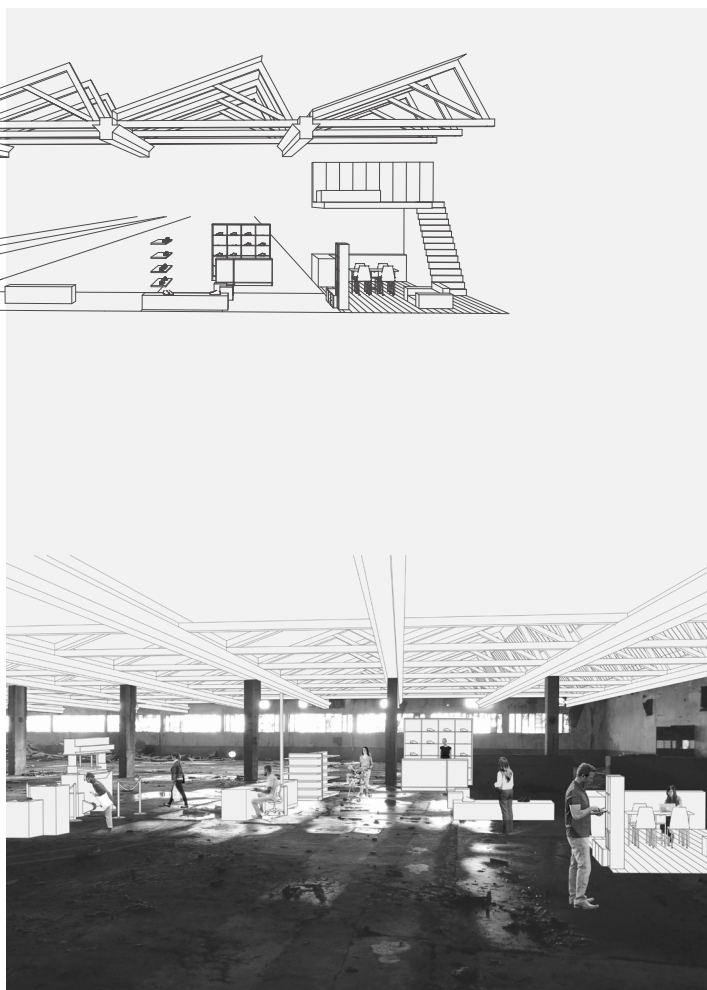
Na presente investigação, página 155.



Desenho das propostas



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Capítulo IV. FICÇÃO

IV.III. Um futuro com os olhos no passado (Figura XXX)

"Mas eu reputo de importante que, para prospetarmos o futuro da Cidade, devemos estudar cuidadosamente o seu processo de crescimento no passado, quanto mais não seja para não andarmos às cegas e a correr o risco de, por desconhecimento, introduzirmos fatores de rotura num processo de evolução que, para ser correto, tem de ter linhas de continuidade."

Arq. Joaquim Jordão citado na presente investigação, página 91.



Felgueiras
Vista geral, sem data.



Felgueiras
Vista geral, 2018.



Le pont sur le torrent
Hubert Robert, c. 1780.

Capítulo VIII. A FICÇÃO PROJETADA

VIII.III. Um futuro como memória (Figura LIX)

"(...) por vezes a ação pode assumir-se como uma "não ação", com a atitude de que nada deve ser feito em relação ao estado atual dos edifícios, permitindo que estes se transformem por si próprios face às intempéries e ao seu próprio envelhecimento (...) Neste sentido, o futuro é um reflexo do que foi o passado e permanece a memória da ruína como camada importante no palimpsesto que garante a identidade do lugar."

Na presente investigação, página 159.



Antique Capriccio with the
Statue of Marcus Aurelius.
Hubert Robert. 1784.



Fábrica Belcor, Felgueiras.



Bibliografia

Livros

BARRON, Patrick; **MARIANI**, Manuela (co-editor). (2013). *Terrain vague. Interstices at the edge of the pale*. Londres.

BAUDRILLARD, Jean e **NOUVEL**, Jean. (2000). *The Singular Objects of Architecture*. Minnesota. Calmann-Lévy.

BRONSTEIN, Laís. (2012). *Crise do urbanismo contextualista. Pós, V.19, Nº32*. São Paulo. Brasil.

CALVINO, Italo. (2002). *As Cidades Invisíveis*; Lisboa: Teorema [12º Ed.]. Trad. José Colaço Barreiros.

DOMINGUES, Álvaro. (2002) *Património Industrial e Requalificação Urbana: actas do Colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de Espaços Industriais"*. Porto.

EDENSOR, Tim. (2005). *Industrial Ruins. Space, Aesthetics and Materiality*. Bloomsbury Publishing PLC.

EDENSOR, Tim. (2005). The Ghosts of Industrial Ruins: Ordering and Disordering Memory in Excessive Space. in *Environment and Planning D Society and Space*.

FERNANDES, M. Antonino. (1989). *Felgueiras de ontem e de hoje*. Felgueiras: Edição da Câmara Municipal de Felgueiras.

FERREIRA, José Fernando Coelho. (1993). *O Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios*. Penafiel. 2ª Edição.

FIGUEIRA, Jorge, **MILHEIRO**, Ana Vaz (2005) *O fim da fábrica, o início da ruína, Arquitetura da Indústria, 1925-1965*; Fundação DOCOMOMO ibérico.

CHOAY, Françoise. (1999). *Alegoria do Património*, tradução Teresa Castro. Lisboa. Edições 70.

LYNCH, Kevin. (1981). *A boa forma da cidade*. Lisboa. Edições 70.

MENDES, José. **AMARO**, António. **RODRIGUES**, Manuel. (2001). *A indústria transformadora na região norte: efeitos da integração europeia, 1986-1995*.

MOREIRA, Inês (coordenação editorial). (2017). *CDMG, Território e Comunidade: da Fábrica Pátria à Casa da Memória de Guimarães*. Guimarães: A oficina.

MOREIRA, Inês. (coordenação editorial). (2012). *Edifícios e Vestígios/Buildings and Remnants*. Guimarães.

PACHECO, Elsa. **ALVES**, Jorge Fernandes. **SOARES**, Laura. (2015). *Indústria de Felgueiras: história e configurações*.

PALLASMAA, Juhani. (2005). *The eyes of the skin. Architecture and the senses*. Grã-Bretanha. Edição Wiley-Academy.

PEREIRA, Santos. (1965). *Terras da Nossa Terra*. Porto

PINTO, Armando. (1997). *Memorial Histórico de Rande e Alfozes de Felgueiras*. Edição Seminário de Felgueiras.

PORTAS, Nuno. (2005). *Os Tempos das Formas. Vol. I: a Cidade Feita e Refeita*. Universidade do Minho.

SILVA, José António. (2000). *Felgueiras. Rostos do Tempo. Subsídios para a história urbana e curiosidades do concelho de Felgueiras*. Felgueiras. Edição Câmara Municipal de Felgueiras.

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002). *Territórios*. Barcelona. Editorial Gustavo Gili

SOLÁ-MORALES, Ignasi. (1994). *Colonization, Violence, Resistance*. Em: **DAVIDSON**, Cynthia. Anyway. MIT. Cambridge. Estados Unidos.

SOLÁ-MORALES, Manuel. (2008). *De cosas urbanas*. Barcelona. Editorial Gustavo Gili.

TAVARES, Pedro. (2015). *Felgueiras: 500 anos de concelho. (dados e perspectivas)*. Felgueiras. Edição Câmara Municipal de Felgueiras.

Artigos/ Teses

ALMEIDA, Beatriz. (2016). *Ruínas industriais nos centros urbanos*. Dissertação em Mestrado Integrado em Arquitetura. FAUP. Porto. Portugal.

ALMEIDA, Sebastião e **SALDANHA**, Márcia. (2014). Ruína como resistência. Um lugar estranho num promontório de desejos. *ARQA Ruínas Habitadas*, 112. Lisboa.

BAUMAN, Zygmunt. (1998). *Globalization: The human consequences*. Columbia University Press (apud Lua Nova. Revista de Cultura e Política. (1999). N.º47. Equidade Cosmopolita).

Câmara Municipal de Felgueiras (1945). Anteplano de urbanização.

CARVALHO, Ana (2015) *Património Industrial em Portugal: Os Desafios em 2015*. Boletim ICOM Portugal, Série III (4). Lisboa. Edição da Comissão Nacional Portuguesa do Concelho Internacional de Museus.

CARVALHO, Armando. *Casas Brasonadas e Produtos Agrícolas Genuínos de Felgueiras*. Trabalho de conclusão de pós-graduação em Turismo, Ordenamento e Gestão do Território. 2006

CARVALHO, Manuel. *A história de uma indústria condenada que se tornou um modelo para Portugal*. Jornal Público (20 de Outubro de 2013).. Lisboa

DAVIDSON, Cynthia. *Anyway*. MIT. Cambridge. Estados Unidos.

DOMINGUES, Álvaro. (2014). Ruinofilia. Ruínas Habitadas. Revista *ARQA, Ruínas Habitadas* 112.

FOLGADO, Deolinda. (2004). *Património Industrial. Que memória?*. 8ª mesa redonda de Primavera. Conservar para quê? FLUP. Porto. Portugal.

FRANCK, Karen, & **STEVENS**, Quentin. (2007). Loose space: Possibility and diversity in public life. London. Em Em BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela. (2013).

GEHL, Jan. (2011). Entrevista por Bianca Antunes. Revista AU, Edição 215, Dezembro. São Paulo. Brasil.

JORDÃO, Joaquim. (1994). Perspectiva histórica do urbanismo em Felgueiras. *Felgueiras Cidade*. Edição da Câmara Municipal de Felgueiras.

KIVELL, Philip, & **HATFIELD**, Sarah. (1998). *Derelict land: Some positive perspectives*. Em BARRON, Patrick; MARIANI, Manuela. (2013).

LIRA, Sérgio. Um caso de reutilização do património arquitectónico industrial. O Museu da Indústria da Chapelaria de S. João da Madeira. *A obra nasce, 4*. Universidade Fernando Pessoa. Portugal

MACHADO, Rosário. Entrevista a diretora da Rota do Românico no Jornal O progresso de Paredes. (Setembro de 2011)

MATOS, Ana; **SAMPAIO**, Maria. (2014). *Património industrial e museologia em Portugal*. Museologia e interdisciplinaridade, vol. III. Universidade de Brasília. Brasil.

MONTANER, Josep Maria. (1990). *El Modelo Barcelona. Geometria nº10*.

MOREIRA, Inês. (2014). Após a fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pós-industriais. Revista *ARQA Ruínas Habitadas*, 112.

O Jornal de Felgueiras, nº142, 16 de Maio de 1914. Inauguração de um troço da linha férrea.

PEREIRA, Pascal. (2006). *A problemática da identidade territorial no contexto do Vale do Sousa*. Universidade Fernando Pessoa. Porto.

PESAVENTO, Sandra. *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. Revista Esboços, nº11. UFSC. Brasil.

Portugaliae Monumenta Histórica, Diplomata et Chartae, doc. Nº76, p. 46, e Vimarani Monumenta Histórica.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. (1992) "A casa dos sem casa". *Psicologia, ciência e profissão*. Ano 12. n. 3 e 4. São Paulo, USP

RAMONEDA, Josep. *La periferia*. Revista Urbanisme 9-10, Projectar la periferia. Barcelona.

ROCHA, Ana Raquel Faria. *Reabilitar a Fábrica Têxtil Belcor: entre a singularidade dos seus espaços e a complexificação dos seus usos*. Universidade do Minho. 2016.

SAMPAIO, Manuel.. *Indústrias*. O Jornal de Felgueiras. Nº2.167 (16 de Janeiro de 1954). Felgueiras.

SANTOS, Ana Borja, chefe de gabinete. (25 de Maio de 1995). *Diário de Assembleia da República, II-Série B, nº31*.

SETTI, Giulia. (2012). New ways of reusing abandoned industrial architectures. In *Living landscapes – landscapes for living*. Florença. Planum: The journal of urbanismo.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. (1996). *Presente y futuros*. La arquitectura en las ciudades. Catálogo do XIX Congresso da UIA. Barcelona.

TICCIH. (2003). Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial.

VELOSO, Cláudia. (1999). *A história das cidades termina no século XX e não no século XVII*.. Entrevista a Jorge Custódio. Revista Pedra & Cal. Património Arquitectónico Industrial, nº4.

WENDERS, Wim e **KOLLHOFF**, Hans. *La ciutat*. Conversa entre Wim Wenders y Hans Kollhoff.

Artigos Online

Câmara Municipal de Felgueiras. (2007). Estudo Prospetivo. Disponível em:

Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Área de reabilitação Urbana. Disponível em: <http://www.cm-felgueiras.pt/pt/Regeneracao-Urbana-Mobilidade-Candidaturas>

Câmara Municipal de Felgueiras. (2015). Plano Diretor Municipal. Disponível em: <http://www.cm-felgueiras.pt/pt/revisao-do-pdm>

GISLON, Jacinta Milanez. (2015). *O paradoxo da cidade do futuro: uma volta ao passado?* Arquitetura. História. Património. Disponível em: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2015/09/11/o-paradoxo-da-cidade-do-futuro-uma-volta-ao-passado/>

KOOLHAAS, Rem. (2013). Entrevista a revista Designboom acerca do tema da Bienal de Veneza de 2014. Disponível em: <https://www.designboom.com/architecture/rem-koolhaas-revisits-fundamentals-for-the-2014-venice-architecture-biennale/>

MENDONÇA, Adalton da Motta (2001). *Vazios e ruínas industriais: Ensaio sobre friches urbaines*, Arquitextos, Brasil: Vitruvius Revista on-line. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>

MIGUEL, Telma. *Felgueiras, a capital da bota*. Jornal Sol (23 de Fevereiro 2014). Disponível em <https://sol.sapo.pt/artigo/100001/felgueiras-a-capital-da-bota>

OLIVEIRA, Rui. (2009). *Felgueiras "cidade amórfica" - Vale do Sousa é a região mais pobre da Europa!* em Terra de Felgueiras. Acesso em <http://terradefelgueiras.blogspot.pt/>

ROCHA, Eduardo. (2008). Os lugares do abandono em *Arquitextos*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.097/137>

RODRIGUES, Jorge. *A tribo dos sapatos alternativos*. Janela na Web. Disponível em: <http://www.janelanaweb.com/manageme/swear.html>

SÁ E MELO, Luís Pedro. *Terrain vague*. Notas de investigação para uma identidade em *ArteCapital*. Disponível em: http://www.artecapital.net/arq_des-14-terrain-vague-notas-de-investigacao-para-uma-identidade.

WOOS, Lebbeus. *Thoughts on Architecture of Resistance*. Disponível em: <http://www.lebbeuswoods.net/LW-ResistanceText2.pdf>

Sites

NoVOID, *Ruins and vacante lands in portuguese cities*. Disponível em: <http://www.ceg.ulisboa.pt/novoid/>

Prémio Pritzker. Disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/laureates/balkrishna-doshi>

Pão de Ló de Margaride. Disponível em: <http://www.paodelodemargaride.pt/html5/>

Filmes

CARNÉ, Marcel. (Director). (1960). *Terrain vague* (filme). França.

WENDERS, Wim. (2006). *Der Himmel über Berlin* [vídeo]. München: Focus Verlag.

FELICI, Benoit. (Director). (2011). *Unfinished Italy* (filme). Itália.

Índice de Imagens

Figura I_ Fotomontagem <i>A Fábrica</i> . (2018). Fonte:.....	6
Elaborada pelo autor.	
Figura II_ Fotomontagem <i>Cronologia Parte I</i> . (2018).....	12
Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura III_ Fotomontagem <i>A rota até terrain vague</i>	16
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura IV_ Frame do filme <i>Der Himmel über Berlin</i>	20
[frame: 00:43:10] de WENDERS, Wim. (2006). . München : Focus Verlag.	
Figura V_ Fotomontagem <i>As cidades invisíveis</i>	22
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura VI_ Fotomontagem <i>Identidade de</i>	28
<i>palimpsesto</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura VII_ Fotomontagem <i>Sandokan e o imaginário</i>	36
<i>rural</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura VIII_ Desenho, esquemas de estratificação.....	40
do concelho de Felgueiras.	
Figura IX_ Desenho, planta síntese do concelho de.....	41
Felgueiras no ano de 1850.	
Figura X_ Fotomontagem <i>Felgueiras, um comboio</i>	42
<i>e a Primeira Guerra Mundial</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XI_ Fotografia da Inauguração da linha.....	46
férrea. (16 de Maio de 1914). Fonte: O Jornal de Felgueiras nº142.	
Figura XII_ Postal do interior da fábrica de Pão de.....	47
Ló de Margaride.Fonte: http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/fabrica-do-pao-de-lo-de-margaride/	
Figura XIII_ Anúncios relativos a indústrias que.....	48
surgiram no século XX no concelho de Felgueiras. Fonte: PACHECO, Elsa. ALVES, Jorge Fernandes. SOARES, Laura. (2015). <i>Indústria de Felgueiras: história e configurações</i> .	
Figura XIV_ Desenho, planta do concelho de.....	49
Felgueiras, com inscrição da linha de comboio.	
Figura XV_ Fotomontagem <i>A inesperada</i>	50
<i>(r)evolução</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XVI_ Fotografia da Fábrica Belcor em.....	55
funcionamento. Fonte: ROCHA, Ana Raquel Faria. <i>Reabilitar a Fábrica Têxtil Belcor: entre a singularidade dos seus espaços e a complexificação dos seus usos</i> . Universidade do Minho. 2016.	
Figura XVII_ Fotomontagem <i>Cronologia Fábrica</i>	56
<i>Belcor</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	

Figura XVIII_ Fotomontagem <i>Com os pés na Guerra das Estrelas</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	60
Figura XIX_ Fotografia de catálogo da marca Swear Shoes. Fonte: https://www.swear-london.com/	62
Figura XX_ Desenho, planta do concelho de Felgueiras, com marcação das principais indústrias do setor do calçado.	65
Figura XXI_ Fotomontagem <i>A paragem dos motores</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	66
Figura XXII_ Levantamento fotográfico da fábrica Belcor.	70
Figura XXIII_ Fotomontagem <i>Uma cidade amórfica</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	72
Figura XXIV_ Esquemas de representação da cidade de Felgueiras.	76
Figura XXV_ Desenho, planta da cidade de Felgueiras. Núcleo e vazios urbanos.	77
Figura XXVI_ Fotomontagem <i>Campanha (proj)atual</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	80
Figura XXVII_ Desenho, esquemas ARU vs. expansão.	84
Figura XXVIII_ Desenho, planta da cidade de Felgueiras. Planos urbanísticos em vigor.	85
Figura XXIX_ Fotomontagem <i>Visões da população</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	86
Figura XXX_ Fotomontagem <i>Futuro com os olhos no passado</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	90
Figura XXXI_ Desenho, Planta de Felgueiras no futuro, por Arq. Joaquim Jordão. (1994). Fonte: Perspectiva histórica do urbanismo em Felgueiras. <i>Felgueiras Cidade</i> . Edição da Câmara Municipal de Felgueiras.	95
Figura XXXII_ Fotomontagem <i>Fábrica das Histórias</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	102
Figura XXXIII_ Fotomontagem <i>Cronologia Parte II</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	104
Figura XXXIV_ Fotomontagem <i>No terrain vague</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	108
Figura XXXV_ Desenho, corte da ação no terrain vague.	111
Figura XXXVI_ Fotomontagem <i>As ruínas visíveis</i> . (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	112
Figura XXXVII_ Desenho, corte da ação as ruínas visíveis.	115

Figura XXXVIII_Fotomontagem A escrita do	116
<i>palimpsesto.</i> (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XXXIX_Esquemas de localização das ações.	118
Figura XL_Desenho, planta de <i>palimpsesto.</i>	119
Figura XLI_Fotomontagem A permanência do	122
<i>imaginário rural.</i> (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XLII_Desenho, corte axonométrico da ação	124
<i>A permanência do imaginário rural.</i>	
Figura XLIII_Fotomontagem A passagem do	126
<i>comboio.</i> (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XLIV_Desenho, corte da ação <i>A passagem</i>	129
<i>do comboio.</i>	
Figura XLV_Fotomontagem Vestígios da (r)evolução	130
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XLVI_Identificação dos vestígios e processos	132
de produção relacionados.	
Figura XLVII_Desenho, corte da ação <i>Vestígios da</i>	133
<i>(r)evolução.</i>	
Figura XLVIII_Fotomontagem Uma nova guerra	136
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura XLIX_Desenho, corte da ação <i>Uma nova</i>	138
<i>guerra.</i>	
Figura L_Fotomontagem A estrutura como motor	140
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura LI_Desenho, pormenor construtivo da	142
cobertura.	
Figura LII_Desenho, corte da ação <i>A estrutura</i>	143
<i>como motor.</i>	
Figura LIII_Fotomontagem Panorama amórfico	144
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura LIV_Desenho, corte da ação <i>Panorama</i>	146
<i>amórfico.</i>	
Figura LV_Fotomontagem (Proj)ação autárquica	150
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura LVI_Desenho, corte da ação <i>(Proj)ação</i>	152
<i>autárquica.</i>	
Figura LVII_Fotomontagem Propostas da	154
<i>população.</i> (2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	
Figura LVIII_Desenho, axonometrias da ação	156
<i>Propostas da população.</i>	
Figura LIX_Fotomontagem Futuro como memória	158
(2018). Fonte: Elaborada pelo autor.	

Figura LX _Desenho, corte da ação <i>Futuro como memória</i>	160
Figura LXI _Esquema do objetivo e processo do projeto da Fábrica das Histórias.....	164

Anexos

**Entrevista a Sr. Amadeu, antigo trabalhador da Fábrica Belcor,
no dia 28 de Março de 2018**

Eram 16:03h, quarta-feira. O sr. Amadeu estava sentado na sala de estar, a ver o seu programa habitual, ao pé de uma pequena salamandra e com uma manta sobre as pernas, que o aqueciam num dia particularmente frio e chuvoso.

- Que idade tem?

▪ 86 anos. (respondia com certezas de uma mente lúcida e consciente das suas memórias, apesar do seu corpo já não corresponder de igual forma).

- Que idade tinha quando trabalhou na fábrica Belcor?

▪ Comecei em 1959, logo tinha os meus 27 anos.

- Então trabalhou praticamente desde a fundação da fábrica?

▪ Sim, aquilo começou em 1954, então entrei passado 5 anos e trabalhei lá 35 anos.

- Então esteve quase até ao encerramento?

▪ Mais ou menos, saí na década anterior. Vim embora porque me deu uma trombose, e, entretanto, fiquei de baixa médica. Aquilo foi à falência uns anos mais tarde. Meteram-se com jovens com pouca experiência, filhos do dono.

- Mas a fábrica tinha muito movimento, muito trabalho, muita evolução, não é verdade?

▪ Muito, devia ter à volta de 700 trabalhadores. Era uma fábrica de alto gabarito. No tempo do falecido engenheiro Bezerra, do Bravo, do mestre Lopes, este que era um grande condutor de homens, era muito inteligente. (Não percebo porque se matou uns anos mais tarde. Foi estúpido. Já me tinha dito a mim que se ia matar, mas eu disse-lhe para ganhar juízo.) Mas aquilo deu dinheiro, aliás deu rios de dinheiro. Luís Correia Sousa Areias, era o proprietário.

- Mas o seu encerramento foi previsível ou ninguém estava à espera?

▪ Ele meteu-se com rapaziada nova, engenheiros que estiveram na América com ele a estudar, depois deixou tudo a um filho, uma fortuna. Quintas, fábricas, a Luzmonte em Vizela, a LuzCorreia em Guimarães, e dinheiro, muito dinheiro. Quando ele morreu, descobriu-se que tinha mais de uma centena de amantes, e cada uma veio à Belcor buscar a sua parte, naquela época cento e tal contos cada uma, pois ele deixou escrito no testamento. Ele era muito rico, tinha um Peugeot cor de leite, quando entrava em Felgueiras diziam "está aí o rico". Tinha motorista, entrava na fábrica a uma grande velocidade. Mas apesar de tudo era um bom homem, infelizmente quando morreu o filho não soube gerir as coisas, andava metido em coisas estranhas e acho que chegaram a mata-lo em Espanha.

- Pois, meteu-se em problemas e levou a fábrica à falência...

▪ Isto era enorme, tinha fiação, tecelagem, confecção de artigos.

- Então ali, entrava a matéria prima e saía o produto final?

▪ Sim, entrava em fardos, camiões de fardos, e saía o material finalizado. Quando encerrou ficou muita gente desempregada. Ele (o patrão) foi dando indemnizações, a mim deu-me duzentos ou trezentos contos, apesar de ter direito a mais porque era empregado da casa, mas como já não estava ao serviço, estava de baixa... Ainda gastou muito dinheiro em indemnizações.

- Se lhe perguntasse o que gostaria de ver ali agora o que me respondia?

▪ Ali, aqui há uns tempos falaram que era para o "Jumbo", um supermercado. (Aquilo tinha muitas condições, tinha que manter uma temperatura para o fio ter qualidade ao sair das máquinas. Entrava em rama, ia para o batedor, para as cardas, para a gaseadeira, urdideira, para os contínuos, para as bobinadeiras, e por fim para os teares para tecer.) Mas uma função para aquilo, não sei... Agora acho que pertence à segurança social, porque eles (proprietários) deviam aos bancos, e à segurança social porque não pagavam os descontos, a segurança social pagou aos bancos e ficou com a dívida, um milhão de contos...

Entretanto toca o relógio de sala que, tendo em conta a nostalgia da conversa, nos faz recuar no tempo...

▪ Eu acho que é da segurança social, mas outros dizem que não, que pertence a uns vigaristas de Fafe que compraram isto, mas não sei...

- Mas você acha que o melhor seria demolir para construção ou aproveitar o existente?

▪ Aquilo é tudo em pedra, pedra da boa, perpianho. Eram blocos grandes e foi feito com muita segurança e resistência, até é pena aquilo não ser aproveitado. Para o uso que teve penso que já não seria rentável, mas para outro penso que deveria ser aproveitado. Para mim era um supermercado, aquilo é muito grande, parecia uma quinta. No final ainda construíram um pavilhão nas traseiras, enorme, era a nova fiação, entrava em fardo e saía em canela. Mas aí já era muito eletrónico, as pessoas não estavam preparadas para isso, eram máquinas enormes de quinze mil contos cada uma.

- O senhor Amadeu o que fazia na fábrica?

▪ Era lubrificador. Fui cortador de fio, para o armazém, e depois o mestre Lopes soube que eu tinha uma hérnia e disse-me "eu vou-te tirar de cortar fio, vais pegar numa galheta para pôr óleo e massa nas máquinas. Onde vires uma junta a ficar seca, metes massa". Era um bom trabalho, mas de muita responsabilidade, as máquinas custavam uma fortuna se queimassem, era preciso estar muito atento.

- Mas gostou de trabalhar lá?

▪ Sim, haviam períodos bons..., mas eu não queria esse modo de vida, eu não sou de cá.

- O que fez depois da fábrica?
- Vim para casa e reformei-me.
- Então foi praticamente no fecho a fábrica?
- Sim, mas se ficasse até ao fecho recebia para aí três mil contos. Eu tinha muitos anos de serviço, foi uma vida dedicada aquela fábrica. Eu ainda trabalhei numa loja de ferramentas, saí da escola com 12 anos e fui trabalhar para a loja. Mas uns anos mais tarde, já namorava com a senhora Ana (relembra o senhor Amadeu com carinho a falecida esposa), fui ter com ela à feira e perdi-me no tempo, cheguei à loja e o patrão mandou-me embora. Entretanto fui para tropa, e quando vim casei-me e mudei-me para aqui, Felgueiras. Eu nasci em Angola, vivi desde a infância em Famalicão e depois passei praticamente a minha vida em Felgueiras, e aqui estou.
- Pronto senhor Amadeu, muito obrigado pelo seu testemunho.

Entrevistas à população sobre o futuro da cidade de Felgueiras e da fábrica Belcor.

Sr. Amadeu (86 anos, reformado, antigo trabalhador da Belcor)

BELCOR – Ali, aqui há uns tempos falaram que era para o "Jumbo", um supermercado. Mas uma função para aquilo, não sei... Agora acho que pertence à segurança social, porque eles (proprietários) deviam aos bancos, e à segurança social porque não pagavam os descontos, a segurança social pagou aos bancos e ficou com a dívida, um milhão de contos...

Aquilo é tudo em pedra, pedra da boa, perpianho. Eram blocos grandes e foi feito com muita segurança e resistência, até é pena aquilo não ser aproveitado. Para o uso que teve penso que já não seria rentável, mas para outro penso que deveria ser aproveitado. Para mim era um supermercado, aquilo é muito grande, parecia uma quinta.

Fátima Ferreira (57 anos, massagista)

BELCOR - Futuramente imagino este grande espaço totalmente preenchido com lojas alusivas ao calçado, gabinetes de formação, ateliers de designers. Porque não, como estamos na terra do pão de ló, também um espaço onde se ensinasse a técnica da sua confeção, uma das tradições que acabará por se perder no tempo. Por último gostava muito que alguém se interessasse por ter cá um cinema.

FELGUEIRAS – Além de industrialmente estar bem enraizada, Felgueiras tem que recuar um pouco e evoluir ainda mais em termos agrícolas, visto que nesta zona o solo é muito fértil. Está num bom caminho, a população em geral é empreendedora, e todo o comércio e indústria só beneficiam com este desenvolvimento.

Susana Cunha (25 anos, professora)

BELCOR – Na fábrica imagino algo à indústria do calçado, que é um dos grandes meios de sustentabilidade do concelho. Imagino algo como um museu do calçado ou uma área comercial ligada a essa mesma indústria.

FELGUEIRAS – Como felgueirense, gostava que a minha cidade se tornasse numa cidade mais desenvolvida e empreendedora, e que desse mais valor ao trabalho dos jovens da terra. Gostava que investisse nas indústrias e em eventos culturais.

Bruno Sousa (27 anos, distribuidor de peles para a indústria do calçado)

BELCOR – Na fábrica, imagino uma área comercial ligada à indústria do calçado.

FELGUEIRAS – Com muita pena, não tenho grandes expectativas a nível de desenvolvimento da cidade. Felgueiras é a capital do calçado, que neste momento se encontra em plena crise. Acho que nos próximos anos Felgueiras não será alvo de grande evolução.

Bárbara Ribeiro (24 anos recém-licenciada, empregada de escritório)

BELCOR – Imagino um leque de possíveis oportunidades de aproveitamento do espaço. Se por um lado acho que neste local se devia fazer um apanhado do que realmente temos na terra para mostrar – como um museu, uma escola, um incentivo e chamariz para os mais novos – por outro imagino algo que possa trazer mais capitalismo para a cidade, como um shopping, que reverta as atenções para aquele local e que chame as pessoas, tanto da cidade como das vizinhanças.

Não tenho bem noção do espaço que é necessário para uma intervenção desta dimensão, não pertença a esta área, no entanto acho que uma "simples intervenção" não será suficiente para renomear a Belcor. É necessária uma intervenção atenta e cuidada que dê certezas que aquele local é uma mais valia para a cidade.

FELGUEIRAS – Quando falamos em Felgueiras eu queria poder afirmar que esta seria uma cidade muito mais expandida no futuro, mas eu sei que estará bem longínqua essa expansão...Feliz ou infelizmente o que eu imagino que a cidade será num futuro próximo – 20 ou 30 anos – é uma cidade em que o setor do calçado irá predominar, como de momento, e que a faixa etária que irá estar em maioria será dos 40 anos ou mais. Os jovens da atualidade, como eu, que estudam com o objetivo de um futuro promissor, certamente estarão em cidades vizinhas (ou até mesmo fora do país). Por ser uma cidade em que a oferta/ procura de mão de obra é grande, mas mal remunerada, penso que no futuro será uma cidade com uma diferença significativa entre o "rico" e o "pobre".

A longo prazo, no tempo dos meus netos possivelmente, imagino um cenário melhor, uma cidade com mais vida. Mais locais para sair e visitar (que estão em falta hoje), mais vida, e sobretudo a resolução de problemas relacionados com as populações necessitadas (de etnia cigana) que afetam os restantes cidadãos da cidade. O futuro será de expansão, relativamente ao número de residentes e penso que aí o Polo da Universidade do Porto (EST-GF, que tem vindo a crescer e sobretudo prometido nos últimos anos), terá um papel fundamental.

Márcia Freitas (42 anos, operária no setor do calçado)

BELCOR – Para a Belcor imagino uma fábrica de calçado, ou então nada... Já se encontra fechada há tantos anos que se alguém quisesse construir lá alguma coisa, já o teria feito... Imagino que o preço pedido deve ser demasiado elevado, no entanto um grande investimento poderá significar um igual retorno, por isso uma boa intervenção ali poderia significar uma "mina de ouro".

FELGUEIRAS – A cidade no futuro, não sei... imagino muitas rotundas, prédios altos e muitas fábricas de calçado. Uma cidade muito poluída, por todos os fumos dispensados pela indústria. Seremos só velhos a trabalhar, 8 sob 8 horas. Os patrões serão ainda mais exigentes ainda mais "agarrados" ao dinheiro e os direitos dos trabalhadores, se hoje em dia não são devidamente aplicados no futuro penso que ainda será pior... Ainda bem que só tenho mais vinte anos para trabalhar, ou ainda mal...

Tese

	FEV 02/10	MAR 03/10	APR 04/10	MAR 05/10	MAR 06/10	ABR 07/10	MAR 08/10	ABR 09/10	MAR 10/10	ABR 11/10
I. ENROL	████████									
II. SUSTENTA		████████	████████							
III. CLAMOR			████████	████████	████████					
IV. RUA			████████	████████	████████	████████				
V. TRUQUE						████████	████████	████████	████████	
VI. TEMPO E MORAL								████████	████████	████████

[illegible]

Préface / Introdução / 1. O desenvolvimento do trabalho com base em histórias

Capítulo I: Criação Histórica Os temas desenvolvidos na investigação com base em histórias:

- 1.1. "Terrenço Vagante" ☒
- 1.2. "Luz" ☒
- 1.3. "Jardim da Identidade" ☒
- 1.4. "Jardim da Identidade" ☒

Capítulo II: Biografia Indícios do lugar e do contexto social que marcaram a sua desenvolvimento

- 2.1. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.2. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.3. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.4. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.5. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.6. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.7. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.8. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.9. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.10. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.11. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.12. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.13. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.14. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.15. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.16. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.17. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.18. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.19. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.20. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.21. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.22. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.23. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.24. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.25. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.26. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.27. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.28. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.29. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.30. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.31. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.32. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.33. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.34. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.35. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.36. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.37. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.38. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.39. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.40. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.41. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.42. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.43. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.44. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.45. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.46. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.47. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.48. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.49. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.50. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.51. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.52. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.53. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.54. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.55. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.56. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.57. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.58. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.59. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.60. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.61. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.62. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.63. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.64. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.65. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.66. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.67. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.68. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.69. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.70. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.71. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.72. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.73. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.74. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.75. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.76. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.77. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.78. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.79. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.80. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.81. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.82. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.83. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.84. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.85. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.86. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.87. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.88. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.89. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.90. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.91. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.92. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.93. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.94. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.95. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.96. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.97. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.98. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.99. "A Biografia de Fátima" ☒
- 2.100. "A Biografia de Fátima" ☒

Capítulo III: Contexto Contexto social

- 3.1. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.2. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.3. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.4. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.5. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.6. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.7. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.8. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.9. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.10. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.11. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.12. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.13. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.14. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.15. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.16. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.17. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.18. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.19. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.20. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.21. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.22. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.23. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.24. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.25. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.26. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.27. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.28. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.29. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.30. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.31. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.32. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.33. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.34. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.35. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.36. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.37. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.38. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.39. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.40. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.41. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.42. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.43. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.44. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.45. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.46. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.47. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.48. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.49. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.50. "A Biografia de Fátima" ☒
- 3.51. "

0. ^{QUAT} INTRODUÇÃO

~~TEMA~~ HISTÓRIAS COMO NARRATIVA

I. ^{dispositivo} CITACÃO ^{Elaboração} dos textos presentes, com base em referências



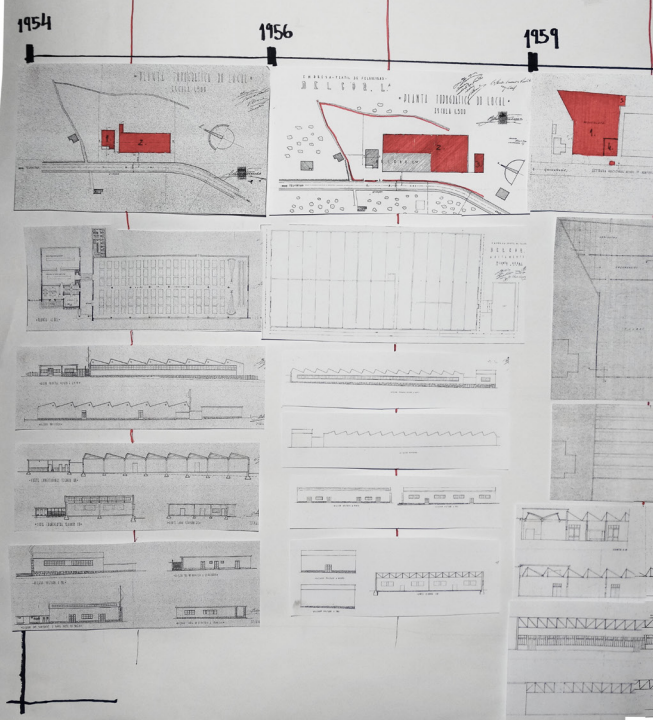
Lenz's equation: $\mathcal{E} = -\frac{d\Phi_B}{dt}$
 Lenz's law states: Induced EMF is such that it opposes the change in magnetic flux that produced it.

II. BIOGRAFIA



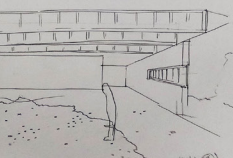
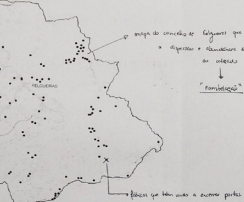
Accomp une bichine
noir et blanc est
pêche !!

PRÁTICA

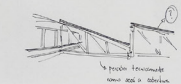
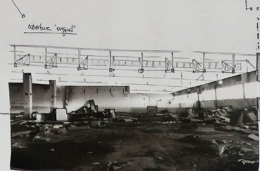
[illegible]

Processo *Introdução (Parte I): Histórias como narrativa.*

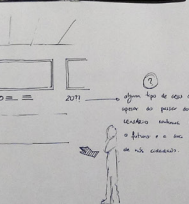
a sua expansão nos finais do século XIX, sobretudo a nível
e o melhor ponto de desenvolvimento da cidade.



- empresas do tipo do usuário e no ar, muitas empresas (bancos) e grandes empresas
- outras fontes e muitas outras fontes de dados relevantes.
- ruído de fundo e de grande variedade
 - exposições polêmicas de ruído como efeitos de interferências e interferências



do desenvolvimento e saúde da população.
em vários aspectos.



CAPITULO II	FILLO
-------------	-------

PREVIOUS → CAMPANA (PRO) ATUAL

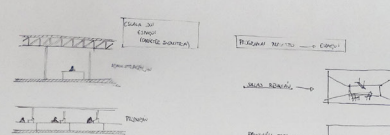
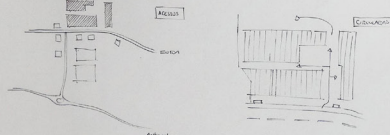
alguns projetos identificados pela autarquia, que ali não seriam encaminhados para serem
também mais problemas no desenvolvimento urbano (e não só) da cidade.

Donc l'inducteur du Débit de Débit \rightarrow Rebrousse Débit

trabalhar como se estivesse com capacidade de atingir projeto

$$\boxed{\text{SITUAÇÃO}} + \boxed{\text{AVALIO}} = \boxed{\text{EXATA AO CÍRCULO}} + \boxed{\text{ESTRUTURA}}$$

(testar a robustez de uma parte do programa com os dados?)



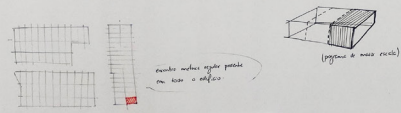
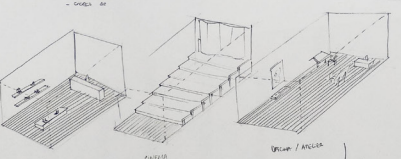
Deposited

D.M. FELLEGAS, JR.

MS. 308A?

- pozycja i cenność, dawać się

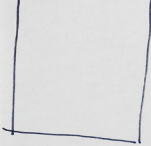
- Größe der



Formulação

Reflexos sobre a consciência da população.

G:DADE



Paposteo *municipalis*.

IV - **MEMÓRIA** COM OS OLHOS NO PASSADO — O FUTURO PRESENTE

- Proxim no passado deu respostas ao presente num período de abrangimento de

— ACCORD ?

Propostas por parte de populações:

